

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Mestrado em Estudos de Linguagens

Alessandra Rodrigues Álvares

**UMA PRESENÇA QUE SE VÊ, UMA AUSÊNCIA QUE SE NOTA:
autoria e função autor no livro didático de português como língua estrangeira em uma
análise gráfica-editorial**

Belo Horizonte

2023

Alessandra Rodrigues Álvares

**UMA PRESENÇA QUE SE VÊ, UMA AUSÊNCIA QUE SE NOTA:
autoria e função autor no livro didático de português como língua estrangeira em uma
análise gráfica-editorial**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Edição, Linguagem e Tecnologia

Orientadora: Profa. Dra. Marta Passos Pinheiro

Belo Horizonte

2023

Álvares, Alessandra Rodrigues.
A473p Uma presença que se vê, uma ausência que se nota : autoria e função autor no livro didático de português como língua estrangeira em uma análise gráfica-editorial / Alessandra Rodrigues Álvares. – 2023.
143 f. : il.
Orientadora: Marta Passos Pinheiro.
Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2023.
Bibliografia.

1. Autoria. 2. Livro didático. 3. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Falantes estrangeiros. 4. Projeto gráfico - Edições. I. Pinheiro, Marta Passos. II. Título.

CDD: 070.52



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS - NS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 15 / 2023 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.042410/2023-01

Belo Horizonte-MG, 23 de agosto de 2023.

ALESSANDRA RODRIGUES ÁLVARES

UMA PRESENÇA QUE SE VÊ, UMA AUSÊNCIA QUE SE NOTA: autoria e função autor no livro didático de português como língua estrangeira em uma análise gráfica-editorial

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 21 de agosto de 2023, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Marta Passos Pinheiro (Orientadora)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Oliveira Galvão
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Renato Caixeta da Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 28/08/2023 22:02)
MARTA PASSOS PINHEIRO
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1581252

(Assinado digitalmente em 23/08/2023 10:44)
RENATO CAIXETA DA SILVA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1218319

(Assinado digitalmente em 23/08/2023 16:24)
ANA MARIA DE OLIVEIRA GALVÃO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.574-##

Visualize o documento original em <https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **15**, ano: **2023**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **23/08/2023** e o código de verificação: **3e294993e4**

AGRADECIMENTOS

À minha força e teimosia que vem dos deuses, dos astros, da natureza e dos encontros.

À minha mãe Arlete Rodrigues, por ser minha primeira fonte de amor, e à minha irmã Ana Carolina Rodrigues, por ser minha eterna.

À minha família, pela paciência e afeto. Em especial às minhas tias Alda Lacerda, Ângela Lacerda, Celeida Lacerda, Celeste Lacerda, Helenice Lacerda e Marília Lacerda, por serem meu lar, e, sem dúvidas, a minha maior sorte. Vocês irradiam o calor do cuidado familiar.

Ao Martín Saposnik, por me mostrar cotidianamente que o amor pode ser sereno e respeitoso. Seu companheirismo me emociona.

À professora Dr.^a Marta Passos Pinheiro, pela orientação atenciosa e por aceitar embarcar neste trabalho ao meu lado de forma tão generosa.

Aos meus amigos, pela honestidade, parceria e completude. Sem vocês a vida não seria tão rara.

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, por seguir me abrindo tantas portas, me apresentado a pessoas incríveis e me permitido ser mais do que pude imaginar.

À FAPEMIG, agência de fomento que possibilitou a realização desta pesquisa.

RESUMO

Nesta pesquisa, busca-se compreender a manifestação da autoria e da função autor livro didático de Português como Língua Estrangeira. Para tanto, são analisados os projetos gráfico-editoriais de cinco publicações didáticas de português para estrangeiros: *Bons Negócios – Português do Brasil para o mundo do trabalho*, *Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros*, *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*, *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* e *Muito Prazer: fale o português do Brasil – Livro 1*. Foram definidas duas categorias de análise: i) uma presença que se vê e ii) uma ausência que se nota. Na primeira, uma presença que se vê, consideram-se os elementos paratextuais do *corpus* em que a manifestação autoral é visível, enquanto na segunda, uma ausência que se nota, discutem-se os elementos paratextuais em que a ausência das marcas autorais é notável. A pesquisa ainda propõe uma discussão acerca do desenvolvimento da noção de autoria em nossa cultura, buscando compreender qual a autoridade do autor na atualidade, e realiza um apanhado teórico da concepção e do emprego de componentes centrais em um projeto gráfico-editorial, como o design da obra e os paratextos editoriais. Como fundamentação teórica, são empregados os estudos de Michel Foucault, Roger Chartier, Richard Hendel, Eliana Muzzi e Gerard Genette. Dessa forma, estabelece-se um diálogo frutífero entre: autoria e função autor, livros didáticos de português para estrangeiros e projeto gráfico-editorial. Constatou-se que a configuração visual e textual de uma publicação didática é fruto do planejamento, das definições editoriais, da intencionalidade e dos formatos gráficos empregados, que tanto a presença quanto a ausência das marcas de autoria assumem um lugar estratégico em cada publicação, que há diferentes tipos de autorias desempenhadas em um livro didático de português como língua estrangeira, visto seu caráter colaborativo de produção, e que o fortalecimento das instâncias autorais se dá de formas particulares, ora graficamente, ora textualmente, ora de forma pessoal, ora de forma institucional.

Palavras-chave: Autoria; Função autor; Livro didático de português para estrangeiros; Projeto gráfico-editorial

ABSTRACT

In this research, it is sought to understand the manifestation of authorship and the author role in a textbook of Portuguese as a foreign language. To this end, the graphic-editorial projects of five Portuguese textbooks for foreigners are analyzed: *Bons Negócios – Português do Brasil para o mundo do trabalho*, *Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros*, *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*, *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* and *Muito Prazer: fale o português do Brasil – Livro 1*. Two categories of analysis were defined: i) a presence that can be seen and ii) an absence that is noticed. In the first, a presence that can be seen, the paratextual elements of the corpus in which the authorial manifestation is visible are considered, while in the second, an absence that is noticed, the paratextual elements in which the absence of authorial marks is notable are discussed. The research also proposes a discussion about the development of the notion of authorship in our culture, seeking to understand what the author's authority is today, and it carries out a theoretical overview of the conception and use of central components in a graphic-editorial project, such as design of the work and the editorial paratexts. As a theoretical foundation, the studies of Michel Foucault, Roger Chartier, Richard Hendel, Eliana Muzzi and Gerard Genette are employed. In this way, a fruitful dialogue is established between: authorship and the author role, Portuguese textbooks for foreigners and graphic-editorial design. It was found that both the presence and absence of authorship marks assume a strategic place in each publication, that there are different types of authorship performed in a textbook of Portuguese as a foreign language, given its collaborative nature of production, and that the strengthening of these authorial instances occurs in particular ways, sometimes graphically, sometimes textually, sometimes personally, sometimes institutionally.

Keywords: Authorship; Author role; Portuguese textbook for foreigners; graphic-editorial design

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: crescimento da produção de livros didáticos de PLE no Brasil	43
Figura 2: capa - <i>Bons Negócios</i>	61
Figura 3: lombada - <i>Bons Negócios</i>	63
Figura 4: quarta capa - <i>Bons Negócios</i>	65
Figura 5: folha de rosto - <i>Bons Negócios</i>	67
Figura 6: folha de créditos - <i>Bons Negócios</i>	69
Figura 7: modelo de padronização da catalogação da CBL	70
Figura 8: mensagem final das autoras – <i>Bons Negócios</i>	72
Figura 9: capa - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	74
Figura 10: lombada - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	75
Figura 11: quarta capa - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	76
Figura 12: segunda orelha - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	77
Figura 13: falsa folha de rosto - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	79
Figura 14: verso da falsa folha de rosto - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	80
Figura 15: folha de rosto - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	81
Figura 16: página de créditos - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	83
Figura 17: autor das ilustrações - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	84
Figura 18: modelo de padronização da catalogação da SNEC	84
Figura 19: prefácio - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	85
Figura 20: sobre as autoras - <i>Falar...Ler...Escrever...Português</i>	86
Figura 21: capa - <i>Samba!</i>	88
Figura 22: lombada - <i>Samba!</i>	90
Figura 23: quarta capa - <i>Samba!</i>	90
Figura 24: página de crédito - <i>Samba!</i>	92
Figura 25: ficha catalográfica - <i>Samba!</i>	93
Figura 26: página de rosto – <i>Samba!</i>	94
Figura 27: apresentação - <i>Samba!</i>	95
Figura 28: legenda dos ícones - <i>Samba!</i>	96
Figura 29: trechos da seção “Como usar este livro” - <i>Samba!</i>	97
Figura 30: trechos da seção “Como usar este livro” - <i>Samba!</i>	97
Figura 31: capa - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	98
Figura 32: capa 1ª edição - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	99

Figura 33: lombada - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	100
Figura 34: quarta capa - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	101
Figura 35: primeira orelha - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	102
Figura 36: segunda orelha - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	103
Figura 37: folha de rosto - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	104
Figura 38: página de crédito - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	106
Figura 39: autores - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	107
Figura 40: ficha catalográfica - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	108
Figura 41: sobre os autores - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	108
Figura 42: material suplementar - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	109
Figura 43: apresentação - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	110
Figura 44: última página da seção “Como usar o seu Novo Avenida Brasil” - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	111
Figura 45: capa - <i>Muito Prazer</i>	113
Figura 46: lombada - <i>Muito Prazer</i>	114
Figura 47: folha de rosto - <i>Muito Prazer</i>	114
Figura 48: página de créditos - <i>Muito Prazer</i>	115
Figura 49: ficha catalográfica - <i>Muito Prazer</i>	116
Figura 50: dedicatória - <i>Muito Prazer</i>	117
Figura 51: agradecimento - <i>Muito Prazer</i>	118
Figura 52: trechos da “Apresentação” - <i>Muito Prazer</i>	119
Figura 53: falsa folha de rosto - <i>Bons Negócios</i>	122
Figura 54: trechos da página de créditos - <i>Bons Negócios</i>	122
Figura 55: trechos da apresentação - <i>Bons Negócios</i>	123
Figura 56: falsa folha de rosto - <i>Samba!</i>	125
Figura 57: trechos da seção “Como usar este livro” - <i>Samba!</i>	126
Figura 58: falsa folha de rosto - <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	128
Figura 59: trechos da seção “Como usar o seu Novo Avenida Brasil” – <i>Novo Avenida Brasil 1</i>	129
Figura 60: quarta capa - <i>Muito Prazer</i>	131
Figura 61: como aproveitar melhor o seu livro - <i>Muito Prazer</i>	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: uma presença que se vê	59
Quadro 2: uma ausência que se nota	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CBL – Câmara Brasileira do Livro
- E.P.U – Editora Pedagógica e Universitária
- GEN – Grupo Editorial Nacional
- LD – Livro Didático
- PLE – Português como Língua Estrangeira
- SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - AUTORIA E FUNÇÃO AUTOR: CONCEITUAÇÕES E MANIFESTAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	20
1.1 Autoria e função autor: conceitos e desdobramentos	21
1.2 O livro didático de português como língua estrangeira: autoria e função autor aplicadas ao objeto.....	33
1.2.1 A aquisição de uma nova língua: questões conceituais.....	33
1.2.2 Português como língua estrangeira: uma área em ascensão.....	36
1.2.3 O livro didático de português como língua estrangeira: multifacetado em um mesmo objeto de ensino.....	39
1.2.4 Autoria e livro didático de português para estrangeiros: unidade ou fragmento	44
CAPÍTULO 2 - PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL: LINGUAGEM E INTENCIONALIDADE.....	49
2.1 Projeto gráfico como linguagem e intencionalidade: o <i>design</i> das obras	50
2.2 Projeto editorial como linguagem e intencionalidade: os paratextos editoriais.....	53
CAPÍTULO 3 - AUTORIA, FUNÇÃO AUTOR E EDIÇÃO: ANÁLISE DO PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL	58
3.1 Uma presença que se vê: autoria e função autor manifestadas.....	60
3.1.1 Bons Negócios – português do Brasil para o mundo dos negócios	60
3.1.2 Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros	73
3.1.3 Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros	87
3.1.4 Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro.....	98
3.1.5 Muito Prazer – Fale o português do Brasil.....	112
3.2 Uma ausência que se nota: autoria e função autor ocultadas.....	121
3.2.1 Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho	121
3.2.2 <i>Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros</i>	125
3.2.3 Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro.....	128
3.2.4 Muito Prazer: fale o português do Brasil	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
BIBLIOGRAFIA	138

INTRODUÇÃO

Todo livro, antes de chegar às mãos dos leitores, passa por uma cadeia de relações que engloba uma série de agentes responsáveis por sua produção e circulação. Entre esses profissionais, destaca-se o autor, do latim *auctor*, *auctoris*, aquele que faz crescer, nascer; o que produz; fundador, criador, inventor, autor; autoridade, defensor¹. Partindo de sua etimologia, trata-se de um indivíduo responsável pela criação e projeção de algo, instituidor, aquele de quem alguma coisa nasce. Seria, então, na prática, o autor o pai de sua escrita? Aquele que tem o poder de atribuir um sentido único a sua obra? Múltiplas discussões e inquietações cabem dentro desse étimo e muitos foram os que se debruçaram sobre o campo teórico da autoria e lançaram-no luz e questionamentos.

O que é o autor, de que forma a autoria atua e quais suas funções são perguntas centrais acerca dessa temática. Se partirmos do raciocínio de Michael Foucault, em *O que é um autor?* de 1969, e de Roger Chartier, em *O que é um autor? Revisão de uma genealogia* de 2000, referências teóricas norteadoras desta pesquisa, verifica-se um questionamento acerca da unicidade do sujeito. Embora foquem a discussão de tais questões em livros literários e possuam suas especificidades acerca da questão autor, ambos os pesquisadores entendem que em todas as obras ocorre uma combinação de vozes que envolve múltiplos agentes, da criação à recepção.

Quando se trata de livro didático, doravante LD, essas relações se tornam ainda mais complexas e vários agentes costumam participar da construção autoral da obra. Trata-se de um produto editorial construído por muitas mãos – autores, coordenadores pedagógicos, leitores críticos, avaliadores, revisores, designers, editores etc. –, que estão envolvidas desde a configuração visual do livro até o seu conteúdo final, observando-se, portanto, o cumprimento de diferentes funções de autoria em uma única publicação.

No que diz respeito ao exercício da função autor, na perspectiva de Foucault (2001) o autor é aquele que cumpre a função de condensar em uma produção determinado modo estilístico de expressar, caracterizando a sua escrita e condicionando-a a um contexto histórico determinado. Já para Chartier (2021), a função autor não pode ser compreendida apenas como uma função, visto que ela se dá no afastamento entre o nome do autor, sendo essa uma categoria do discurso, e o indivíduo real, o eu subjetivo.

¹ Etimologia retirada do *Dicionário do Latim Essencial*, publicado pela Editora Autêntica em 2014.

Cabe a esta pesquisa discutir a combinação de vozes e o funcionamento da autoria especificamente no LD de Português como Língua Estrangeira, doravante PLE, que teve seu despertar em solo brasileiro somente na década de 1980, quando foram publicadas as primeiras obras didáticas produzidas nacionalmente (ALMEIDA FILHO, 1992, p. 723). Embora o ensino de português para falantes de outras línguas exista no Brasil desde o período colonial, a instauração dessa especialidade no campo da Linguística Aplicada pode ser datada em pouco mais de 30 anos, indicando a contemporaneidade dessa área de estudo.

Acerca das motivações fundadoras desta pesquisa, destacam-se tanto os desdobramentos da minha vida acadêmica quanto da minha trajetória profissional. Partindo dos estudos sobre autoria e função autor, o primeiro contato com a área se deu por meio das produções dos teóricos Roland Barthes (2004), Michel Foucault (2001/2011) e Roger Chartier (1999/2021). Deparei-me com um campo muito interessante e de múltiplas possibilidades, mas, ao pesquisar outros autores que discutem essa temática, encontrei um volume incipiente de produções, sobretudo de trabalhos que promovessem a relação da autoria com outros campos de estudo.

O PLE e sua produção didática, por sua vez, são meu ofício e maior interesse. Atuo como professora nessa área desde 2014 e os LDs sempre estiveram presentes ao longo dessa trajetória. Decidi, então, torná-los objetos de estudo integrados a outras áreas. Soma-se a essa motivação também o fato de se tratar de um campo de estudo que teve seu florescimento recentemente, como mencionado acima, fortalecendo a importância de novas pesquisas e discussões que extrapolem a esfera da educação.

Por fim, meu interesse por análises de projetos gráfico-editoriais foi despertado no curso de Letras – Tecnologias em Edição do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde me graduei. No fim de 2018, sob a orientação da Prof.^a. Dr.^a. Maria do Rosário, defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Uma análise paratextual das obras Árvore de Diana e Os trabalhos e as noites de Alejandra Pizarnik*, em que, com base no trabalho do teórico Gérard Genette (2009) sobre os paratextos editoriais, foram feitas reflexões acerca das possibilidades de ação dos elementos paratextuais internos e externos às obras que compunham o *corpus* da pesquisa.

Pude verificar nesse estudo que os aspectos paratextuais assumiram um papel importante para a compreensão e divulgação dos livros analisados, contribuindo de maneira significativa para a percepção da obra literária de Alejandra Pizarnik. Agora, busca-se pesquisar os aspectos gráfico-editoriais, incluindo os paratextos, em um novo objeto, o LD de PLE, sob um novo prisma, o da autoria e função autor. Objetiva-se nesta pesquisa, portanto,

investigar a manifestação da autoria e da função autor nos projetos gráfico-editoriais dos LDs de PLE que integram o *corpus*.

No que tange à classificação metodológica do trabalho, com base nas definições de Gil (2002), trata-se de uma pesquisa documental, uma vez que “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico” (GIL, 2002, p. 45). A abordagem da pesquisa é qualitativa, uma vez que não se detém a dados estatísticos, ocupando-se de interpretação e atribuição de significados. Neste trabalho, priorizam-se dois tipos de dados: os visuais (projeto gráfico-editorial) e os verbais (texto escrito).

Dada a natureza interdisciplinar desta pesquisa e com base no pressuposto de que um LD se trata de uma confluência de produtores, busca-se responder questões como: o que é o autor em uma produção didática? Quais são os agentes que cumprem uma função de autoria em um LD de PLE? Como a autoria e a função autor podem ser compreendidas nos livros selecionados? De que forma o projeto gráfico-editorial nos ajuda a compreender essa função? Quais possibilidades de leituras acerca da autoria os paratextos sugerem? Com isso, espera-se contribuir não apenas para os estudos de autoria e PLE, mas para os estudos editoriais e de outras áreas que possam estabelecer relação com o trabalho proposto.

Para a análise, foram selecionadas as seguintes obras didáticas: *Bons Negócios – Português do Brasil para o mundo do trabalho* (2013), *Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros* (1981/2017), *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros* (2020), *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* (1991/2022) e *Muito Prazer: fale o português do Brasil – Livro 1* (2014/2022). Tratam-se de obras físicas, publicadas ou reeditadas por editoras brasileiras em solo brasileiro nos últimos 10 anos. Privilegia-se, portanto, um recorte nacional e contemporâneo de publicações. Elas possuem diversas assinaturas, oferecendo grande quantidade de elementos gráfico-editoriais dispostos para análise e discussão acerca da função autor e da autoria. Buscou-se também, para padronização da análise, selecionar a última edição das obras reeditadas e o primeiro volume das que fazem parte de uma coleção. Apresenta-se abaixo, cronologicamente, uma breve descrição dos LDs que integram o *corpus*:

Bons Negócios – Português do Brasil para o mundo do trabalho (2013), destinado àqueles que trabalham ou vão trabalhar no Brasil, inclui conteúdo do nível básico ao intermediário da língua portuguesa, com o objetivo de desenvolver o conhecimento fundamental para comunicação oral e escrita. A produção didática, publicada pela Disal Editora, está em sua 1ª edição e conta com autoria de Denise Santos e Gláucia V. Silva.

Falar... Ler... Escrever... Português – Um Curso para Estrangeiros (2017), em sua terceira edição, direciona-se para o público adulto e adolescente, de qualquer nacionalidade, a partir de 13 anos. O livro oferece um curso básico de língua portuguesa e, conforme o Quadro Europeu Comum de Referência², alcança até o nível B2. É de autoria de Emma Eberlein O. F. Lima e Samira Abirad Iunes, autoras da obra *Novo Avenida Brasil* que também foi selecionada para esta pesquisa.

Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros (2020), livro idealizado pela Aliança Francesa Belo Horizonte e publicado pela Autêntica Editora, possui dupla autoria, Andrea Ferraz e Isabel M. Pinheiro, e conta com a coordenação pedagógica de Pierre Alfarroba. Em sua primeira edição, essa obra é destinada a falantes de todas as línguas e abrange os níveis A1 e A2 (básico).

Novo Avenida Brasil 1 (2022), publicado pela Editora E.P.U, está em sua terceira edição. O volume possui cinco autores – Emma Lima, Lutz Rohrmann, Tokiko Ishihara, Samira Iunes e Cristián Bergweiler – e está destinado a estrangeiros de qualquer nacionalidade, adolescentes e adultos.

Por fim, encerrando o *corpus* de análise, encontra-se o livro *Muito Prazer: fale o português do Brasil – Livro 1* (2022), em sua terceira edição, que é destinado a aprendizes jovens e adultos e visa à aquisição das competências linguísticas descritas no Quadro Europeu Comum de Referência correspondente aos níveis A1 e A2. Publicado pela Lexikos Editora, conta com tripla autoria: Gláucia Roberta Rocha Fernandes, Telma de Lurdes São Bento Ferreira e Vera Lúcia Ramos.

Diante do cenário apresentado e em face do objeto de pesquisa, a revisão da literatura foi concentrada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)³, tendo em vista a sua precisão e relevância no acesso a produções científicas nacionais. Foram encontradas 156 ocorrências da busca “autoria e função autor no livro didático” e nenhum resultado da busca “autoria e função autor no livro didático de português para estrangeiros”. Visto a quantidade de produções, buscou-se por aquelas que se julgou mais relevantes e próximas do estudo proposto.

Destaca-se, nesse sentido, o trabalho de Eliane Righi de Andrade, que defendeu sua dissertação de mestrado em 2003, sob o título *A formação do professor e seu vínculo com o processo de escolha e adoção do livro didático*, em que dedica um capítulo para refletir sobre,

² O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas é um padrão internacionalmente utilizado para detalhar a proficiência em um idioma.

³ Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Último acesso em: 26 fev. 2023.

de modo amplo, a função autor nesse tipo de produção, bem como sobre o papel do professor como um de seus usuários. Ainda da mesma pesquisadora, o artigo publicado também em 2003 na *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, Sorocaba, “A autoria e a função-autor no livro didático”, foi o trabalho encontrado que mais tem afinidades com esta presente pesquisa, em que Andrade (2003) busca entender a função autor nos livros didáticos na atualidade.

Ainda sobre os resultados do levantamento bibliográfico realizado do BDTD, Adriana Luzia Sousa se concentrou na análise do papel do editor na autoria em sua dissertação de mestrado *Autoria no Livro Didático de Língua Portuguesa*, defendida em 2012. A pesquisadora questionou como a indústria editorial de livros didáticos tem funcionado na atualidade, qual o papel do editor, quais são as práticas de produção envolvidas e de que maneira essas práticas influenciam na escolha dos objetos de ensino a serem transpostos para o LD de português. A dissertação de mestrado de 2014 de Adriana Soares Ralejo, por sua vez, intitulada *Autoria de livros didáticos: desafios e possibilidades do conhecimento histórico escolar*, teve por objetivo analisar como se estabelecem relações de autoria na produção de LDs de História e quais saberes são neles mobilizados, produzidos e ressignificados.

Outro trabalho relevante dentro do eixo temático desta pesquisa foi a dissertação de mestrado *A autoria no livro didático de FLE sob um olhar bakhtiniano: atividades de leitura em foco*, em que Carolina Zarth, em 2015, se debruçou sobre a autoria no LD de língua francesa, buscando um entendimento mais abrangente acerca de seu processo de criação. Também se destaca a dissertação de mestrado, de 2016, de Erica Poliana Nunes de Souza Cunha, sob o título *Para tornar-se autor: propostas de escrita dos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio*, que visou analisar como se dão as propostas de escrita do LD, a fim de observar a criação de situações/enunciações propícias para a construção de um dizer autoral.

Ainda acerca da interlocução entre autoria e LD, *Leitura crítica de um livro didático de língua portuguesa - Reflexões sobre aspectos coloniais em autorias de textos* é o título da dissertação apresentada em 2021 por Vanderlene Ferrassoli Santos Vasconcelos. A partir de uma perspectiva decolonial, discute-se sobre indícios da continuidade de uma concepção colonial de educação no livro didático, caracterizada, principalmente, pela predominância de textos, cujos autores são homens brancos da região sudeste do Brasil.

Embora com uma fundamentação teórica distinta, destaca-se a tese de doutorado *Muito além do duplo Chomsky: o autor entre paratextos e paratopias*, defendida em 2020 por

Júlio Antonio Bonatti Santos, em que se busca interpretar como a autoria se põe em funcionamento, o problema discursivo de sua construção e um aprofundamento sobre a instabilidade de certas unidades como “livro”, “obra” e “autor”. Intui-se mostrar que há um conjunto de relações que ultrapassam as fronteiras da escrita, desvinculando a ideia de autoria da seara da “criação” ou da “genialidade”, situando-a, logo, no eixo das condições que possibilitam a emergência material dos textos designados sob um nome de autor.

A partir dessa revisão de literatura, fica evidente a importância de investigações acadêmicas que atrelem autoria, função autor e LDs de PLE, visto que não foram encontrados trabalhos que abordem conjuntamente tais eixos, tornando a proposta desta pesquisa significativa. Ademais, esta investigação contribui para os estudos editoriais, na medida em que sugere uma análise acerca do projeto gráfico-editorial como indicador da relevância da autoria dentro dos LDs de PLE selecionados.

Portanto, assim como visa o Programa de Pós-Graduação do CEFET-MG, a presente pesquisa objetiva-se interdisciplinar, atrelando autoria e função autor, LDs de PLE e projeto gráfico-editorial e é dividida em três capítulos centrais. No primeiro capítulo, *Autoria e função autor: conceituações e manifestação no livro didático de português como língua estrangeira*, apresentam-se os conceitos de autoria e função autor e seus desdobramentos com base nos pressupostos teóricos de Foucault (2001) e Chartier (2021). Discute-se o desenvolvimento da noção de autoria em nossa cultura, a autoridade do autor na literatura didática atual e a autoria e a função autor especificamente no LD de PLE, apresentando um breve percurso histórico da área de PLE e o despertar do LD de PLE em solo brasileiro.

No capítulo seguinte, *Projeto gráfico-editorial: linguagem e intencionalidade*, busca-se discutir uma das “camadas de linguagem”⁴ de um livro, o seu projeto gráfico-editorial. A partir dos postulados de Corrêa, Pinheiro e Souza (2019), Muzzi (2008), Hendel (2003), Genette (2009), entre outros pesquisadores, realiza-se um apanhado teórico acerca da concepção e do emprego dos dois componentes centrais em um projeto gráfico-editorial: o design das obras e os paratextos editoriais, elementos essenciais para a materialidade do impresso. Visa-se também neste capítulo refletir como tais elementos se comportam em LDs, especialmente em obras de PLE, uma vez que várias referências teóricas não tratam especificamente desses objetos.

Por fim, no terceiro capítulo, *Autoria, função autor e edição: análise do projeto gráfico-editorial*, apresenta-se a análise desta pesquisa em que se busca verificar quais pistas

⁴ Conceito proposto por Corrêa, Pinheiro e Souza, 2019, p. 74.

presentes no projeto gráfico-editorial das obras didáticas selecionadas nos permitem compreender como a função autor se manifesta e quais possibilidades de leituras acerca da autoria elas sugerem. Propõe-se a análise do projeto gráfico-editorial sob duas categorias que nortearão o estudo: “uma presença que se vê” e “uma ausência que se nota”. Na primeira, uma presença que se vê, consideram-se os elementos paratextuais do *corpus* em que a expressão autoral é evidente, enquanto na segunda, uma ausência que se nota, discutem-se os elementos paratextuais em que a ausência das marcas autorais é destacada. A análise se dará a partir da obra publicada ou reeditada há mais tempo até a mais recente.

CAPÍTULO 1 – AUTORIA E FUNÇÃO AUTOR: CONCEITUAÇÕES E MANIFESTAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Segundo Cavaleiro (2008, p.68), “se hoje, ao nos referirmos a uma obra, estabelecer a relação com a instância autoral é inelutável, outrora não foi assim”. A autoria, como é entendida atualmente, surgiu no século XVII como forma de punição àqueles que transgrediam o que era permitido: “nesse período, como resultado da censura, livros heréticos eram queimados. Para identificar e condenar os responsáveis pela transgressão, era preciso designá-los como autores” (CAVALHEIRO, 2008, p. 68). Portanto, na medida em que os discursos se tornaram transgressores, os livros, os textos e as produções começaram a ter reconhecimento autoral. De certo modo, a autoria nasce da censura.

Muitos são os teóricos que se debruçam sobre a história da autoria, suas funções e relações. Neste trabalho, discute-se autoria à luz de Michel Foucault (2001) e Roger Chartier (2021), partindo dos postulados de Foucault como um precursor da discussão sobre autoria e a emergência da “função-autor” no Ocidente. Os debates serão aprofundados com os postulados de Chartier, autor que realiza um trabalho minucioso de identificação e discussão dessa temática, revendo e investigando a figura do autor, bem como analisando as mutações nos modos de sua representação ao longo da história. Portanto, neste capítulo, primeiramente se aprofunda acerca dos conceitos chave que nortearão esta pesquisa - autoria e função autor.

Em um segundo momento, discorre-se sobre suas manifestações nos LDs de português para estrangeiros, objeto esse que emaranha conceituações e coleciona análises. Sob uma perspectiva ampla, Batista (1999) argumenta acerca do LD:

Essa mercadoria produzida para a escola é também, por último, dependente do estado das relações de força entre os diferentes grupos sociais e políticos de uma determinada formação social e, assim, do modo como o Estado, por meio de sua ação, legitima a estrutura dessas relações ou deseja modificá-las. Desse modo, o livro escolar é um campo por excelência da ideologia e das lutas simbólicas e releva sempre, **pelas suas escolhas**, um viés, um **ponto de vista** parcial e comprometido com a sociedade, sobre seu passado, seu presente e seu futuro. (BATISTA, 1999, p. 566. Grifo nosso).

Assim, considerando tais apontamentos, será observado pelo ângulo histórico-conceitual as relações de força pelas “escolhas” e “pontos de vista” instituídos especificamente no LD de PLE. Busca-se neste capítulo teórico discutir “quem” são os

indivíduos que respondem – ou não – por tais escolhas e pontos de vista e quais relações de força são estabelecidas na função autor.

1.1 Autoria e função autor: conceitos e desdobramentos

É na autoria que é possível distinguir o trabalho de escrever um livro e o de fabricar um texto.

Circe Maria Fernandes Bittencourt, 2004

Michel Foucault, em 22 de fevereiro de 1969, então professor no Centre Universitaire Expérimental de Vincennes, tratou, diante dos membros da Société Française de Philosophie, da questão: “O que é um autor?”. No ano seguinte, nos Estados Unidos, Foucault apresenta este mesmo texto, o qual recebe uma versão em inglês que gera importante impacto nas discussões do estatuto da autoria. Sendo um assunto caro para o teórico, outros dois relevantes trabalhos foram desenvolvidos nesta mesma época, “A arqueologia do saber”, publicado em março de 1969, e “A ordem do discurso”, fruto de sua aula inaugural no Collège de France em dezembro de 1970.

Alicerçado em uma abordagem relacional entre autor e texto, Foucault, em sua célebre conferência proferida em fevereiro de 1969, nos permite conjecturar novas perspectivas para a autoria, configurando a compreensão sobre o tema e provocando um questionamento das ideias modernas difundidas acerca do assunto:

As considerações sobre a função-autor feitas por Foucault colocaram por terra nossas antigas e ingênuas “certezas” sobre a questão, mostrando que se trata de um problema complexo, que estabelece relações com o discurso, com o papel do sujeito e com os mecanismos de poder que permeiam o direito de deter e de se apropriar da palavra. (ALVES, 2015, p. 81).

O propósito inicial do teórico é refletir em quais locais a função autor é exercida examinando unicamente a relação do texto com o autor. Para Foucault, um indivíduo só funciona como autor no momento que assume determinadas funções em certos locais, ou seja, não basta produzir ou escrever algo para que, automaticamente, seja instituído como autor. Trata-se, portanto, de uma noção extremamente variável visto que há uma multiplicidade de experiências de autoria.

A partir desse entendimento, Foucault visa discutir quatro pontos centrais acerca da importância do autor na escrita contemporânea: “a noção de autor constitui o momento crucial

da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências.” (FOUCAULT, 2001, p. 267).

Tomando emprestado de Beckett, Foucault inicia a discussão do primeiro ponto central, o nome do autor, citando: “que importa quem fala, alguém disse que importa quem fala”, para o teórico um dos princípios éticos fundamentais da escrita contemporânea é identificar aquele que escreve, embora não se possa descrevê-lo de forma definitiva: “não é possível fazer do nome próprio, evidentemente, uma referência pura e simples. O nome próprio (e, da mesma forma, o nome do autor) tem outras funções além das indicativas.” (FOUCAULT, 2001, p. 272). Para o autor, embora haja dificuldades particulares de definição, o nome próprio está situado entre dois polos, o da descrição e o da designação: “eles têm seguramente uma certa ligação com o que eles nomeiam, mas não inteiramente sob a forma de designação, nem inteiramente sob a forma de descrição: ligação específica.” (FOUCAULT, 2001, p. 272).

Sendo então o nome do autor um nome próprio distinto dos demais, Foucault aponta que “ele exerce um papel em relação ao discurso”, (FOUCAULT, 2001, p. 273) visto que assegura uma função classificatória, possibilitando reagrupar, delimitar, excluir, opor e relacionar um certo número de textos:

O nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome do autor, o fato de que se possa dizer ‘isso foi escrito por tal pessoa’, ou ‘tal pessoa é o autor disso’, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que se deve, em uma dada cultura, receber um certo status. (FOUCAULT, 2001, p. 273, 274).

Portanto, o nome do autor designa um discurso dentro de uma sociedade e de uma cultura, estando localizado na singularidade dos textos. A partir de tal atribuição, o discurso ganha “uma suposta unidade, coerência e inteligibilidade” e o autor, por sua vez, “rarefaz a proliferação anônima da palavra impondo-lhe um lugar, ordenando-a, atribuindo-a a alguém e garantindo-lhe uma singularidade e uma visibilidade social”. (ALVES, 2015, p. 84).

Pode-se dizer, segundo Foucault, que:

Em uma civilização como a nossa, um certo número de discursos que são providos da função ‘autor’, enquanto outros são dela desprovidos. Uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem autor; um contrato pode ter um fiador, ele não tem autor. Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. (FOUCAULT, 2001, p. 274).

Assim, seria então possível realizar a identificação de uma determinada produção por meio do nome do autor, visto que ele atribui uma identidade à sua obra.

Ao refletir sobre o nome do autor no LD de PLE, objeto de análise desta pesquisa, faz-se coerente observar a presença da função-autor neste gênero discursivo. Embora seja consensual a ideia de que um LD de PLE é resultado de um trabalho coletivo que envolve diferentes profissionais, a obra, grande parte das vezes, é atribuída a um nome ou a vários, em caso de coautoria. Nome este que majoritariamente fica estampado na capa da produção didática, junto a outras informações, como nome da obra e logo da editora responsável pela publicação.

Nesse contexto, o nome do autor assumiria alguns papéis em relação ao discurso, entre eles o papel de proprietário intelectual da obra no sentido de possuir particular responsabilidade sobre aquele objeto. Certamente a editora também possui direitos legais, além de estabelecerem limites e condições materiais na produção, mas ainda habita o senso comum que a referência intelectual sobre o livro é o autor: “esses sujeitos assinam um contrato e ganham direitos autorais como forma de reconhecimento daquilo que produzem.” (RALEJO; MONTEIRO, 2020, p. 125).

Na perspectiva de Soares (2007), faz-se claro que o ofício do autor envolve “várias mãos e várias cabeças”, visto que há diversos profissionais que atuam juntamente a ele, porém é inegável que há uma singularidade em seu nome: “o papel do autor é de grande importância e responsabilidade, pois entre todos os profissionais que com ele operam, seu nome sem dúvidas é o que estará mais proximamente associado tanto ao bom quanto ao mal resultado.” (SOARES, 2007, p. 38).

Outro papel desempenhado pelo nome do autor segundo Puzzo (2013) é o de diálogo, pois faz-se necessário cumprir diversos interesses simultâneos que vão além dos seus desejos pessoais:

Ao imprimir seu nome a uma obra de natureza didática, o autor, além de dialogar com o leitor presumido, dialoga também com os discursos que circularam, que circulam e que circularão para além de seu momento histórico. Dialoga, portanto, com a cultura num movimento interdiscursivo, imprimindo seu tom valorativo, com o qual procura atrair seu público. (PUZZO, 2013, p. 341).

O segundo ponto central para Foucault é a relação de apropriação que o autor possui com seu texto. De acordo com o teórico, a propriedade de um livro ou de um texto foi historicamente secundária visto que surgiu com a finalidade de penalizar os discursos que

podiam ser transgressores: “o discurso, em nossa cultura, não era originalmente um produto, uma coisa, um bem; era essencialmente um ato - um ato que estava colocado no campo bipolar do sagrado e do profano, do lícito e do ilícito, do religioso e do blasfemo.” (FOUCAULT, 2001, p. 275).

Somente no fim do século XVIII e no início do século XIX quando se instaura um regime de propriedade de textos com suas regras acerca dos direitos do autor, da relação autor-editor, dos direitos de reprodução etc. é que a transgressão dos discursos se torna cada vez mais a própria prática de escrita:

Como se o autor, a partir do momento em que foi colocado no sistema de propriedade que caracteriza nossa sociedade, compensasse o status que ele recebia, reencontrando assim o velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o perigo de uma escrita na qual, por outro lado, garantir-se-iam os benefícios da propriedade. (FOUCAULT, 2001, p. 275).

Portanto, apropriar-se de um discurso e colocar-se como autor dele era, e segue sendo, um gesto carregado de riscos, mas garantidor dos benefícios da propriedade. Neste contexto, a partir do entendimento de Ralejo e Monteiro (2020), uma relação estabelecida entre a função autor e o LD provém da responsabilidade pelas informações ostentadas na obra, as quais são tomadas como verdade e simbolizam o conhecimento escolar a ser ensinado: “qualquer erro ou inconsistência que sejam encontrados no livro, o nome do autor é o primeiro a ser lembrado como responsável pelo fato.”. Segundo as autoras, “mesmo que o texto seja resultado da unidade de diferentes discursos, o autor do livro é considerado o ‘criador’ daquelas informações, tendo a sua palavra, dessa forma, um valor de verdade e origem.” (RALEJO; MONTEIRO, 2020, p. 126)

Em argumentação a essa perspectiva, Sores (2007) salienta que o entendimento do conceito de autoria como atribuição de responsabilidade intelectual a um único indivíduo vem sendo cada vez mais questionado:

Embora o senso comum, em parte, ainda considere o escritor um indivíduo inspirado e unicamente responsável por um produto singular, o autor e sua suposta genialidade e espírito criador são elementos menos essenciais em nossa cultura onde as obras são cada vez mais produzidas por “coautores”. (SOARES, 2007, p. 29).

Portanto, o que o autor propõe em um LD pode não ser de fato o seu desejo e sim a proposta do próprio LD. Ainda acerca da relação de apropriação, para Foucault (2001, p. 275) “a função autor não é exercida de uma maneira universal e constante em todos os discursos”.

De acordo com o teórico, na Idade Média os textos literários eram aceitos, circulados e valorizados sem a identificação de autoria, pois o anonimato não constituía um empecilho. Dorigatti (2004) pontua que os cânticos, poemas e histórias no período medieval e antigo se transmitiam por meio da oralidade, o que impossibilitava a ideia de autor como responsável pela obra: “a obra estava em permanente processo de criação, quem a narrava tinha liberdade para acrescentar novos trechos, melhorar passagens truncadas.” (DORIGATTI, 2004, p.1). Portanto, a multiplicidade de produtores impedia que a obra fosse atribuída a um único nome, estabelecendo o anonimato como um traço característico das produções.

Já os textos entendidos atualmente como científicos, relacionados à medicina, à geografia, à cosmologia etc. só possuíam valor de verdade na condição de um reconhecimento autoral: “‘Hipócrates disse’, ‘Plínio conta’ não eram precisamente as fórmulas de um argumento de autoridade; eram os índices com que estavam marcados os discursos destinados a serem aceitos como provados” (FOUCAULT, 2001, p. 275).

Para o teórico, a situação começou a se inverter no século XVII ou no XVIII, quando se passou a aceitar o anonimato de determinados discursos científicos, como os da área da matemática, entendendo-os como uma verdade estabelecida ou demonstrável: “a função autor se apaga, o nome do inventor servindo no máximo para batizar um teorema, uma proposição, um efeito notável, uma propriedade, um corpo, um conjunto de elementos, uma síndrome patológica”. (FOUCAULT, 2001, p. 276). Foucault pontua que o discurso literário, por sua vez, não pode mais ser aceito na condição de ausência da função autor, exceto na qualidade de enigma, devido às perguntas que surgem sobre esse indivíduo e o impacto que as respostas a esses questionamentos influem no sentido, no status e no valor da obra: “a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto.” (FOUCAULT, 2001, p.276).

Estendendo tal discussão para o LD de PLE, objeto portador do conhecimento escolar que não está localizado propriamente na esfera científica, tampouco literária, observa-se na contemporaneidade a relação de apropriação que o autor possui com seu texto também por meio do não anonimato. Trata-se de uma forma de preservar os direitos do autor sobre sua obra, sendo regido por direitos de *copyright* e contratos.

O terceiro ponto central para o teórico trata-se da relação de atribuição da função autor. Foucault afirma que tal relação não acontece de forma espontânea e varia de acordo com a época e o tipo de discurso:

É o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser de razão que se chama de autor (...) o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz de um indivíduo um autor) é apenas a projeção, em termos sempre mais ou menos psicologizantes, do tratamento que se dá aos textos, das aproximações que se operam, dos traços que se estabelecem como pertinentes, das continuidades que se admitem e das exclusões que se praticam. (FOUCAULT, 2001, p. 276 - 277).

Desse modo, um autor de LD é construído de forma distinta de um poeta, bem como a construção de uma obra do século XVIII dá-se de modo diferente da atual: “o autor é então momento histórico definido e ponto de encontro de um certo número de acontecimentos” (FOUCAULT, 2001, p. 277). Em consonância, Soares (2007, p. 13) salienta que a noção de autor é algo socialmente construído e que seu entendimento é revisto recorrentemente devido à expansão das novas tecnologias de comunicação e informação. Apesar disso, segundo Foucault, pode-se verificar ao longo do tempo uma dada invariabilidade nas regras de construção do autor.

Foucault pontua que, para a crítica literária moderna, o autor é aquele que permite explicar os acontecimentos, as transformações, as modificações e deformações de sua obra, sendo ele “o princípio de uma unidade de escrita” (FOUCAULT, 2001, p. 278). É ele também quem resolve ou organiza as contradições de seus textos e que pode ser entendido como um “certo foco de expressão que, sob formas mais ou menos acabadas, manifesta-se da mesma maneira, e com o mesmo valor, em obras, rascunhos, cartas, fragmentos etc.”. (FOUCAULT, 2001, p. 278).

De acordo com Puzzo (2013), ainda que aparentemente a voz do autor de um LD seja abafada pela organização da obra que precisa cumprir uma série de obrigações para que desempenhe sua função educacional, há a presença do aspecto subjetivo de sua autoria: “o livro didático passa por um processo de pesquisa, de seleção e de proposição de questões a respeito dos conteúdos temáticos que o compõem e, sob esse aspecto, são reveladores de uma posição valorativa do autor.”. (PUZZO, 2013, p. 335). Portanto, para o teórico, além de responder a vários interlocutores e diversas instâncias institucionais, o autor também responde a si mesmo a partir de sua orientação teórico-ideológica. Pretende-se nesta pesquisa verificar por meio da análise gráfica-editorial do *corpus* pistas que indiquem tal aspecto subjetivo da autoria, mencionado por Puzzo (2013).

Tal discussão nos leva ao quarto e último ponto fundamental para o Foucault: a posição do autor. Para o teórico, ainda que os textos sempre possuam uma dada quantidade de signos que remetem ao autor, é falso buscá-lo do lado do “escritor real” e do lado do “locutor fictício”: “a função autor é efetuada na própria cisão - nessa divisão e nessa distância. (...) Na

verdade, todos os discursos que possuem a função autor comportam essa pluralidade de ego.” (FOUCAULT, 2001, p. 279). Foucault exemplifica a multiplicidade de vozes que cabem em uma mesma produção a partir de um tratado de matemática. O teórico aponta que há um primeiro “eu” que fala no prefácio indicando as circunstâncias de produção do objeto, há um segundo “eu” que faz demonstrações aparecendo sob a forma “eu concluo” ou “eu suponho” e há ainda um terceiro “eu”, aquele que diz o sentido do trabalho, as dificuldades postas, as resoluções obtidas e os problemas que seguem existindo.

Todos esses egos não são idênticos nem em seus funcionamentos nem em suas posições. Foucault esclarece que a função autor não está assegurada por um desses egos em detrimento dos dois outros, mas sim que em tais discursos a função autor atua de modo que os três egos simultâneos se dispersem.

Na obra didática, pode-se observar a função autor ser exercida por diversos sujeitos em suas pluralidades de ego, como editores, leitores críticos, avaliadores, revisores, designers, ilustradores, entre outros tantos profissionais pertencentes a cadeia editorial. Portanto, não se trata de um único sujeito responsável pela escrita e geração de sentido da produção, mas de uma equipe que constitui parte da autoria e exerce a função autor desde o projeto inicial do livro até a sua impressão: “quando um texto passa por modificações, como uma atualização ou revisão, ele está sendo situado em seu momento histórico e confere a possibilidade de transformação mediante a ação de um sujeito.” (RALEJO; MONTEIRO, 2020, p.125). Nessa mesma perspectiva, Pinheiro e Tolentino (2019) concluem que “a produção de livros não estaria ligada, portanto, à instância de autoria textual, mas ao conjunto de profissionais e procedimentos responsáveis por dar ao texto uma concreção material e por torná-lo público.” (PINHEIRO, TOLENTINO, 2019, p. 40).

Ralejo e Monteiro (2020, p. 131) propõem olhar para a ação das editoras como parte constituinte da autoria, visto que há também neste espaço uma mobilização de saberes e poderes que produzem sentidos e conhecimentos. Em consonância, Vilaça (2012) salienta que o “matéria didático pode não ter um resultado direto ou ‘transparente’ de escolhas e abordagens de seu(s) autor(es).” (VILAÇA, 2012, p. 54). Por isso faz-se interessante refletir que outros sujeitos também cumprem uma função de autoria nos LDs que integram o *corpus* desta pesquisa a partir da análise gráfica-editorial.

Finalmente, após ter se atentado a esses quatro traços característicos da função autor que lhe pareceram mais visíveis e importantes, o teórico resume a função autor de tal forma:

A função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. (FOUCAULT, 2001, p. 279 - 280).

Portanto, a função autor é esse espaço de múltiplas ações que pode ajudar a decifrar e a descrever as relações sociais de determinado discurso em determinada época, conduzindo a uma reconfiguração da percepção sobre o tema e permitindo novas perspectivas para a autoria. Sob essa perspectiva, o sujeito passa a ter seus privilégios reexaminados visto que se localiza em uma função complexa e variável do discurso e não como a origem dele. Trata-se de uma reformulação da ordem dos discursos, do papel do sujeito e dos mecanismos de poder.

Com o propósito de revisar e aprofundar a trajetória empreendida por Foucault acerca do que é um autor e qual a sua função, Roger Chartier publica no *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, em 2000, “O que é um autor? Revisão de uma genealogia”, fruto de uma palestra realizada na Sorbonne. O teórico inicia sua fala apontando as mudanças ocorridas nos últimos 30 anos desde a conferência de Foucault neste mesmo espaço. Segundo Chartier, a partir de um duplo movimento, a aliança entre Crítica Textual e História Cultural foi redefinida gerando novos entendimentos daqueles atribuídos em 1969.

Acerca da Crítica textual, acresceu-se a importância dada “à historicidade das operações, dos atores, dos lugares que se encontram implicados no processo de composição das obras, nas modalidades de transmissão ou nas formas de sua recepção” (CHARTIER, 2021, p. 24), concebendo diferentes conceitos que possibilitam produzir ou compreender a cultura escrita, como a presença do nome do autor, a partir de categorias de atribuição, designação e classificação das obras.

Em relação à História cultural, houve um retorno aos textos e às obras, sucedendo uma atenção direcionada para “a história das interpretações e das leituras, para as formas de inscrição e de transmissão dos textos, para as coerções de todas as ordens, que governam as condições de composição e de circulação das obras” (CHARTIER, 2021, p. 24 - 25), possibilitando uma reflexão sobre a materialidade e sobre os efeitos gerados pela composição e pela recepção dos textos.

A partir da constatação de tais mudanças e com o objetivo de revisar algumas respostas dadas por Foucault, Chartier propõe uma pesquisa histórica retrospectiva, do século XVIII ao XIV. Para tanto, o teórico parte de duas afirmações fundamentais feitas em 1969

sobre o que é um autor: a primeira introduzia uma distinção radical entre a análise histórico-sociológica da figura do autor, possibilitando saberes sobre estratégias biográficas, origens sociais, profissionais e culturais dos autores. Enquanto a segunda, objeto em comum entre os teóricos, trata-se da construção da “função autor”.

Acerca da cronologia proposta por Foucault, Chartier inicia divergindo o foco dado pelo teórico ao sistema de propriedade (que definiu regras sobre o direito do autor, sobre as relações entre autor-editor e sobre os direitos de reprodução no fim do século XVIII e no início do século XIX), como um primeiro dispositivo de ação da função autor. Para Chartier, houve anteriormente a isso uma ligação da função autor com outro dispositivo, o da censura: “há de fato uma ligação estabelecida entre a ‘função autor’ e o direito de vigiar, censurar, julgar e punir, exercido por uma autoridade ou um poder.” (CHARTIER, 2021, p. 37).

Na sequência, ainda sobre a construção da função autor, Chartier se coloca contrário ao quiasma que Foucault vislumbrou entre as regras de identificação dos enunciados científicos e as regras de identificação dos discursos literários, período situado pelo autor entre o século XVII ou XVIII. Para além da “vaga” cronologia, pontuada por Chartier, o teórico apresenta três observações.

A primeira é acerca da “instabilidade das diferenciações, de uma incerteza das genealogias e das armadilhas do vocabulário, ou seja, da inércia linguística que, por isso, não se ajusta adequadamente à variação das configurações” (CHARTIER, 2021, p. 41), referindo-se ao momento que Foucault utiliza-se de expressões para designar os textos entendidos hoje como literários e científicos. A segunda observação é sobre a importância de estabelecer uma diferença entre as autoridades e os autores de cada época, não sendo adequado olhar pela mesma ótica e percepção distintos contextos e períodos. Chartier sugere que é nos princípios de designação e de assinalação, reservados tradicionalmente aos escritores cristãos e aos da Antiguidade, que se deve residir a construção da “função autor”.

Por fim, a terceira observação, a qual Chartier se atém de forma mais profunda, trata-se de algumas perspectivas históricas apontadas por Foucault. A discussão inicial é acerca do conceito de autor-proprietário e de propriedade literária que Foucault data do final do século XVIII emergidos como um novo direito burguês. Segundo Chartier (2021, p. 42) “não é tanto em função de uma aplicação particular de propriedade burguesa que nasce uma definição da propriedade literária (...) é no interior da defesa do direito do livreiro editor, e não do autor, que ela se afirma”, trata-se, portanto, de proteger um privilégio tradicional, o de propriedade.

A história do *copyright* (direito sobre a obra) está fortemente imbricada à Inglaterra do começo do século XVIII, quando o Parlamento, em 1709, transformou as práticas de

publicação dos textos. A decisão permitia que os autores fossem detentores de seu *copyright* e atuassem como seus próprios editores, limitando a duração do *copyright* a 14 anos, período de concessão de direito também usado em outras áreas, como exploração exclusiva de uma invenção técnica, de um procedimento etc. Os livreiros impressores de Londres, por sua vez, logo se organizaram para defender seu direito tradicional:

Tiveram de inventar a propriedade literária, ou seja, inventar ou fazer com que seus advogados inventassem (...) o princípio segundo o qual o autor de um texto é o seu proprietário perpétuo e tem sobre ele a posse imprescritível de modo que, a partir do momento em que esse texto fosse cedido a outro, por exemplo a um livreiro da Comunidade, o autor transmitia com o texto essa prescritibilidade e esta perpetuidade. (CHARTIER, 2021, p. 43- 44).

Desse modo, nota-se que é a partir de um processo judicial e de defesa do privilégio tradicional que se inventa o autor proprietário e se potencializa a função autor, justificando-se pela teoria do direito natural, onde o homem é proprietário dos produtos de seu trabalho, e pela justificativa de ordem estética, sendo de propriedade do autor o estilo e a linguagem manifestos em sua obra:

Portanto, vê-se que a primeira cronologia de Foucault deve ser profundamente revisada. Não é no final do século XVIII, mas no seu início, que emerge o conceito de autor-proprietário e de propriedade literária. Por sua vez, esta emergência não é expressão possível de um novo direito burguês, mas um engajamento a serviço da perpetuação de um velho sistema de privilégios. (CHARTIER, 2021, p. 45- 46).

Um segundo momento de discussão provocado por Chartier ainda sobre a divisão cronológica esboçada por Foucault trata-se do entendimento acerca da ausência da função autor nos textos literários antes dos séculos XVII e XVIII e de um apagamento da função autor em textos científicos após esses mesmos séculos. Chartier se coloca contrário a essa compreensão e pontua que reflexões nos últimos anos mostraram que o momento de reviravolta se dá na revolução científica.

De acordo com o teórico, a validade, a credibilidade, a garantia e a autenticação de uma experiência, de uma descoberta, de uma proposição, segue recaindo sobre o autor de textos “científicos” após o século XVIII, sendo ele o nome próprio daquele que produziu ou daquele que tem autoridade social para credibilizar tais palavras dentro de uma sociedade hierárquica: “a ligação estabelecida entre o reconhecimento de sua força de verdade e a presença de um nome próprio que lhe dê autoridade.” (CHARTIER, 2021, p. 53).

Tal modelo de validação, originalmente aristocrático, constrói a posição de autor nos discursos de saber, ainda que seu erudito não seja um aristocrata, reafirmando a presença da função autor em textos concebidos como científicos:

A partir do momento-chave da revolução científica, seja qual for a definição que lhes dermos, não há expulsão do nome próprio, ao contrário, a autenticação da experiência ou a garantia dada para a descoberta supõe esta presença do nome próprio. (CHARTIER, 2021, p. 62).

A genealogia da função autor nos textos literários, por sua vez, possuem uma duração muito mais longa do que a proposta por Foucault. Segundo Chartier:

No século XIV e na primeira metade do século XV, antes mesmo da invenção da prensa, para alguns autores em língua vulgar estabelece-se essa unidade, que para nós é evidente, entre um objeto (o livro), uma obra (compreendida num sentido singular ora como conjunto de textos produzidos por uma mesma mão, ora como um mesmo ‘espírito’) e o nome do autor. (CHARTIER, 2021, p. 61).

Dando continuidade à cronologia apresentada por Foucault, Chartier concorda com o teórico precursor no que diz respeito à ligação da função autor e da apropriação penal e aponta três classes de condenação em que a função do nome do autor estava em jogo. A primeira tratava da condenação de autores e não de livros específicos, seja porque eram hereges, seja pela suspeita de heresia. A segunda classe de condenação referia-se a títulos específicos que também possuíam sua ligação com a função autor, visto que os inquisidores verificavam a partir de uma lista em ordem alfabética dos sobrenomes dos autores dos livros se determinada obra se encontrava proibida: “o nome próprio, neste caso, (...) é também o instrumento prático de identificação com vistas à supressão das obras proibidas” (CHARTIER, 2021, p. 55). A última classe, por sua vez, era a condenação de todas as obras publicadas anonimamente, uma vez que todos os livros impressos deviam trazer o nome do seu impressor e o nome do seu autor.

Portanto, tais classes de condenação tratam-se, segundo Chartier (2021, p. 56), da “prefiguração da ‘função autor’ em razão das exigências da censura, da proibição e da repressão”, o que levou alguns historiadores a ligar diretamente a função autor à passagem do manuscrito para o impresso, proposição rejeitada pelo teórico devido a duas questões centrais: transformações lexicais e mutação do livro enquanto livro.

Acerca das transformações lexicais, Chartier aponta que no século XIV e no começo do século XV, três palavras mudam de sentido em todas as línguas, mas toma como exemplo o francês:

Inicialmente a palavra “autor” [era diferenciada] entre o *auctor*, aquele que dá existência e que tem o peso da autoridade, e o *actor*, aquele que, na língua medieval clássica, é o contemporâneo, o compilador, o glosador. A evolução terminológica é uma conquista progressiva da autoridade dos *auctores* pelos *actores* e, finalmente, a utilização sistemática do termo latim ou da palavra francesa *acteur* se estabelece, no fim do século XIV e durante o século XV, para designar ao mesmo tempo os autores da tradição, da Antiguidade ou do período Cristão, e certo número de escritores de textos publicados em língua vulgar. (CHARTIER, 2021, p. 58).

Logo, estabelecer uma ligação estreita entre a publicação impressa e a função autor não se justifica, visto que as transformações lexicais assinalam a inconstância dos termos que ora limitam e ora abrangem sentidos.

A segunda transformação, que corresponde às alterações do próprio objeto livro na era /do manuscrito, refere-se ao fato de que, a partir do século VIII até o século XIV, a forma dominante do livro era uma junção de textos de datas, gêneros, “autores” e línguas muito diferentes em um mesmo códice, reunidos em um mesmo objeto, onde a identidade autoral não possuía materialidade ou relevância. Contudo, segundo Chartier, no século XVI e na primeira metade do século XV, antes da invenção da prensa, houve autores que começaram a estabelecer uma unidade entre o objeto livro, a obra e o nome do autor: “há aí uma espécie de matriz, um suporte, para que seja perceptível, mobilizável, a ‘função autor’ enquanto princípio de percepção, de identificação e de atribuição das obras.” (CHARTIER, 2021, p. 61). Portanto, a evolução de concepção da figura do autor nos últimos dois séculos do manuscrito, reafirmam a discordância de Chartier quanto à genealogia da “função autor” em textos literários estabelecida por Foucault, possuindo uma duração muito mais longa.

Por fim, concluindo a revisão de uma genealogia, Chartier declara que os termos que Foucault propôs à comunidade não são mais aceitáveis, apesar da questão seguir pertinente. O teórico acredita que o avanço da resposta sobre autoria está na introdução da dimensão da materialidade dos textos. Parafraseando Donald McKenzie, estudioso da área, Chartier finaliza dizendo que talvez a produção de novos autores esteja associada a uma nova forma do livro, “a construção do autor é uma função não apenas do discurso, mas também de uma materialidade, materialidade e discurso que na minha perspectiva de análise são indissociáveis.” (CHARTIER, 2021, p. 63). Portanto, para Chartier, muito antes da criação da prensa, é sob essa nova forma que se dá a relação entre o escritor e o indivíduo, entre o autor como ficção e o sujeito como ponte com seu trabalho.

1.2 O livro didático de português como língua estrangeira: autoria e função autor aplicadas ao objeto

Ainda que Foucault (2001) e Chartier (2021) não tenham discorrido especificamente a respeito da função autor nos textos didáticos, suas contribuições teóricas são basilares e direcionadoras para as discussões propostas nesta pesquisa, pois entendendo-as faz-se compreensível que as trilhas de escrita e composição de obras didáticas são bastante diferentes da do autor literário e de sua obra visto suas naturezas completamente diversas. Acerca das interferências que ocorrem somente na produção didática, Soares (2007) argumenta:

A começar pela intervenção do Estado que fixa currículos e estabelece critérios e autorização para a circulação e uso nas instituições de ensino, (...) o tamanho das tiragens e as várias edições subsequentes que precisam dar conta de novos conteúdos, voltados tanto para o professor quanto para o aluno, são aspectos que particularizam a produção didática. (SOARES, 2007, p. 29, 30).

Portanto, nesta seção, objetiva-se discutir a autoria e a função autor especificamente no LD de PLE. Para tanto, serão trabalhados previamente o conceito de língua e as diferentes nomenclaturas usadas para se referir a um idioma adquirido, a expansão do PLE e a relação de tal expansão com o aumento do mercado editorial de obras didáticas de português para o público estrangeiro.

1.2.1 A aquisição de uma nova língua: questões conceituais

Quando se inicia o aprendizado de um outro idioma por alguém que já possui pelo menos um, nasce a necessidade de dar nome a essa outra língua. Diferentes nomenclaturas são utilizadas para se referir a uma língua adquirida após a primeira língua (L1), também comumente reconhecida por língua materna (LM), como segunda língua (L2 ou SL), língua estrangeira (LE) e língua adicional (LA), além de outros termos que possuem foco em questões socioculturais, como língua de herança (LH) e língua de acolhimento (LA).

Ainda que possa parecer óbvio, muitos são os aspectos linguísticos e não-linguísticos que estão associados à definição da L1. Segundo Spinassé (2006), normalmente estes conceitos dizem respeito à língua que se aprende em casa, por meio dos pais, sendo geralmente a língua da comunidade, contudo, vários outros fatores devem ser levados em consideração, como:

A língua dos outros familiares, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia a dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor *status* para o indivíduo, a que ele melhor domina, a língua com a qual ele se sente mais à vontade etc. (SPINASSÉ, 2006, p. 5).

Portanto, nota-se que não é tão simples definir o *status* da língua. A fim de exemplificar, pense em uma criança que nasce e cresce na Alemanha, sendo filha de um francês com uma brasileira. Se os pais se comunicam com a criança em suas respectivas línguas, e em outros espaços sociais, como na escola e na rua, a criança utiliza o alemão, ela possui, portanto, três línguas maternas: francês, português e alemão.

A L2, por sua vez, se dá após o domínio total ou parcial de sua(s) L1. De acordo com Spinassé (2006), a segunda língua “é desenvolvida por indivíduos que já possuem habilidades linguísticas de fala, isto é, por indivíduos que possuem outros pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição de L1.” (p. 6). A autora também aponta que é sabido que uma segunda língua não está relacionada à ordem de aquisição, podendo haver uma terceira, uma quarta L2: “Segunda’ está para ‘outra que não a primeira (a materna)’.”. (p. 6).

Acerca da geografia, Leiria (2004, p. 1) afirma que o termo L2 “deve ser usado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro de fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida”, portanto, segundo a autora, a aquisição da segunda língua ocorre onde o idioma é a ou uma das línguas oficiais. Desse modo, para Leiria (2004), é possível aprender sem a necessidade de frequentar uma escola, visto que o aprendiz está em imersão contínua na língua, podendo vivenciar e interagir em contextos autênticos de comunicação. Por exemplo, um imigrante japonês que mora no Brasil terá como LM o japonês e como L2 o português, pois utilizará esta língua para cumprir uma função social no país que se encontra.

Diferentemente da L2, a LE pode ser adquirida em espaços geograficamente distantes, onde a língua não é oficial, como um brasileiro que deseja aprender inglês no Brasil, portanto, não se estabelece um contato imersivo e tão intenso com o idioma: “[o termo LE] deve ser usado para classificar a aprendizagem e o uso em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico.” (LEIRIA, 2004, p.1). Em consonância, Spinassé (2006) ressalta que “a grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a L2 desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade.” (p. 6).

Embora exista, atualmente, uma parcial concordância quanto às diferenças de uso dos termos L2 e LE considerando a localização do aprendiz, há estudiosos que acreditam que a distância geográfica não se trata de um critério confiável para a utilização de tais termos. Leffa e Irala (2014, p. 32) pontuam que “no mundo conectado de hoje, com a expansão dos meios de comunicação de massa, da internet, do cinema, dos games, das redes sociais, podemos estar mais próximos da língua de um país distante do que de um país vizinho.”. Portanto, os teóricos defendem o uso do termo “língua adicional” para falar sobre qualquer outra língua que seja adquirida após a primeira.

Segundo Leffa e Irala (2014, p. 32, 33), a definição de LA é mais abrangente, portanto mais vantajosa e possivelmente mais adequada, uma vez que não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico, trata-se simplesmente da ideia de uma língua que “vem por acréscimo, de algo que é dado a mais” (p. 32). Outros critérios que estão mais distantes do consenso, como o nível de proficiência e os objetivos de aprendizagem, também poderiam ser resolvidos a partir do termo LA, visto que, para os autores, as características individuais do aluno, tais quais os objetivos que levaram ao estudo da língua não precisam ser considerados nessa instância. Para Ramos (2021, p. 233), trata-se de um conceito “guarda-chuva” que é apropriado para todas as situações, generalistas e específicas.

Já os termos língua de herança (LH) e língua de acolhimento (LA), como dito anteriormente, possuem foco em questões socioculturais relacionadas à aquisição e aprendizagem de outra língua. A LH tem sido sinônimo de uma língua ancestral, familiar; aquela passada pelos imigrantes e refugiados aos seus descendentes. Trata-se da língua falada no seio familiar, sendo, em geral, a primeira língua exposta à criança. Portanto, pessoas que vivem em países em que a língua dominante difere da língua materna de seus familiares, podem se deparar com a LH.

Segundo Flores e Melo-Pfeifer (2014, p.19), crianças emigrantes que nos primeiros anos de vida possuem contato estrito com familiares terão a LH como a L1, visto o ambiente natural de aprendizado, porém, a partir do momento em que a criança começa a construir relações sociais fora do núcleo familiar, como na escola, o contato com a língua oficial do país cresce exponencialmente, tornando-se a língua preferida da criança:

A partir deste momento, a língua majoritária também passa a ter um papel muito mais importante enquanto língua de comunicação na família. E se um dos pais é ele próprio já emigrante de segunda geração e/ou falante nativo da língua majoritária (com ou sem conhecimentos da língua minoritária), a presença da língua majoritária no seio da família é ainda mais forte e o contacto com a LH mais restrito. (FLORES, MELO-PFEIFER, 2014, p. 19).

Portanto, a exposição à LH torna-se mais escassa e por estar presente em um espaço dominado por outra língua, costuma não se desenvolver do mesmo modo. Segundo Soares (2012, p. 14), poucas serão as oportunidades de contato com a LH durante o processo de escolarização, visto que não há instrução formal e baixa possibilidade de interação na língua, por isso as habilidades de escrita e leitura tendem a ser menores do que o nível de proficiência em habilidade oral.

Por fim, A LA é direcionada à imigrantes em situação de vulnerabilidade que se deslocam forçadamente de seus países “para salvar sua vida ou preservar sua liberdade” (AMADO, 2013, n.p). No Brasil, a Lei Nº 9.474 de 1997 criou o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) que institui condições para a solicitação de refúgio no país e deliberou o direito à saúde e à educação pública, bem como à carteira de trabalho e à inscrição no Cadastro de Pessoa Física (CPF). Segundo os dados do Conare, o Brasil registrou 29,4 mil solicitações de refúgio em 2021, sendo a maioria dos pedidos de cidadãos venezuelanos, seguidos de angolanos, haitianos e cubanos.

A oferta de ensino de português aos refugiados em território brasileiro, denominada Português como Língua de Acolhimento (PLAc), tem se dado principalmente por instituições não-governamentais, como apontam Lopez e Dinis (2018). Sendo o idioma uma das principais dificuldades encontradas pelos refugiados, Silva e Costa (2020, p. 133) salientam “que a questão linguística está posicionada não apenas como mais uma problemática a ser agenciada, mas como uma das principais implicações no processo de (re)integração dessas pessoas.”. Assim, o ensino da LA é de suma importância no processo de inclusão - linguística, cultural e social - do imigrante.

Os termos vistos ao longo deste tópico foram apresentados a fim de se compreender as nomenclaturas estabelecidas, discutindo e diferenciando seus conceitos. Nesta pesquisa, adotaremos o termo LE, língua estrangeira, de modo a abarcar o todo devido ao seu uso mais recorrente e seu maior reconhecimento social.

1.2.2 Português como língua estrangeira: uma área em ascensão

Segundo o Instituto Camões (2022), 261 milhões de pessoas falam português nos 5 continentes, sendo a língua oficial nos 9 estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e em Macau (RPC). Trata-se da 4ª língua mais falada no mundo, a

3ª indo-europeia e a 1ª no hemisfério sul. A expectativa, de acordo com o Instituto, é que em 2050 sejam 380 milhões de falantes.

Foram as navegações portuguesas do século XVI e à diáspora portuguesa nos séculos posteriores que fizeram com que a língua portuguesa fosse falada em três tipos de localidade, como descreve Meyer (2015):

(i) nos países em que é língua nativa, de uso geral, como Portugal e o Brasil; (ii) nos países onde as línguas nativas se mantiveram vivas e convivem com o português língua oficial, como Angola e Moçambique, por exemplo; (iii) nos países onde, por meio da imigração de cidadãos originalmente dos países caracterizados em (i) e (ii), sobrevive de forma limitada como língua de herança, com uso quase que exclusivamente doméstico ou restrito a pequenos grupos sociais. (MEYER, 2015, p. 12).

Acerca disso, Reto (2012) sinaliza que o português é uma língua materna nos cinco continentes, o que só tem paralelo com a língua inglesa. A língua portuguesa, portanto, está presente nas mais variadas regiões do mundo.

Em referência à ocupação territorial dos países de língua oficial portuguesa, Reto (2012) pontua que esses países ocupam uma superfície total de 10,8 milhões de quilômetros quadrados, o que equivale a 7,25% da superfície terrestre: “É importante sublinhar que todos os países se localizam em zonas temperadas, tropicais ou equatoriais, ocupando assim uma percentagem ainda maior da zona habitável” (RETO, 2012, p.43). Por ser uma língua presente no mundo e para o mundo, o ensino de PLE tem crescido e se especializado nas últimas décadas.

Segundo Mendes (2016), a língua portuguesa deve ser considerada como uma língua de âmbito global e não somente como um reflexo de país ou nação. Como visto, o aumento da demanda pelo aprendizado desse idioma acompanha sua expansão populacional, econômica e cultural. Motivos como interesse e/ou necessidade em migrar para um país de língua portuguesa, sobretudo por questões profissionais, mas também por fatores políticos e naturais, como guerras e catástrofes ambientais, são pontos chave nessa ampliação.

No Brasil, um estudo apresentado pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), referente ao ano de 2020, detalha que o número de imigrantes em solo brasileiro chegou a 1,3 milhão. Dados do projeto *2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e refúgio no Brasil*, divulgados pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, mostram que em dez anos ocorreu um aumento de 24,4% no número anual de novos imigrantes registrados no Brasil. Aqueles que ocuparam um posto no mercado de trabalho brasileiro também cresceu. Em 2011, foram mais de 62 mil, em 2020, o número ultrapassou os 180 mil.

Em retrospecto, Florissi (2017) aponta que nos anos 1980 e 1990 houve um processo de privatização de empresas públicas no Brasil que fez com que mais trabalhadores estrangeiros junto a suas famílias chegassem em solo brasileiro. Esse movimento começou a desenvolver de forma mais atenta serviços, como cursos de português especializados nesse público, e produtos, como LDs, para atender esses expatriados. No início dos anos 2000, com o exponencial crescimento econômico brasileiro, o país começou a receber cada vez mais empresas estrangeiras interessadas em investir por aqui: “se nas décadas de 1980 e 1990 era raro receber estrangeiros que já conhecessem algo do nosso idioma, na década de 2000 já havia um início de estudo de português antecedendo a chegada ao Brasil.” (FLORISSI, 2017, online). Um mundo de oportunidades se abriu à língua portuguesa.

Florissi (2017) salienta ainda que a valorização linguística, cultural e monetária do português também se deu por outras razões, como a melhora na infraestrutura turística, a crescente participação do Brasil em eventos internacionais, o recebimento de grandes eventos esportivos que atraíram a atenção da mídia internacional, como a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, e a presença como língua oficial de trabalho em 32 organizações internacionais. Ainda acerca desse aumento de procura do nosso idioma, Meyer (2015) aponta diversos fatores determinantes para esse destaque, entre eles a criação do Mercosul em 1991, a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em 1996 e a fundação dos BRICS em 2001.

Ademais de tais práticas migratórias usuais, há também um ingresso de estrangeiros no Brasil por meio de intercâmbios e outras práticas estudantis. De acordo com o Censo da Educação Superior 2021, divulgado pelo Ministério da Educação (MEC), o Brasil conta com 17.947 estudantes estrangeiros de 172 diferentes nacionalidades, considerando apenas cursos de graduação. Se antes as universidades já estavam acostumadas a receber estudantes de países africanos de língua portuguesa e latinos, sobretudo da América do Sul, agora recebem alunos de outros continentes. O Censo da Educação Superior 2021 mostra que fora das Américas e da África, o país com maior número de estudantes no Brasil é o Japão.

Devido a sua exigência pelas universidades brasileiras para ingresso em cursos de graduação e em programas de pós-graduação, bem como em processos de naturalização, o Exame de Proficiência do Português Brasileiro (CELPE-BRAS) tem recebido cada vez mais inscrições. O exame que teve sua primeira edição em 1998 também é requerido por algumas empresas e outras instituições do Brasil e do exterior.

Por fim, na internet, a língua portuguesa ocupa a 5ª posição como o idioma com maior número de utilizadores e o 3º mais usado no Facebook, o que a torna proeminente nos emergentes meios de comunicação:

A influência da língua portuguesa pode, por conseguinte, tender a expandir-se, não só pela via do crescimento demográfico, mas também dos dispositivos tecnológicos e dos conteúdos virtuais próprios da sociedade em rede (Castells, 2001), decisivos na era da informação e da economia baseada no conhecimento. (RETO, 2012, p. 45).

Portanto, o crescente efeito de rede da língua portuguesa possibilita e fomenta a circulação de conhecimentos e de informações. Esses movimentos fazem com que o aprendizado da língua portuguesa se torne uma necessidade para sentir-se integrado a uma nova cultura, pois é a partir da interação socio comunicacional que o indivíduo se estabelece no mundo: “É a intercompreensão propiciada pela língua que acelerará – ou, por outro lado, cerceará – o processo de adaptação desse sujeito a essa ‘nova pátria’”. (BARROS, FURTOSO, 2021, p. 9).

Naturalmente, o aumento da busca pela língua portuguesa provoca um crescimento da oferta de materiais didáticos direcionados para a área, em especial os LDs. No subtópico subsequente veremos quando e como esse objeto dedicado a estrangeiros surgiu no Brasil e qual caminho, desde então, tem trilhado no mercado editorial nacional.

1.2.3 O livro didático de português como língua estrangeira: multifacetado em um mesmo objeto de ensino

É certo que o processo de ensino e aprendizagem de uma nova disciplina pode se dar por meio de diferentes materiais didáticos, mas nenhum deles destaca-se tanto como o LD. Para o professor, tornou-se um material de apoio basilar na sala de aula, sendo muitas vezes o único recurso oferecido pela instituição de ensino; para o estudante, trata-se de uma fonte concisa e confiável do conhecimento escolar a ser adquirido. Acerca disso, Barreto e Monteiro (2008) afirmam que “o livro didático tem importância na prática pedagógica diária por ser suporte teórico e prático para o aluno, instrumento de apoio para o professor e por constituir uma organização possível do conteúdo a ser ensinado.” (BARRETO; MONTEIRO, 2008, p.2).

Socialmente o LD é interpretado como uma “fonte autorizada de transmissão dos saberes acumulados na sociedade” (PACHECO, 2006, p. 66), o que o torna cada vez mais

presente na sala de aula. Souza (1999) salienta que “independente do livro didático adotado ou da disciplina abordada, o que se consta é que o livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência”, sendo reconhecido, por consequência, como “o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e dessa forma, fonte última (e às vezes, única) de referência.” (SOUZA, 1999, p.27).

Munakata (2012) ressalta que o LD “é uma mercadoria destinada a um mercado específico: a escola” (p.185). Acerca disso, Pacheco (2006) aponta que desde a fundação da primeira escola pública no Brasil, no início do século XIX, o LD teve um papel importante de legitimação do saber: “o LD nasceu para servir à reprodução do poder e continua cumprindo essa missão até hoje” (PACHECO, 2006, p. 66), portanto, considerando esse contexto de utilização, muito se discute sobre seu uso e sua relevância no processo de ensino e aprendizagem, tornando-o um objeto de estudo cada vez mais pesquisado e repensado no século XXI.

No que diz respeito aos LDs dedicados ao público estrangeiro, iniciar o aprendizado de um novo idioma prevê o estudo de suas regras e variações a fim de que se compreenda sua utilização, sua construção de sentido e sua finalidade comunicativa. Segundo Conrado (2011, p.759), “a língua deve ser vista não como instrumento, mas como materialização de enunciados que visam à comunicação plena na interação de seus sujeitos-falantes.”. Para tanto, um LD de LE, seja ela qual for, depende de diversos fatores para ser eficiente, como suas escolhas textuais, sua forma de abordagem, sua organização gráfica, bem como seu apoio em atitudes analíticas e críticas em relação à sua finalidade. Outros aspectos a serem considerados são destacados por Pacheco (2006):

[...] as suas funções econômica e político-pedagógica e a sua incontestável inserção na política educacional, o seu papel nas políticas editorial e pública; a sua legitimidade no meio educacional, o que lhe atribui um poder de ‘enformação’ muito grande, na corrente do discurso da competência, tendo em vista as ‘verdades’ sacramentadas que ele permite sejam transmitidas e partilhadas. (PACHECO, 2006, p. 64).

Deve-se ainda também considerar, segundo Conrado (2011), que a utilidade do LD varia de acordo com o modelo de aprendizagem, o qual será determinado pelo modo de ser e de agir do aprendiz. Portanto, muitos são os atributos que devem ser ponderados acerca da competência dos LDs de PLE.

O ensino de PLE foi iniciado em solo brasileiro no início do século XX com a vinda de diversos grupos de imigrantes, como italianos, japoneses e poloneses, de acordo com

Pacheco (2006). Segundo a teórica, os imigrantes que por aqui chegavam se esforçavam para proporcionar uma educação de qualidade a seus filhos o que acabava por incentivar a ampla produção de materiais didáticos. A obrigatoriedade imposta de escolaridade mínima de cinco anos em 1920 e o Decreto 58 de 28 de janeiro de 1931 que impôs que o português para estrangeiros deveria ser “tratado como língua nacional, devendo ser ensinado indiferentemente com estratégias de língua materna” (LUNA, 2000, p. 72, apud PACHECO, 2006, p. 71) também deram farto incentivo à produção de MDs.

Contudo, foi somente a partir da década de 1950 que a criação de LDs de PLE ganhou força: “a quase totalidade dos (pouquíssimos, aliás) cursos de Português do Brasil oferecidos em nosso país, na década de 50 dependiam de textos escritos no exterior, principalmente nos Estados Unidos.” (MATOS: 1989, p.11, apud PACHECO, 2006, p. 72). Naquele momento, fatores como a abertura da economia nacional ao mercado externo e a afirmação do Rio de Janeiro como polo cultural transformaram a oferta de LDs de PLE uma exigência.

Data-se da década de 1950 o primeiro LD de PLE que se tem conhecimento, o *Spoken Brazilian Portuguese*, produzido nos Estados Unidos pelo ítalo-americano Vincenzo Cioffari. No Brasil, Mercedes Marchand lançou na mesma época, em 1954, o seu *Português para Estrangeiros*, publicado pela Editora Sulina do Rio Grande do Sul com 20 lições, exercícios de pronúncia e gramática, além de um apêndice com expressões idiomáticas. Nos anos de 1960 há a publicação do livro *Modern Portuguese* que visava atender os cursos universitários de Português em universidades dos Estados Unidos: “fruto do empreendedorismo de professores e de linguistas brasileiros, que, baseados em sua prática e nos modelos de MDs ‘importados’ do exterior, uniram-se para produzir MDs que refletissem a realidade brasileira.” (PACHECO, 2006, p. 72).

As produções que foram surgindo nesta época eram substancialmente estruturalistas e demonstravam pouca preocupação com a oralidade, o que evidenciava livros ainda muito incipientes no que diz respeito ao uso da linguagem como instrumento de comunicação. Majoritariamente, o LD era compreendido como vetor ideológico e cultural, sem se ter a preocupação de tratá-lo como uma ferramenta pedagógica e didática (Pacheco, 2006). Nesse sentido, as atividades privilegiavam a leitura e a compreensão, encarando a língua puramente como um conjunto de regras.

Conforme aponta Pacheco (2012), na década de 1970 ocorre a criação de cursos de PLE para estrangeiros na USP e na UNICAMP, tendo a primeira implementado o PLE como extensão desvinculada da graduação e da pós-graduação, e a segunda instituído o PLE como

disciplina de catálogo, permitindo a contratação de docentes pesquisadores de carreira para seu quadro. Contudo, segundo Schlatter (2020), foram nas décadas de 1980 e 1970 que a institucionalização do ensino de PLE em várias universidades brasileiras se fortaleceu com a criação de vários programas de PLE que visavam ofertar cursos, formar professores e desenvolver pesquisa na área:

Na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é criado o Programa de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira (PROPE); na Universidade Federal Fluminense (UFF), o Curso de Português para Estrangeiros é liderado por Lygia Trouche, Elza Rachid e Norimar Júdice; na Unicamp, os cursos são ofertados pelo Centro de Ensino de Línguas (CEL) e é criado o projeto “Português para Estrangeiros: ensino de língua portuguesa e cultura brasileira”, coordenado por José Carlos Paes de Almeida Filho; na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), se constitui uma equipe de professores liderada por Maria Helena Curso Célio e, em 1993, é criado o Programa de Português para Estrangeiros sob minha liderança. Na Universidade de Brasília (UnB), Percília Santos e Maria Jandyra Cunha criam o Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas (PEPPFOL) 7 ; na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Iracema Luiza de Souza lidera o Curso de Português para Estrangeiros, mais tarde reunidos no Programa de Pesquisa, Ensino e Extensão de Português (ProPEEP); na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é criado curso de especialização em formação de professores e o Programa de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (PEPPE); na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), os cursos são ofertados pelo Centro de Extensão da Faculdade de Letras; na Universidade Federal do Paraná (UFPR), as ações de formação e oferta de cursos são coordenadas por Basílio Agostini e Odete Menon. (SHLATTER, 2020, p.491).

Assim, devido a essa expansão, a partir da segunda metade da década de 80 que se começou a publicar literatura específica da área, dando início a um ciclo efervescente de estudos que seguiram se ampliando nas décadas posteriores. Junto a isso, a partir da década de 1980, passou-se a adotar a abordagem comunicativa nos LDs de PLE, a qual possui como metodologia de ensino o foco na experiência de aprender, adotando atividades, produções e tarefas que sejam de necessidade e interesse do aluno. Conrado (2011) esclarece que “o objetivo é capacitar o aluno, por meio da experimentação, a usar a língua-alvo na realização de ações autênticas, interagindo com outros falantes-usuários.” (CONRADO, 2001, p.758).

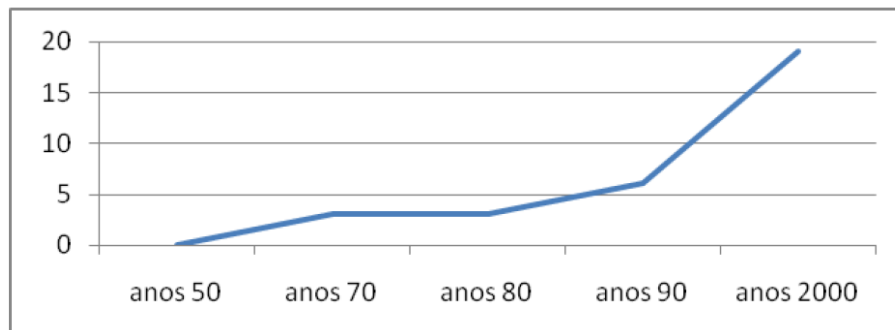
Nesta perspectiva, os autores e as editoras começaram a estar cada vez mais preocupadas em produzir materiais que possuam tal competência comunicativa, a fim de oferecer uma produção que se adeque educacionalmente, socialmente e mercadologicamente em relação ao público-alvo. Sob a ótica editorial, Pacheco (2006) pontua que este é um grande diferencial entre os LDs de PLM e PLE, pois ao passo que o Ministério da Educação (MEC) realiza esforços para que o livro de PLM sofra de forma constante um aumento de qualidade e um barateamento dos custos, o livro de PLE não passa por isso:

Analisando a produção editorial de PLE, podemos perceber um grande investimento em sua qualidade estética, combinado a uma propalada renovação constante, tendo em vista o potencial mercadológico e a concorrência crescente nos últimos anos. Essa preocupação com a parte visual do material acaba por criar uma imagem de ‘qualidade’, nem sempre verdadeira, mas altamente eficiente, se considerarmos o mercado para o qual é dirigido. (PACHECO, 2006, p. 69).

Uma outra distinção central entre o LD de PLM e PLE trata-se do referencial de produção da obra. No Brasil não há um documento específico nacional para livros de PLE. Há o Referencial do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) para língua estrangeira, os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (2009) e da Base Nacional Comum Curricular (2ª versão, 2016) também para línguas estrangeiras, com foco em inglês e espanhol, que orientam de alguma forma esse tipo de publicação.

Acerca do aumento da oferta, foi a partir especialmente da década de 1990 que houve um avanço significativo na produção de LD de PLE promovido pela institucionalização dessa área nas universidades brasileiras, segundo Lopes (2009). O teórico apresenta um gráfico ilustrativo da ampliação da produção de LD de PLE no Brasil a partir da década de 1950:

Figura 1: crescimento da produção de livros didáticos de PLE no Brasil



Fonte: LOPES, 2009, p. 139

O crescimento seguiu nos anos 2000 com propostas mais inovadoras e mais atentas às demandas do mercado. Nas últimas duas décadas, em uma breve pesquisa pelo site de pesquisa *Google*, foi possível mapear a publicação de mais de 30 LDs de PLE publicados somente em território brasileiro, entre eles estão todas as obras selecionados para análise gráfica-editorial nesta pesquisa: *Portas Abertas – português para imigrantes* (2021); *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros* (2020); *Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros* (2017); *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho* (2013); *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* (2008) e *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* (2008).

Portanto, como se pode observar nesse brevíssimo panorama da área de PLE com ênfase em sua produção didática, muitos foram os avanços desde a década de 1950, especialmente nos últimos 30 anos. A globalização propiciou a mobilidade e o intercâmbio linguístico e cultural e contribuiu para a crescente da variante brasileira da língua portuguesa. Schlatter (2020) afirma que “a área tem se desenvolvido tanto em número de pessoas que nela atuam profissionalmente, desenvolvem pesquisa e produzem materiais didáticos, quanto em abrangência de oportunidades de atuação e de oferta de ensino para grupos diversos e para fins específicos.” (SHLATTER, 2020, p. 494). E certamente as próximas décadas também serão de muito estudo, aprimoramento e expansão da área.

1.2.4 Autoria e livro didático de português para estrangeiros: unidade ou fragmento

Como já exposto anteriormente, o aparecimento da propriedade literária, surgido no final do século XVIII, foi o que desencadeou uma discussão mais acentuada acerca da autoria. Neste momento, havia um cabo de guerra entre livreiros-editores e soberanos acerca da interpretação dos privilégios concedidos às livrarias na hora da publicação:

Os livreiros queriam que os privilégios fossem reconhecidos como propriedade do autor e não como uma concessão dos soberanos, uma vez que os livreiros desejavam estender seus direitos sobre as obras após a morte do autor, não as relegando posteriormente aos herdeiros, mas sim tendo o direito à perpetuidade dos privilégios adquiridos pelo livreiro sobre a obra. (ANDRADE, 2003, p.78).

Portanto, as discussões iniciais acerca da autoria não tiveram como ponto central o direito da propriedade do autor, inclusive sendo a ele relegado o protagonismo nessa discussão. Nesse jogo de forças, o objetivo primário era a defesa dos interesses da livraria-editora, as quais possuíam a exclusividade dos títulos.

Os autores entram em cena buscando maior controle sobre suas produções com o advento da imprensa. É neste momento que se inicia a história dos direitos autorais: “A invenção da imprensa e a possibilidade de produção de muitas cópias de um original para venda rápida e barata tornam a relação entre autor e editor problemática.” (ZANAGA, 2006, p.65). A mercantilização da imprensa possibilita que o autor controle o uso de sua propriedade, dando poder a essa classe: “a partir dessa época o autor passou a assinar suas obras e foi deixando de ser anônimo, coletivo, invisível e desconhecido. O escritor foi se

‘personalizando’ e passou a ter alcunha e suas obras a serem reconhecidas através desse nome.” (SOARES, 2007, P. 27).

No Brasil, os primeiros autores de produções didáticas surgiram na primeira metade do século XIX com a vinda da Coroa Portuguesa. O aumento do público consumidor a partir do crescimento da demanda escolar promoveu o surgimento de novos autores. Neste momento, eram oferecidos prêmios àqueles que se candidatassem a escrever obras didáticas. Segundo Bittencourt (1993, p. 205) “os primeiros escritores de textos didáticos tiveram estreitas ligações com o saber oficial, não apenas porque eram obrigados a seguir os programas estabelecidos, mas porque estavam ‘no lugar’ onde este mesmo saber era produzido”. Portanto, os autores encarregados do “fazer erudito” eram aqueles que possuíam proximidade com o governo. “O ‘lugar’ de sua produção situava-se junto ao poder e para o poder.” (BITTENCOURT, 1993, p. 205).

Os autores de produções didáticas do século XIX eram os legitimadores do conteúdo, dentro de um ambiente hierárquico e de alta autoridade e credibilidade. Eram eles os detentores de uma verdade consagrada a ser difundida e compartilhada. De acordo com Andrade (2003), esses autores tomavam para si “o papel patriótico de difundir a verdadeira ciência e os valores morais, religiosos e econômicos para o desenvolvimento da civilização brasileira” e estrategicamente poderiam, portanto, “ter o controle sobre o conhecimento a ser passado na escola.”. (ANDRADE, 2003, p. 80).

Foi com a democratização do ensino escolar na década de 1960 que a produção didática, em especial o LD, começa a ganhar mais espaço nas instituições de ensino, proximidade com as classes mais populares e reconhecimento social. Consequentemente, há o aumento de profissionais que passam a se profissionalizar e a se dedicar à autoria dessas obras que até então eram produzidas majoritariamente por intelectuais que tinham formação diferente ou não exatamente relacionada às disciplinas para as quais escreviam. Segundo Soares (2007), isso se devia ao fato de esses autores serem em sua maioria autodidatas, além de assegurarem a vendagem dos livros por possuírem seus nomes impressos na capa: “o que seria o ‘politicamente correto’ da época”. (SOARES, 2007, p. 36).

Nessa perspectiva, é principalmente a partir da segunda metade do séc. XX que a autoria teria deixado de encontrar sua lidimidade como principal e muitas vezes único critério de escolha de um LD. Andrade (2003, p. 88) enfatiza que um dos motivos pelos quais houve ao longo dos séculos a perda de prestígio da autoria no LD foi o abandono dessa atividade por intelectuais ou professores do ensino superior, visto que após a fundação das faculdades de Filosofia, a partir de 1930, surgem autores egressos dos quadros dos professores do ensino

elementar e médio. Soares (1996) salienta que isso tornou a autoria uma “atividade menos nobre no campo das publicações científicas”. (SOARES, 1996, p. 60).

Andrade (2003) ainda pontua outras duas razões do desprestígio da autoria nos dias atuais. A primeira trata-se da “classificação do livro didático como literatura de segunda categoria, principalmente no âmbito acadêmico. O autor não representa nesse contexto, diferentemente da época anterior, a ‘elite intelectual’ do país” e o segundo motivo, por sua vez, refere-se à escolha muitas vezes arbitrária que o professor faz do LD a partir de indicações ou do marketing das editoras: “com isso, a autoria deixou de ser um referencial na escolha do livro didático, ainda que este material continue a ser parte da realidade das salas de aula e seja enaltecido em políticas educacionais em vigor”. (ANDRADE, 2003, p. 81, 82).

As mudanças tecnológicas da época digital também podem impactar na valorização do autor. Na concepção de Soares (2007) “o declínio do autor coincide com a expansão de novas tecnologias de comunicação e informação que vem redimensionando as formas de produção e de consumo das obras” (SOARES, 2007, p. 29). Para a teórica há uma transição do autor “textual” para o autor da era “eletrônica”, o que naturalmente traz novas perspectivas de autoria.

No nosso entendimento, outro ponto central na redefinição da função autor e da autoria é a expansão massiva das editoras especializadas nessa área nas últimas décadas, que expressam seus desejos e necessidades na produção dos LDs. Em outras palavras, “o material didático pode não apenas refletir plenamente a ‘voz’ do autor, mas ser influenciado por ‘vozes’ diversas” (VILAÇA, 2012, p.51), as quais incluem vários elementos em sua elaboração, fazendo com que diversos sejam os critérios que orientam a adoção ou não de um LD. Acerca disso, Munakata (2012) coloca:

A escrita, a revisão e a preparação do texto são, assim, algumas das diversas funções que compõem a atividade editorial, e, não sendo impossível que sejam realizadas por uma única pessoa (por exemplo, o autor), é sempre desejável que pessoas diferentes as executem. (MUNAKATA, 2012, p. 7).

Segundo Soares (2007, p. 33) escrever um LD implica uma série de particularidades em que diversos pré-requisitos devem ser atendidos, como pesquisa de tópicos e várias etapas de revisão durante sua elaboração; abordagem de conteúdos que estão em constante e rápido desenvolvimento e adaptação a pelo menos quatro principais públicos-alvo: alunos, professores, MEC e editores.

Como aponta Bittencourt (1993), “o livro didático deixou de ser o depósito privilegiado do saber escolar para se tornar uma mercadoria inserida na lógica capitalista”. Trata-se, portanto, de “um produto típico da indústria cultural, um bem destinado ao consumo que editores e autores têm interesse em comercializar, uma mercadoria entre outras que circula pelo mercado e produz lucro, muito lucro.” (ZAMBONI, 1991, p. 6, apud BITTENCOURT, 1993, p. 77). Nota-se, portanto, que o LD é reconhecido atualmente – e cada vez mais – como um produto de consumo rentável e negociável.

Desse modo, para se adquirir esse novo produto de consumo, elementos como projeto gráfico-editorial, diversidade de textos, tipos de atividades, adicionais pedagógicos, clareza nas exposições teóricas, interculturalidade, visão de língua, disponibilidade no mercado, custo etc., são ponderados. O trabalho realizado pelas editoras na transformação de textos em livros contribui fortemente para a legitimação de tais obras, o que torna a questão autor alvo de discussões: estariam as editoras diminuindo o poder e a autonomia dos autores ao passo que assumem cada vez mais fortemente a função de autoria no processo de publicação de um LD? E se as editoras intervêm de forma tão acentuada, que tipo de autoria cabe ao autor em sua publicação?

Acerca disso, Ralejo (2020, p. 183), com base no conceito de autoria de Foucault (2001) também assumido nesta pesquisa, propõe uma nova noção: o “lugar de autoria” na produção de LDs. Dentro de uma perspectiva teórica da discursividade, a autora argumenta que esse “lugar” remete a um poder que ultrapassa a figura de um sujeito racional, contribuindo na desvinculação da imagem do autor como um indivíduo único na produção de LDs. A autora afirma que há complexidade nas relações estabelecidas nesse processo:

O “lugar de autoria” se caracteriza por ser específico, estratégico, determinador, descontínuo, político, discursivo e produtivo. Nele, diferentes sujeitos estão envolvidos com a função autor. Esse contexto da produção de livros didáticos, mesmo sendo ocupado por diferentes tipos de sujeitos, tem ganhado uma característica própria em tempos atuais, principalmente na relação que se estabelece com as editoras, que se reinventam a cada instante. A instituição a qual era anteriormente atribuída um papel regulador, de forma externa à produção didática, vem adquirindo uma função produtiva. (RALEJO, 2020, p. 186).

Portanto, nessa concepção, a autoria e sua função referem-se a um lugar onde os significados são produzidos e se cria de forma específica: “a autoria de livros didáticos carrega consigo a subjetividade de produção e articulações estabelecidas com demandas que estão fora desse lugar e que acabam constituindo ideias de verdade, validadas como conhecimento.” (RALEJO, MONTEIRO, 2020, p. 121).

Por fim, apesar de no início do século XX os MDs de PLE terem sido caracterizados pelo anonimato, segundo Pacheco (2006, p. 69): “foi cunhando o apagamento e o silenciamento da posição de eu enunciador de MDs de PLE, através de campanhas de nacionalização do ensino, que impuseram inúmeras e severas restrições à convivência da LM e da LE (PLE)”, o que se pode observar nas últimas décadas é a função autor ser exercida por vários sujeitos, entre eles o autor, em obras destinadas ao público estrangeiro. Acerca disso, Bittencourt (2004) esclarece o que pode ser compreendido como uma fragmentação da autoria atualmente:

Para agilizar a produção e criar padrões uniformes para o livro didático dilui-se a figura do autor por intermédio da compra de textos de vários escritores, textos que se integram em um processo de adaptações nas mãos de técnicos especializados. Desse modo não podemos mais identificar quem efetivamente escreveu o texto. (BITTENCOURT, 2004, p. 477).

Nessa mesma perspectiva, Bragança (2005) argumenta que “todos os livros são produto da ação combinada do autor e do editor. Às vezes gestados mais pelo autor, outras vezes criados pelo editor.” (BRAGANÇA, 2005, p. 222). Ao focalizar o LD e as relações de poder estabelecidas no processo de publicação desse gênero, Marsaro (2011) aponta que:

considerando o perfil determinado para a coleção, seu público-alvo, ou mesmo questões de ordem mais prática, como custos de copyright e impressão, o editor pode intervir na seleção dos textos da coletânea, na escolha de imagens e ilustrações, reorganizando a orquestração autoral anterior do LD e, por vezes, comprimindo a proposta pedagógica do autor em um projeto gráfico-editorial não condizente, o que coloca em xeque a relação entre as exigências do mercado editorial e os propósitos do ensino-aprendizagem. (MARSARO, 2011, p. 6).

Portanto, diferentes profissionais fazem inúmeras escolhas que levarão a diferentes LDs. Especialmente no caso dos LDs de PLE, identificação e definição de elementos como público-alvo, seus interesses, seus comportamentos, suas necessidades, seu perfil, além de quaisquer informações que sejam relevantes para o sucesso de sua materialidade, fazem-se necessárias, e é por meio das decisões gráfico-editoriais que se pode buscar pistas do papel do autor na engrenagem da produção do LD de PLE, bem como das possibilidades de leituras acerca da autoria que o projeto sugere. Propomos tal discussão no capítulo subsequente.

CAPÍTULO 2 – PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL: LINGUAGEM E INTENCIONALIDADE

Visualmente, não há como confundir uma obra escolar com outra que não apresente esse compromisso ou finalidade.

Didier Dias de Moraes, 2017

Na busca por uma definição, reconhece-se a inexistência do objeto livro sem um projeto gráfico-editorial. É o projeto gráfico-editorial que vai dar vida e materialidade ao impresso. Corrêa, Pinheiro e Souza (2019, p. 72) apontam que o projeto gráfico-editorial deve ser compreendido como linguagem, visto que a partir de sua materialidade constrói-se sentido. Dentro dessas duas esferas – gráfica e editorial – o projeto gráfico é abarcado pelo projeto editorial:

Podemos afirmar que o livro é um objeto com muitas camadas de linguagem. Uma dessas camadas é o seu projeto gráfico-editorial e nele podemos identificar, além dos elementos textuais (verbais e visuais), elementos pré-textuais, como capa, folha de guarda, ficha catalográfica, folha de rosto, e elementos pós-textuais, como índice e quarta capa. (CORRÊA, PINHEIRO, SOUZA, 2019, p. 74).

A partir da intencionalidade, são tais camadas de linguagem que influenciam a construção de sentido e a receptividade de uma obra. Se há modificações nos elementos apontados acima, há possibilidade de alteração nos significados:

Não apenas o texto em si, mas o livro em toda a sua materialidade e até mesmo o tipo de *marketing* concebido para a distribuição e a circulação da obra contribuem de forma significativa para que um livro seja visto como infantil, juvenil, “adulto” ou “de fronteira”, assim como – ainda que dentro de certos limites – seja percebido como um livro do tipo “recomendado”, característico da circulação em meio escolar, ou voltado para a “compra por impulso”, no caso, pelo jovem. (CECCANTINI, AGUIAR, 2019, p. 48).

Tratando-se de obras didáticas, objeto que majoritariamente é composto por textos e imagens, a camada de linguagem referente ao projeto gráfico-editorial pode ser ainda mais complexa. Segundo Haluch (2013), isso se dá “principalmente pela necessidade de fazer a imagem acompanhar o texto, pois esse é o sentido – a mensagem visual reforça a mensagem verbal.”. (HALUCH, 2013, p. 25). Moraes (2017), em consonância a Haluch (2013), aponta que os livros com finalidade didática evidenciam, a partir de seus projetos gráfico-editoriais, seu propósito: “embora seja um caminho para se chegar à chamada cultura letrada, ou partam

de algum grau dela para adentrar áreas específicas do conhecimento, esses livros se diferenciam visualmente das obras típicas que caracterizam a cultura letrada já conquistada e estabelecida.” (MORAES, 2017, p. 24).

Andrade (2011), por sua vez, entende que “com a perpetuação do livro didático como recurso pedagógico imprescindível no processo de ensino-aprendizado, as estratégias de autores e editores para a influência na escolha do ld vêm se aperfeiçoando.” (ANDRADE, 2011, p.81). A pesquisadora salienta que diferentes são as formas de persuadir o consumidor da obra didática e o projeto gráfico-editorial está no cerne dessas estratégias. Como bem aponta Paiva (2019, p. 100), “cada nuance importa na edição de livros”.

Portanto, podemos entender que os planejamentos e as definições editoriais, somadas à intencionalidade e aos formatos gráficos resultam na configuração visual e textual que transformam o texto em livro. Assim, a fim de discutirmos de que forma os elementos gráfico-editoriais nos dão pistas acerca de como a autoria e a função autor podem ser manifestadas nos LDs de PLE, faz-se necessário realizarmos um breve apanhado teórico sobre sua concepção e seu emprego.

2.1 Projeto gráfico como linguagem e intencionalidade: o *design* das obras

Segundo Villas-Boas (2007, p. 11), “*design* gráfico é a atividade profissional e a consequente área de conhecimento cujo objetivo é a elaboração de projetos para reprodução por meio gráfico de peças extremamente comunicacionais”, dentre elas encontra-se o livro. O teórico ainda complementa, citando Livingston & Livingston (1992), que o *design* gráfico se trata de uma “atividade de combinação”, visto que não se define por um único procedimento: “o *design* gráfico não é a simples diagramação de uma página, embora a diagramação possa ser uma das ferramentas de trabalho do *designer*. Também não é a ilustração, embora esta possa ser um dos elementos utilizados pelo profissional para a consecução de um projeto”. (VILLAS-BOAS, 2007, p. 11). Trata-se, portanto, de aliar todo o conhecimento estético e técnico à proposta editorial e comercial da obra.

De acordo com a Associação dos *Designers* Gráficos do Brasil (ADG), o projeto gráfico de um livro envolve desde “o planejamento das características gráficas e visuais de uma publicação” até “o detalhamento de especificações para a produção gráfica, como formato, papel, processos de composição, impressão e acabamento” (ADG, 2012, p.88). Elementos esses essenciais para a materialidade do impresso: “um livro pode não possuir

texto escrito ou ilustrações, mas jamais deixará de apresentar um projeto gráfico.” (PINHEIRO, 2018, p. 141).

Na perspectiva de Chartier (1999), o projeto gráfico corresponde aos procedimentos da colocação em livro (*mise en livre*) ou aos procedimentos da colocação em textos (*mise en texte*):

os procedimentos de colocar em livro [...] podem apropriar-se diferentemente do mesmo texto. Eles variam historicamente e também em função de projetos editoriais que visam usos ou leituras diferentes. Portanto, sobre um mesmo texto, que tem suas próprias regras de ser como texto, os procedimentos de ser em livro podem variar de maneira extremamente forte. (CHARTIER, 1999, p. 251).

Em última análise, Araújo (2008) afirma que o projeto gráfico de um livro é o que possibilita unidade à obra, criando uma harmonia entre conteúdo e forma e gerando fluidez na leitura. Trata-se “da busca do equilíbrio, mesmo quando, de propósito, se rompe esse equilíbrio, de modo, a produzir-se certa estrutura com seu próprio ritmo e seu próprio código, que resulte em comunicação imediata, cômoda e visualmente agradável entre o autor e seus leitores.” (ARAÚJO, 2008, p. 373).

O teórico identifica como elemento fundamental do projeto gráfico de um livro o princípio da legibilidade. Segundo Araújo, tal princípio está relacionado a várias definições, como a organização da página, a estrutura do livro e a arte final. Trata-se de escolhas que irão determinar a experiência da leitura e facilitar a compreensão do conteúdo. Para Nascimento (2011, p. 33) “qualquer material que seja produzido com a finalidade de transmitir um conhecimento, ou melhor, que seja didaticamente projetado para ensinar algo, deve se utilizar dos recursos visuais da maneira mais clara possível.”. Lourenço (2011) explica que:

[o termo] se refere tanto a forma das letras, ou seja, ao reconhecimento de um caractere individual, quanto ao espaço entrelinhas, entreletras e entrepalavras, que estão relacionados ao espaço vazio entre as linhas, letras e as palavras. Também apresenta relação com a velocidade de leitura, dos fatores ambientais, do nível de fadiga do leitor, além dos aspectos culturais e da habilidade e experiência do leitor. (LOURENÇO, 2011, p. 87, 88).

Acerca dos procedimentos e dos sujeitos envolvidos na publicação de uma obra, Pinheiro e Tolentino (2019) ressaltam que “da escolha do original à distribuição do produto pronto, há uma gama de operações e profissionais que, agenciados por um editor, atuam no sentido de transformar um texto em objeto cultural comerciável”, sendo um dos profissionais o *designer*, sujeito que possui a missão de atribuir valor e significado ao aspecto gráfico do livro. Carvalho (2008) afirma que “o papel do *designer* de livros é projetar a forma do livro

considerando seu processo produtivo, e desta maneira o *designer* estabelece os parâmetros que definem a materialidade e visualidade do livro.” (CARVALHO, 2008 p.1).

Na concepção do *designer* Richard Hendel (2003), o *design* de livro se diferencia de todos os outros tipos de *design*: “o trabalho real de um *designer* de livro não é fazer as coisas parecerem ‘legais’, diferentes ou bonitinhas. É descobrir como colocar uma letra ao lado da outra de modo que as palavras do autor pareçam saltar da página.” (HENDEL, 2003, p. 3). Trata-se de “realizar o arranjo das informações na página, de modo legível e equilibrado.” (MIRANDA; ROCHA, 2018, p. 2).

Portanto, durante o processo de editoração⁵, cabe ao *designer* editorial, ou “*designer* de livro” segundo Hendel (2003), definir:

área de mancha gráfica; margens da página; espaços das linhas de base; composição e formatação de grids (que poderão ser dentre vários modelos, modular ou em colunas); tipografias e tamanhos de texto a serem utilizados nos títulos, subtítulos, e todas as informações textuais que compõem o projeto; posicionamento de informações de fôlio e seções; posicionamento e tamanho das informações textuais; posicionamento e tamanho das imagens e gráficos; utilização ou não de “páginas cortina” ou abertura de capítulos; dentre outros recursos e elementos que irão guiar o leitor durante a sua leitura. (MIRANDA; ROCHA, 2018, p. 2, 3).

Tendo em conta todas as escolhas realizadas por esse profissional, Hendel (2003) afirma que o que define um livro está muito além do que o autor escreve, pois, elementos como tipografia e sua forma física também o caracterizam: “cada escolha feita por um *designer* causa algum efeito sobre o leitor. Este efeito pode ser radical ou sutil, mas normalmente está fora da capacidade do leitor descrevê-lo.” (HENDEL, 2003, p. 11). O teórico situa o *designer* entre o autor e o leitor.

Acerca do *design* em LDs, Moraes (2017) aponta que “a configuração visual do livro escolar, diferente da de qualquer outro tipo de livro, revela inequivocadamente seu caráter de uso específico voltado para a escola ou para o uso individual determinado pela escola.” (MORAES, 2017, p. 23). Sobre isso, Miranda e Rocha (2018) afirmam que o ponto central na construção gráfica de uma obra desse gênero é a tomada de decisão de como dispor, organizar e hierarquizar as informações. Portanto, estando envolvido no processo de produção e avaliação de um LD, o *designer* atua como um mediador da comunicação entre o conteúdo e o leitor, uma vez que constrói mensagens visuais gráficas e informacionais compreensíveis e intencionais.

⁵ Alina Haluch (2013) afirma que trabalhar as questões projetuais da diagramação e composição do layout do livro é um processo chamado de editoração.

Sendo assim, faz-se interessante analisar nos LDs que integram o *corpus* desta pesquisa de que forma as escolhas gráficas referentes à autoria, feitas normalmente pelo *designer*, nos ajudam a identificar e compreender a presença ou a ausência de marcas autorais, bem como a importância visual gráfica dada aos indivíduos que cumprem a função autor nos paratextos das obras selecionadas.

2.2 Projeto editorial como linguagem e intencionalidade: os paratextos editoriais

A paratextualidade, parte fundamental de um projeto editorial, age de diferentes formas e utiliza-se de diferentes recursos de acordo com sua intencionalidade. Gérard Genette, crítico literário francês e teórico da literatura, em sua obra *Paratextos Editoriais*, escrita em 1987 e publicada no Brasil em 2009 pela Ateliê Editorial, aponta para a quase impossibilidade de um texto estar isento da paratextualidade:

Esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. (GENETTE, 2009, p. 9).

Corroborando essa compreensão, Eliana Muzzi, em *Paratexto: espaço do livro, margem do texto* (2008), destaca que é por meio dos elementos paratextuais que um texto se torna livro, que sua função básica está presente desde a sua criação, a qual coincide com o advento da imprensa: “exibir o texto, apresentá-lo, encená-lo” (MUZZI, 2008, p. 60). Ainda em consonância com Genette, a autora afirma que o paratexto

é o lugar por excelência de uma ação sobre o público, onde se estabelecem critérios de recepção e consumo. Essa função, publicitária, pragmática e estratégica, visa a situar o leitor no espaço social da leitura, a determinar uma atitude de leitura, e a instituir o texto como lugar de investimento fantasmático. (MUZZI, 2008, p. 60).

Assim, pode-se compreender que o paratexto tem diversas funções como: introduzir, apresentando-se como uma porta de entrada ou, como bem define Genette (2009, p.9), delimitar um “limiar” entre o dentro e o fora; localizar o leitor, situando-o em relação à obra, visto que os paratextos sempre se modificam de acordo com a época, a cultura, os gêneros, os autores, as obras, as edições etc.; e funcionar como um aparato, que tem como objetivo sustentar o texto reconhecido como “principal”.

Genette (2009) afirma que não há e que jamais houve um texto sem a presença de paratexto, porém há paratextos sem textos, como é o caso de muitas obras de que se tem o conhecimento apenas do título, pois desapareceram ou foram abortadas, como “epopeias pós-homéricas ou tragédias gregas clássicas”. (GENETTE, 2009, p. 11). Ainda na linha da obrigatoriedade do paratexto, o teórico aponta que este caráter irregular também vale para o público e para o leitor: “ninguém é obrigado a ler um prefácio, mesmo que essa liberdade nem sempre seja bem-vinda para o autor, e veremos que muitas notas são dirigidas apenas a certos leitores” (GENETTE, 2009, p. 11).

Em obras didáticas, dedicar uma apresentação a seu estudante e/ou professor ou adicionar materiais complementares à obra como CDs, ilustrações recortáveis, encartes com exercícios extras etc., são estratégias de persuasão. A definição desses recursos, muitas vezes, não conta com a participação – na elaboração e na produção – dos autores, tornando-os apenas um receptor de decisões tomadas pela editora e por seus profissionais do livro.

Visto essas considerações iniciais em relação à função e ação do paratexto é fundamental compreender quais são os seus elementos constitutivos. Para Genette, em sua obra *Palimpsestos, a literatura de segunda mão*, traduzida para o português em 2010 pela Edições Viva Voz, o que compõe o paratexto é:

título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; release, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (GENETTE, 2010, p. 15).

A partir dessa listagem pode-se aclarar que tudo que circunda ou acompanha o texto, possuindo funções e ações diversas, trata-se de um paratexto. Genette (2009) salienta essa compreensão ao afirmar que o paratexto não é apenas um lugar de transição, mas também de *transação*: “lugar privilegiado de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se, aos olhos do autor e de seus aliados.” (GENETTE, 2010, p. 10). Sousa (2017) pontua que devido a esse aspecto de transição, os elementos paratextuais se associam a causas diversas:

a configuração de aparatos paratextuais atrelam-se aos propósitos de atendimento às finalidades mercadológicas, manutenção de padrões editoriais, à rememoração da imagem do autor e do romance, à elaboração de produtos para públicos diferentes – estetas, colecionadores, estudantes do ensino médio e universitários. Enfim, são

elementos adicionados ao livro, a fim de promover a adequação necessária do texto do romance aos diversos públicos, momentos e estratégias, conjugando as especificidades do tempo da obra e às demandas editoriais. (SOUSA, 2017, p. 92).

Para Muzzi (2009, p. 65), “é através desses elementos que um ‘texto’ torna-se ‘livro’, que ele se submete a uma nova ‘*dispositio*’ que permite ao leitor avaliá-lo, ter dele uma imagem, sem ou antes de o ter lido”; a teórica ainda acrescenta, na mesma linha de Genette, que “o paratexto é também o lugar em que se prepara a receptibilidade do texto, lugar privilegiado de uma pragmática, de uma ação sobre o público.” (MUZZI, 2009, p. 65). Acerca dessa capacidade de estabelecimento de conexões e de fonte de informação, Nascimento (2019) afirma que “é possível estabelecer relações entre os atores envolvidos no processo de produção e distribuição do livro”, a partir da análise dos paratextos.

Genette (2009) divide todos esses paratextos expostos acima em duas diferentes categorias: a primeira é denominada como “peritexto”, a qual é o foco de seu estudo e também desta pesquisa. Entende-se como peritexto uma mensagem materializada que, em caráter obrigatório, possui um lugar definido em relação ao próprio texto: “em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos do capítulo ou certas notas” (GENETTE, 2009, p. 13). Desse modo, pode-se entender como peritexto tudo aquilo que está anexado ao texto dito principal.

Nos LDs de PLE, os peritextos mais recorrentes são os textos da capa, quarta-capa, lombada e orelha, folha de rosto, ficha catalográfica, dedicatória, texto de apresentação, nota biográfica do(s) autor(es), sumário, agradecimentos, anexos como glossário, minigramática, transcrição de áudios e resposta dos exercícios. Ainda, de forma menos recorrente, pode-se encontrar nesses didáticos: epígrafe, prefácio, falsa folha de rosto, texto de apresentação sobre a editora, Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), legenda prévia dos ícones que serão utilizados ao longo da obra, entre outros elementos que podem constituir um livro desse gênero.

Acerca do atual caráter editorial do peritexto, Genette (2009) aponta que sua ocorrência é relativamente recente, enquadrando-se na época moderna e contemporânea. O teórico esclarece que não significa que em eras mais antigas não havia (re)conhecimento do que hoje entende-se por elementos peritextuais, mas que naqueles períodos, em que cópias manuscritas já eram uma forma de publicação, não havia o uso editorial do peritexto. Segundo Genette (2009), atualmente os peritextos editoriais são, em sua grande maioria, mas não exclusivamente, de responsabilidade do editor: “da edição, isto é, do fato de um livro ser

editado, e eventualmente reeditado, e proposto ao público sob uma ou várias apresentações mais ou menos diferentes” (p. 21).

A segunda categoria, a qual não será discutida nesta pesquisa, é nomeada “epitexto”. Trata-se de tudo aquilo que excede a materialidade da obra: “ainda em torno do texto, mas a uma distância mais respeitosa (ou mais prudente), todas as mensagens que se situam, pelo menos na origem, na parte externa do livro” (GENETTE, 2009, p. 12), portanto o epitexto se faz comumente num suporte midiático como em jornais, revistas, entrevistas, conferências etc., ou ainda sob a forma de uma comunicação privada como “testemunhos contidos na correspondência ou no diário de um autor, eventualmente destinados a uma publicação posterior, ântuma ou póstuma” (GENETTE, 2009, p. 304).

Ao estender esse conceito aos LDs de PLE, reconhece-se diversos produtos e conteúdos que excedem a materialidade da obra, geralmente veiculados on-line e que não são necessariamente de uso obrigatório, como manual do professor, cronograma de aulas, exercícios complementares, exercícios gramaticais, glossários bilíngues, transcrição dos diálogos e textos de audição, explicações fonéticas, apêndices culturais com explicações sobre vocábulos ligados à cultura brasileira, entre outras informações extras relacionadas à língua portuguesa falada no Brasil.

Acerca do público-alvo dos epitextos, Genette (2009) destaca que o destinatário nunca se resumirá apenas ao leitor do texto, mas também àqueles que podem eventualmente não serem leitores. No caso dos LDs de PLE, estudantes estrangeiros e professores podem acessar on-line os conteúdos mencionados acima sem a necessidade de adquirirem a obra.

Como mencionado anteriormente, a categoria dos epitextos não será analisada nesta pesquisa visto o recorte definido, mas salienta-se o desejo de abordá-la em pesquisas futuras. Por fim, entendendo os elementos paratextuais como frutos de decisões editoriais que possuem um caráter funcional, visto que se adaptam ao seu público, no espaço e no tempo, busca-se nesta pesquisa entender quais possibilidades de leituras acerca da(s) autoria(s) os peritextos sugerem.

Assim, após um breve apanhado teórico sobre os elementos constituintes e produtores de sentido de um projeto gráfico-editorial, faz-se notório identificar que suas decisões, características e mecanismos se dão geralmente dentro de um contexto de múltipla autoria, sobretudo em obras didáticas. Segundo Marsaro (2011, p. 4) “é através do projeto gráfico-editorial, também, que editor, autor e outros agentes, em maior ou menor proporção, assinalam seus pontos de vista sobre os objetos de ensino.”. Para a pesquisadora, os

procedimentos e as características do projeto gráfico-editorial resultam, portanto, em um contexto de coautoria.

Nessa perspectiva, torna-se fundamental que todos os profissionais que integram essa cadeia de publicação estejam cientes das múltiplas funções e múltiplas autorias envolvidas nas diversas etapas de produção, circulação e consumo de um LD. Desse modo, propõem-se no próximo capítulo identificar a pluralidade de autoria a partir do que é sugerido pelo projeto gráfico-editorial de cada publicação e discutir a função autor nos LDs selecionados.

CAPÍTULO 3: AUTORIA, FUNÇÃO AUTOR E EDIÇÃO: ANÁLISE DO PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL

Entendendo que a função autor não é nem universal, nem atemporal, no capítulo de análise nos interessará verificar quais pistas presentes no projeto gráfico-editorial das obras didáticas selecionadas nos permitem compreender como a função autor se manifesta e quais possibilidades de leituras acerca da autoria elas sugerem. Conforme aponta Nascimento (2017, p.70), “informações técnicas sobre o autor, o ilustrador, a editora e a gráfica, por exemplo, são fundamentais para o entendimento do contexto histórico da publicação”, além de possibilitarem uma compreensão sobre sua construção.

Como apontado na introdução, as obras que integram o *corpus* são: *Bons Negócios – Português do Brasil para o mundo do trabalho* (2013), *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* (2017), *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros* (2020), *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* (2022) e *Muito Prazer: fale o português do Brasil – Livro 1* (2022).

Tratam-se de obras físicas, publicadas ou reeditadas nos últimos 10 anos no Brasil por editoras nacionais, com mais de um autor e com uma grande quantidade de elementos gráfico-editoriais dispostos para análise e discussão acerca da função autor e da autoria. A fim de padronizar a seleção dos livros que integram o *corpus*, selecionamos a última edição das obras reeditadas e, caso componham uma coleção, o primeiro volume.

Propõem-se a análise do projeto gráfico-editorial sob duas categorias que nortearão o estudo: uma presença que se vê e uma ausência que se nota. Na primeira, **uma presença que se vê**, consideram-se os elementos paratextuais do *corpus* em que a manifestação autoral é visível, enquanto na segunda, **uma ausência que se nota**, discutem-se os elementos paratextuais em que a ausência das marcas autorais é notável. Faz-se importante salientar que os elementos gráficos serão analisados dentro de cada paratexto selecionado.

Nos quadros dispostos abaixo, apresentam-se os elementos paratextuais que serão discutidos sob cada categoria dentro de suas respectivas edições.

Quadro 1: Uma presença que se vê

UMA PRESENÇA QUE SE VÊ	
Livro	Elementos paratextuais
<i>Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho</i>	• Capa • Lombada • Quarta capa • Folha de rosto • Página de créditos • Apresentação
<i>Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros</i>	• Capa • Lombada • Quarta capa • Orelha • Falsa folha de rosto • Folha de rosto • Página de créditos • Prefácio • Sobre os autores
<i>Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros</i>	• Capa • Lombada • Quarta capa • Folha de rosto • Página de créditos • Apresentação • Como usar este livro
<i>Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro</i>	• Capa • Lombada • Orelha • Falsa folha de rosto • Folha de rosto • Sobre os autores • Material suplementar • Apresentação • Orientação de uso
<i>Muito Prazer – Fale o português do Brasil</i>	• Capa • Lombada • Falsa folha de rosto • Página de créditos • Dedicatória • Agradecimentos • Apresentação

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 2 – Uma ausência que se nota

UMA AUSÊNCIA QUE SE NOTA	
Livro	Elementos paratextuais
<i>Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho</i>	• Falsa folha de rosto • Ficha catalográfica • Apresentação
<i>Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros</i>	• Falsa folha de rosto • Sobre os autores • Como usar este livro
<i>Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro</i>	• Falsa folha de rosto • Como usar o seu Novo Avenida Brasil
<i>Muito Prazer – Fale o português do Brasil</i>	• Quarta capa • Como aproveitar seu livro

Fonte: elaborado pela autora

Aclara-se desde já que um mesmo elemento pode estar presente em ambas as categorias, apresentando *presenças* e *ausências* de autoria que serão analisadas.

3.1 Uma presença que se vê: autoria e função autor manifestadas

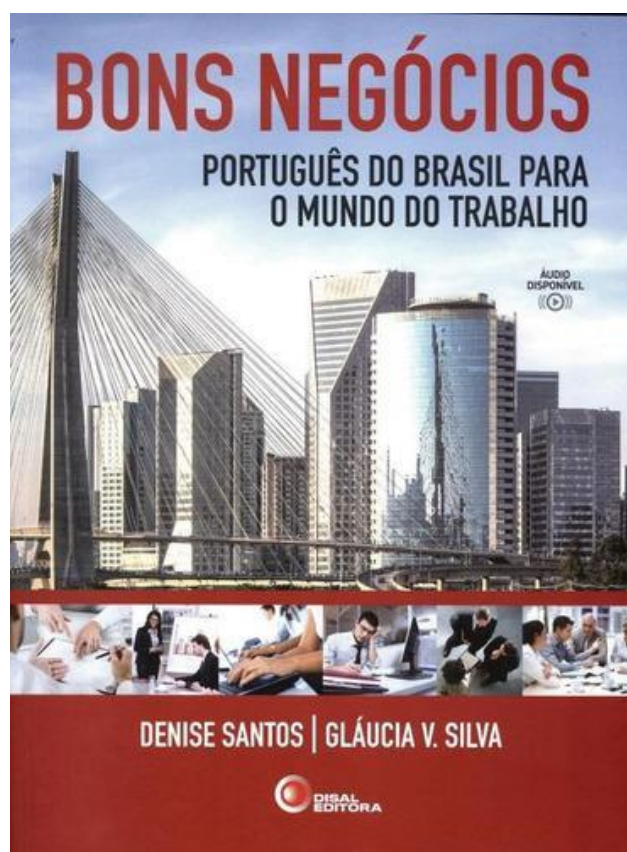
O nome não é mais uma simples declinação de identidade, mas o meio de colocar a serviço do livro uma identidade, ou melhor, uma “personalidade”.

Gérard Genette, 2009

3.1.1 Bons Negócios – português do Brasil para o mundo dos negócios

Partindo da capa (cf. Figura 2), espaço onde normalmente se enuncia o nome do autor pela primeira vez, vê-se que a escolha é pelo “onimato”. Genette (2009, p. 41) assinala que o nome do autor pode estar circunscrito em três possibilidades: o autor assina a obra com seu nome do registro civil, o “onimato”; ou assina com um nome falso ou inventado, o “pseudononimato”; ou simplesmente não assina, o que reconhecemos como “anonimato”. Segundo o teórico (2009, p. 41), “o onimato deve-se, às vezes, a uma razão mais forte ou menos neutra do que a falta de desejo de, por exemplo, criar um pseudônimo”. Em obras didáticas, a impressão do nome do registro civil do autor na capa é uma decisão editorial bastante comum, uma vez que tende a afirmar uma personalidade na produção, assinalar uma notoriedade do autor e cumprir sua função contratual.

Figura 2: capa - *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*



Fonte: Santos e Silva, 2013

No LD *Bons Negócios português do Brasil para o mundo do trabalho*, os nomes das autoras, Denise Santos e Gláucia V. Silva, aparecem em caixa-alta, separados por uma barra vertical, na cor branca sobre uma faixa vermelha na parte inferior da página, de forma centralizada, contrastando com os outros elementos composicionais da capa. Também localizada sob a faixa vermelha, abaixo do nome das autoras, está a logo da editora responsável pela publicação, Disal Editora. O título é grafado em vermelho, mesmo tom da faixa onde o nome das autoras está localizado, também em caixa-alta e centralizado no alto da página, enquanto o subtítulo, alinhado à direita, é grafado em preto e em um tamanho de fonte menor comparado ao título. Outro elemento que chama atenção na capa é a fotografia de fundo da cidade de São Paulo que possivelmente visa ilustrar o direcionamento pedagógico do LD em questão e estabelecer uma conexão entre o nome da publicação e a cidade modelo para negócios no Brasil. Visualmente e textualmente fica claro que se trata de uma obra didática designada para o mundo do trabalho.

Acerca das marcas de autoria, o nome das autoras, junto ao nome da editora, são os únicos textos que estão sobre a faixa vermelha e grafados em branco, o que pode sugerir uma

intencionalidade gráfica em aproximar aqueles que exercem uma função autoral na publicação. Para além dessa possível decisão gráfica-editorial, ainda que o nome das autoras e o nome da editora na capa do LD em análise não estejam mais evidentes que o título quanto ao tamanho da fonte e à disposição na página, ou que a imagem de fundo em relação a realce, a função de identificação e responsabilização da obra são cumpridas: “a simples inscrição do título ou do autor pode portar prestígio e transmiti-lo ao possuidor do livro em questão, tanto para deleite próprio como para comunicar aos outros.” (MORAES, 2017, p. 61). Moraes (2017) salienta que:

o título, associado ao nome do autor, ou, muitas vezes, apenas a grafia do nome do autor numa capa, é manifestação suficiente do *ethos* que garante a validade da obra e conduz à sua aquisição pelos segmentos que se identificam com ela. Há inúmeras coleções em que o elemento gráfico principal é o nome do autor, associado ou não a sua imagem pictórica, ficando o título em segundo plano. (MORAES, 2017, p. 62).

Quando se trata de títulos didáticos, Moraes (2017) pontua que esse é um fenômeno muito comum: “o prestígio do autor, conquistado em obras de um segmento de ensino ou de determinado tema, é explorado em outros.” (MORAES, 2017, p. 62). Outra marca de autoria comumente presente na capa de um livro, segundo o pesquisador, trata-se da empresa que tornou a publicação possível, pondo-a ao alcance do leitor-consumidor, por meio da aplicação de nome, sinal ou logotipo. Vê-se, portanto, que é nesse elemento paratextual que se trava o primeiro contato do público com os indivíduos que cumprem uma função de autoria na publicação, assegurando tanto um papel informacional quanto mercadológico. Em consonância, Carvalho (2008) aponta que:

a capa assume o papel principal na relação entre público e produtor. De uma relação directa, em que a construção da capa é feita à medida, passa a uma relação mediada, em que passa a ser o principal meio de comunicação com o público. (CARVALHO, 2008, p. 54).

Dando sequência à análise, em sentido lato, a capa de um livro também diz respeito às partes que lhe estão mais próximas, como a lombada ou dorso, a quarta capa ou contracapa e, quando há a ocorrência, as orelhas, ou abas. No LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho* não há a presença de orelhas, mas se vê marcas autorais na lombada e na quarta capa.

No que concerne à lombada, refere-se ao primeiro elemento gráfico-editorial de contato com o público em uma circunstância presencial, visto que geralmente as obras são dispostas verticalmente em uma prateleira, seja em uma livraria, seja em uma biblioteca.

Nesse caso, fisicamente, a lombada acaba cumprindo uma função indispensável na identificação de determinada publicação, tendo mais valor comercial que a capa. Contudo, sob uma ótica contemporânea, a lombada tem perdido sua função comercial após o advento da internet e da popularização de *sites* que comercializam livros *on-line*, uma vez que esse paratexto não consta nas páginas de venda, tornando-o irrelevante no momento da compra. Em termos técnicos, Morissawa (2015) aponta que a lombada se trata de um:

espaço constituído pela espessura do livro, limitado entre as duas dobras por ela definidas, a lombada ou o dorso serve também para imprimir os caracteres impressos de identificação da obra posicionada numa estante de prateleira. Além do título da obra e do nome do autor, é comum encontrar numa das extremidades o logotipo da casa editora. (MORISSAWA, 2015, p. 28 e 29).

A lombada do LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho* (cf. Figura 3) apresenta os nomes das autoras, também separados por uma barra vertical, o nome da obra e a logo da editora. Tal decisão gráfica-editorial é comum em produções didáticas, sendo possível intuir que se trata de uma estratégia comercial que visa promover, em um contexto de compra física, uma relação entre público – autoras, público – título e público – editora.

Figura 3: lombada - *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*



Fonte: Santos e Silva, 2013

Faz-se interessante também ressaltar que, referente à imagem da editora, a lombada é um espaço privilegiado de promoção da obra, pois é de entendimento do mercado editorial a necessidade de criar uma ligação visual entre a editora e os títulos e autores publicados. Evidentemente, essa estratégia editorial irá atingir principalmente aqueles, sejam alunos ou professores, que já conhecem o trabalho realizado pela editora, e que por consequência estão familiarizados com sua logo.

A Disal Editora⁶, responsável pela publicação do LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*, foi fundada em 2003 por Francisco Canato, Renato Guazzelli e José Bantim Duarte e atualmente já supera a marca de 350 títulos publicados. Sua linha editorial se concentra nos livros de idiomas e de interesse geral. Na área de português

⁶ Disponível em: <<https://disaleditora.com.br/disal-editora>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

para estrangeiros são 17 publicações didáticas e paradidáticas, sendo a primeira publicação *Break the Branch?*⁷, livro que apresenta expressões e frases da língua falada no Brasil, de 2008. Portanto, pode-se entender que a Disal Editora possui determinada tradição na área de PLE, tanto pela quantidade relevante de lançamentos, quanto pelo tempo decorrido desde a primeira publicação, totalizando 15 anos.

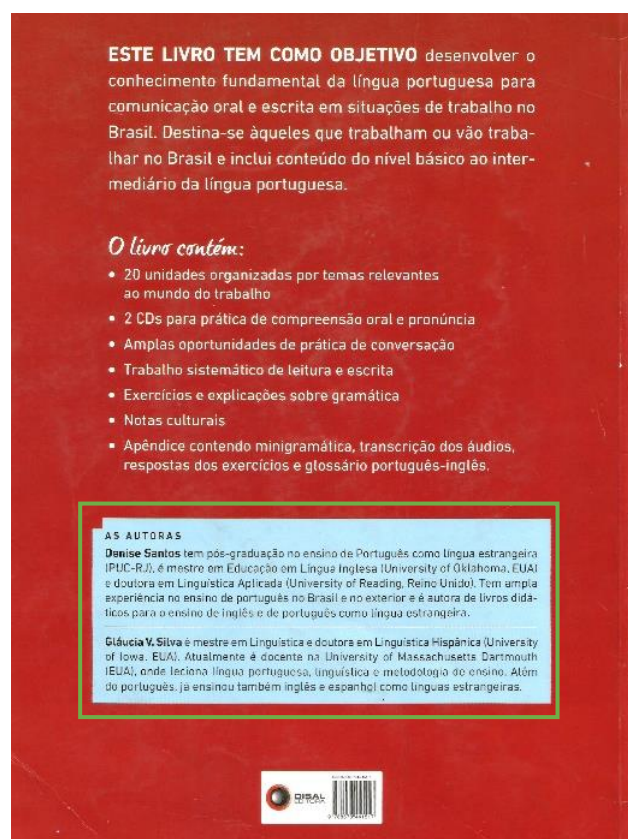
Referente às marcas de autoria nesse paratexto, assim como ocorre na capa, os nomes das autoras na lombada são grafados em cor distinta do título do livro. Enquanto *Bons Negócios* está na cor branca, os nomes de Denise Santos e Gláucia V. Silva estão em um tom azul claro, cor que se assemelha ao tom do retângulo da quarta capa que delimita o espaço onde se encontram duas sucintas notas biográficas das autoras. A partir de tais decisões gráficas-editoriais na lombada, uma distinção dos nomes das autoras do nome da produção didática é alcançada, bem como uma conexão visual entre as duas informações dispostas em paratextos diferentes: o nome das autoras na lombada e a nota biográfica na quarta capa, paratexto que será analisado na sequência.

Segundo Williams (1995), essa conexão visual refere-se ao princípio da proximidade que visa implicar uma relação entre os elementos: “itens relacionados entre si devem ser agrupados e aproximados uns dos outros, para que sejam vistos como um conjunto coeso e não como um emaranhado de partes sem ligação.” (WILLIAMS, 1995, p. 17). Segundo o teórico, tal princípio oferece ao leitor uma pista visual imediata que diferentes elementos estão logicamente conectados.

A cerca da quarta capa (cf. Figura 4), o livro *Bons Negócios* trata-se da única obra didática em análise nesta pesquisa em que se vê a presença autoral daqueles que são reconhecidos socialmente como autores da publicação. Subvertendo o tradicionalismo gráfico-editorial em LDs de PLE de agregar a nota biográfica do autor no espaço interno do livro, nessa publicação uma primeira apresentação das autoras já ocorre na quarta capa. Graficamente anterior à nota, também nesse paratexto, é apresentado no topo da página o objetivo do LD e para quem ele se destina, e, na sequência, o conteúdo que será encontrado dentro do livro *Bons Negócios*. A presença da editora também se materializa com a impressão de sua logo, ao lado do código de barras, no pé da página. Tais informações são de praxe nesse tipo de publicação, diferentemente da nota biográfica presente na parte inferior da página.

⁷ Disponível em: <<https://disaleditora.com.br/livro.php?id=5ac3baca1c740606359ef532>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Figura 4: quarta capa - *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*



AS AUTORAS

Denise Santos tem pós-graduação no ensino de Português como língua estrangeira (PUC-RJ), é mestre em Educação em Língua Inglesa (University of Oklahoma, EUA) e doutora em Linguística Aplicada (University of Reading, Reino Unido). Tem ampla experiência no ensino de português no Brasil e no exterior e é autora de livros didáticos para o ensino de inglês e de português como língua estrangeira.

Gláucia V. Silva é mestre em Linguística e doutora em Linguística Hispânica (University of Iowa, EUA). Atualmente é docente na University of Massachusetts Dartmouth (EUA), onde leciona língua portuguesa, linguística e metodologia de ensino. Além do português, já ensinou também inglês e espanhol como línguas estrangeiras.

Fonte: Santos e Silva, 2013

Escrita em terceira pessoa, a nota intitulada “as autoras” apresenta uma breve biografia sobre Denise Santos e Gláucia V. Silva, focada em suas formações de maior grau e atuações na área de PLE. Isso pode ser compreendido como uma decisão editorial e publicitária muito bem definida, uma vez que apresenta a formação acadêmica e a trajetória profissional das autoras já no espaço externo do livro a fim de atrair professores e estudantes que se atenham ao prestígio daqueles que cumprem uma função autoral antes mesmo de adentrar à publicação.

Interpreta-se que determinadas informações acerca das autoras, como as universidades estrangeiras onde realizaram parte de suas formações e atual local de trabalho, no caso da Gláucia V. Silva, foram intencionalmente selecionadas a fim de agregar valor à obra por meio da estima e da credibilidade social que possuem. Genette (2009, p. 28) aponta que a quarta capa surge como um lugar estratégico para atrair o leitor, não apenas para a leitura do livro em questão, mas como um espaço de divulgação para outros lançamentos da editora ou do autor. No LD em questão, tal paratexto parece ter sido compreendido, portanto, como um espaço apropriado e estrategicamente eficaz para uma marcação explícita de autoria.

Ainda acerca das decisões editoriais, termos como “ampla”, a fim de intensificar a experiência que Denise Santos tem na área de PLE e o fato de frisar que Gláucia V. Silva também já ensinou outras línguas como língua estrangeira “além do português”, salientando sua trajetória enquanto professora, podem ser entendidas como estratégias de validação das autoras e fortalecimento da presença delas na publicação.

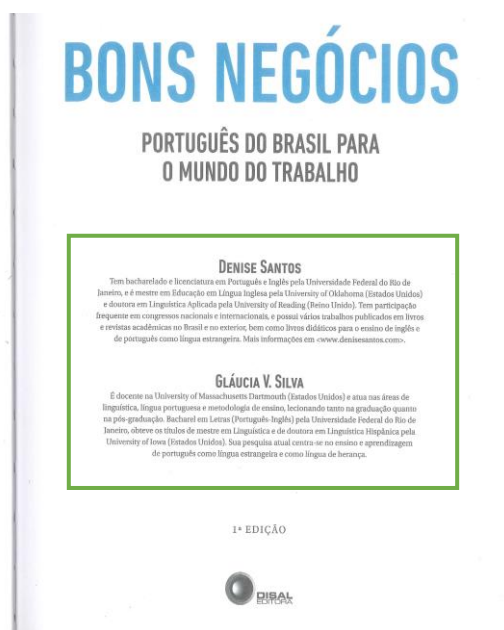
Graficamente, a nota biográfica é grafada sobre um retângulo azul que, apesar de possuir um tamanho de fonte menor que os demais textos presentes no paratexto, atrai o olhar, pelo contraste com o fundo vermelho. Para Williams (1995, p. 53), “o contraste é uma das maneiras mais eficazes de acrescentar algum atrativo visual a uma página, criando uma hierarquia organizacional entre diferentes elementos”. Em consonância, Barros (2019, n.p.) salienta que “o contraste é o responsável por dar relevância visual ao que deve ser atrativo”, ou seja, destacar aquilo que tem mais relevância na página e possibilitar que o leitor identifique e compreenda a mensagem com apenas uma passagem de olhar. Além disso, como mencionado anteriormente, a escolha pelo tom azul claro como fundo se conecta aos nomes das autoras grafados na lombada, assinalando uma proximidade entre os elementos.

Naturalmente, depois de apreciar a capa e a quarta capa, o leitor normalmente abre o livro em suas primeiras folhas. Se nelas constar o nome dos autores, trata-se de mais uma oportunidade de fortalecimento da identidade autoral da obra. Ao adentrar-se no livro *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*, o primeiro paratexto em que se pode ver a presença autoral é na folha de rosto (cf. Figura 5). Segundo Araújo (2008), a folha de rosto é “onde verdadeiramente se faz a apresentação essencial do livro” (ARAÚJO, 2008, p. 401). Em consonância, Martins Filho (2016) salienta que esse paratexto é considerado “a página nobre da obra, sua apresentação gráfica cria a identidade visual do livro” (MARTINS FILHO, 2016, p. 40). Apesar de ambos os pesquisadores não estarem tratando especificamente de LD, pode-se identificar, assim como em obras literárias, um padrão de

informações presentes nessa página, como título, subtítulo, se houver, nome dos autores e logotipo da editora.

Na folha de rosto do LD em questão, há a presença de todos os elementos citados acima, além do número da edição que se trata de um elemento opcional, segundo Martins Filho (2016, p. 48). Contudo, a informação menos frequente nesse tipo de paratexto encontra-se abaixo dos nomes de Denise Santos e Gláucia V. Silva. De maneira estendida, também em terceira pessoa, opta-se por apresentar uma segunda nota biográfica das autoras, porém, diferentemente da primeira, com mais informações quanto à trajetória acadêmica e atuação profissional de cada uma.

Figura 5: folha de rosto - *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*



DENISE SANTOS

Tem bacharelado e licenciatura em Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e é mestre em Educação em Língua Inglesa pela University of Oklahoma (Estados Unidos) e doutora em Linguística Aplicada pela University of Reading (Reino Unido). Tem participação frequente em congressos nacionais e internacionais, e possui vários trabalhos publicados em livros e revistas acadêmicas no Brasil e no exterior, bem como livros didáticos para o ensino de inglês e de português como língua estrangeira. Mais informações em <www.denisesantos.com>.

GLÁUCIA V. SILVA

É docente na University of Massachusetts Dartmouth (Estados Unidos) e atua nas áreas de linguística, língua portuguesa e metodologia de ensino, lecionando tanto na graduação quanto na pós-graduação. Bacharel em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, obteve os títulos de mestre em Linguística e de doutora em Linguística Hispânica pela University of Iowa (Estados Unidos). Sua pesquisa atual centra-se no ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira e como língua de herança.

Fonte: Santos e Silva, 2013

Enquanto a nota biográfica na quarta capa evidenciava os graus de formação mais altos, na folha de rosto parte-se das formações iniciais, como os títulos de bacharelado e licenciatura. Denise Santos tem bacharelado e licenciatura em Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição onde também Gláucia V. Silva concluiu o seu bacharelado em Letras Português-Inglês. Pode-se interpretar que tais informações são mencionadas somente no interior do livro por não causarem tanto impacto e prestígio quanto as formações acadêmicas descritas na quarta capa. Ainda acerca da nota biográfica, outras informações também são salientadas, fortalecendo um argumento de autoridade quanto às autoras.

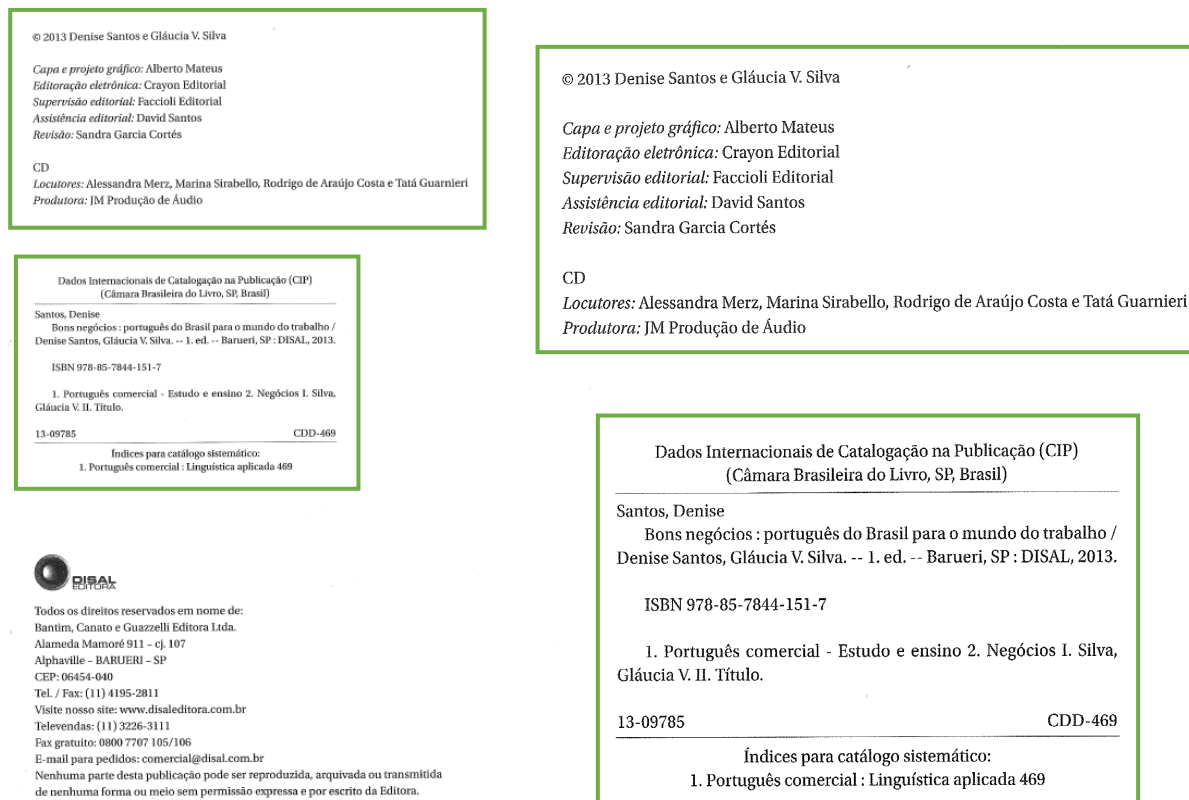
Em relação a Denise Santos, pontua-se que tem participação “frequente” em eventos e “vários” trabalhos publicados, sinalizando um envolvimento efetivo na área e uma constante atualização acadêmica e, naturalmente, profissional. Também se menciona o *site*⁸ pessoal da autora, o que possibilita um estreitamento da relação autora – leitor, apontando para um espaço que sugere intimidade, como na página de apresentação pessoal⁹ em que Denise Santos menciona ser avó e como isso tem influenciado seus interesses e reflexões atuais, além de ser um meio de validação e expansão das informações já descritas na nota. Já no caso da Gláucia V. Silva, pontua-se os campos em que atua e seus interesses de pesquisa, fortalecendo seu envolvimento com a área de PLE, uma vez que está centrada “no ensino e aprendizagem de português como língua estrangeira e como língua de herança”. Desse modo, a partir de tais reflexões, interpreta-se que ao trazer a nota biográfica, novamente, para um paratexto que normalmente não cumpre tal função, intenciona-se fortalecer a presença autoral na publicação.

Localizada normalmente no verso da folha de rosto, encontra-se a página de créditos (cf. Figura 6), também chamada de página do *copyright*. Trata-se do espaço que contém o maior número de informações legais relativas à obra, e, ainda que se trate de uma página de responsabilidade de uma prática editorial (MARTINS FILHO, 2016, p. 53), é nesse paratexto que se pode ter acesso a diversos profissionais que exerceram uma função de autoria na publicação, conferindo uma *presença* a esses agentes que estiveram envolvidos na elaboração do LD.

⁸ Disponível em: <<https://denisesantos.com/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

⁹ Disponível em: <<https://denisesantos.com/pt/sobre/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Figura 6: folha de créditos - *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*



Fonte: Santos e Silva, 2013

No LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*, inicia-se com a indicação de propriedade de direitos autorais (o símbolo de *copyright* ©, acompanhado do ano e do nome do titular). Em território nacional, a Lei nº 9.610 (Lei dos Direitos Autorais – LDA)¹⁰, em vigor desde 1998, garante a conservação dos direitos autorais, sendo o autor ou seus herdeiros, segundo o documento, os detentores dos direitos morais e patrimoniais de sua criação, e o publicador, nos limites previstos no contrato de edição, o possuidor do direito exclusivo de reprodução da obra e o dever de divulgá-la.

Na sequência, nomeiam-se os autores de diferentes decisões gráfica-editoriais do LD e do CD que o acompanha. Acerca desses profissionais que desempenham uma função de autoria no livro *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*, alguns pontos são de interessante observação. Inicialmente, referente ao livro físico, tanto a editoração eletrônica, desenvolvida pela Crayon Editorial, quanto a supervisão editorial, realizada pela Faccioli Editorial, são assinadas por empresas especializadas em suas respectivas áreas. Ao

¹⁰ Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm >. Acesso em 12 abr. 2023.

passo que vê uma *presença* autoral expressa pelo nome das empresas, também ocorre uma *ausência*, visto que não se tem acesso ao nome dos indivíduos que cumpriram essas funções.

Dado que não há uma diretriz específica e obrigatória de editoração e estilo quanto aos créditos dos profissionais envolvidos em um livro, nesse projeto gráfico-editorial, o nome do editor responsável, assim como de outros profissionais, são invisibilizados. Subtende-se, portanto, que a edição geral do livro ficou a cargo da Disal Editora e a editoração eletrônica por conta da Crayon Editorial. A mesma *ausência* de menção nominal dos profissionais responsáveis pela produção ocorre quanto à produtora do CD que acompanha o LD, assinada pela empresa JM Produção de Áudio.

Nessa página de créditos há a *presença* nominal de autoria dos profissionais responsáveis pela capa e projeto gráfico, Alberto Mateus, assistência editorial, David Santos e revisão, Sandra Garcia Cortés. Acerca disso, questiona-se se tal identificação nominal poderia sugerir que tais profissionais fazem parte do quadro de funcionários da Disal, e, portanto, são valorizados ao serem identificados nominalmente, ou se determinada função gráfica-editorial foi realizada somente pelo profissional nomeado, independentemente do vínculo empregatício. Há também a menção dos locutores do CD, Alessandra Merz, Marina Sirabbello, Rodrigo de Araújo Costa e Tatá Guarnieri.

Em seguida, apresenta-se a ficha catalográfica. Esse elemento, segundo Araújo (2008, p. 407), “trata-se de um resumo catalogado que permite a identificação bibliográfica da publicação, norteado pela padronização da International Standard Bibliographic Description (ISBD)”. O teórico aponta que “essa normalização prescreve elementos obrigatórios e facultativos” (ARAÚJO, 2008, p. 407), sendo estes padronizados no Brasil pela Câmara Brasileira do Livro (CBL)¹¹, de São Paulo, e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL)¹², do Rio de Janeiro. Quanto à sua elaboração, a ficha catalográfica pode ser produzida pelas duas entidades mencionadas anteriormente ou por bibliotecas ou bibliotecárias autorizadas. (MARTINS FILHO, 2016, p. 50).

No LD *Bons Negócios*, a ficha foi processada pela CBL, como é indicado logo abaixo da sigla de uso internacional CIP (*Cataloguing-in-Publication*), Catalogação na Publicação, em português. Conforme é apresentado na ficha modelo de catalogação da CBL (cf. Figura 7), pode-se perceber *presenças* de autoria na ficha catalográfica do livro em análise, como o nome das autoras e da editora.

Figura 7: modelo de padronização da catalogação da CBL

¹¹ Disponível em: <<https://www.cbiservicos.org.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

¹² Disponível em: <<https://snel.org.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP - Brasil)

Título, Nome do Autor
Nononononononono : nononononononon /
nononononononon. -- 1. ed. -- Nononononononon :
Nonononononononononon, 2022.

ISBN 000-00-00000-00-0

1. Nonononononononono I. Nonononononon
00-00000 CDD-000.0

Índices para catálogo sistemático:

1. nonononononononon
2. nonononononononon

XXXXXXX XXXXXXXX XXXXX CRB-XXXXXXXXXXXXX

Nome do bibliotecário (a) que emitiu a ficha CRB do bibliotecário (a)

Fonte: Câmara Brasileira do Livro¹³

Por fim, no final da página de créditos do LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*, há a *presença* da editora responsável pela publicação, Disal Editora. Apresenta-se inicialmente a logo da editora, e, na sequência, informações como a razão social, o endereço e os meios de contato, como telefone e *site*. De forma impessoal, por meio do uso da terceira pessoa, reforça-se novamente a sua *presença* ao frisar que “nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou meio sem permissão expressa e por escrito da **Editora**” (BONS NEGÓCIOS, 2013, grifo nosso).

O último elemento paratextual que se pode encontrar marcas explícitas de autoria no LD é na seção *A final message from the authors* (cf. Figura 8) ou, em tradução livre, uma mensagem final dos autores. Disposta na última página da apresentação, a seção, escrita em inglês, apresenta a primeira mudança de registro de terceira para primeira pessoa, passando de uma *presença* jurídica, intermediada até então por questões burocráticas, institucionais e mercadológicas, para uma *presença* física, fortalecendo uma identidade autoral.

¹³ Disponível em: <<https://www.cblservicos.org.br/catalogacao/>>. Acesso em 12 abr. 2023.

Figura 8: mensagem final das autoras – *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*

A FINAL MESSAGE FROM THE AUTHORS

The learning of a foreign language can be a challenging task, and while designing *Bons Negócios* we have tried to focus on four issues which we believe can support that challenge and at the same time lead to effective learning: **relevance, opportunities for practice, reflection, and connections**. The themes and activities we propose are, we believe, relevant to the learners who wish to develop their Portuguese knowledge and skills in the workplace in Brazil. We also try to propose a wide range of opportunities for practice of oral and written Portuguese for business; however, we understand that practice only will not necessarily help learners achieve success in their learning process. In order to be effective, practice needs to be accompanied by reflection from the learner about his or her own learning process, and about the content that is being learned. This is the reason why *Bons Negócios* regularly asks students to reflect on how the Portuguese language is used and in what ways those uses compare to the learners' native language. We also invite learners to make connections between what they read and their own life.

With those ideas in mind, we welcome you to *Bons Negócios* and wish you happy learning!

14

Fonte: Santos e Silva, 2013

Intitulada na maioria das vezes em LDs como apresentação, esse elemento paratextual possui uma longa lista de parassinônimos: “prefácio, prólogo, introdução, prolegômenos, nota, notícia, aviso, exame, preâmbulo, advertência, prelúdio, discurso, preliminar, exórdio, proêmio.” (GENETTE, 2009, p. 147). Alguns desses termos são mais comuns em obras literárias, outros em livros científicos, mas todos se tratam de variações terminológicas que visam expressar o mesmo objetivo. Segundo Genette (2009), esse paratexto refere-se a “toda espécie de texto limiar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que consiste em um discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede.” (GENETTE, 2009, p. 145). Portanto, por meio da apresentação, objetiva-se oferecer ao leitor uma apreciação objetiva da obra e/ou de seu autor, introduzindo-a e antecipando o seu conteúdo.

¹⁴ A aprendizagem de uma língua estrangeira pode ser uma tarefa desafiadora e, ao desenhar o *Bons Negócios*, nós tentamos focar em quatro questões que acreditamos que podem apoiar esse desafio e ao mesmo tempo levar a uma aprendizagem efetiva: relevância, oportunidades de prática, reflexão e conexões. Os temas e atividades que propomos são, acreditamos, relevantes para os alunos que desejam desenvolver seus conhecimentos e habilidades em português no mercado de trabalho no Brasil. Também procuramos propor um amplo leque de oportunidades para a prática do português oral e escrito para negócios; no entanto, entendemos que apenas a prática não necessariamente ajudará os alunos a obter sucesso em seu processo de aprendizagem. Para ser efetiva, a prática precisa ser acompanhada da reflexão do aprendiz sobre seu próprio processo de aprendizagem e sobre o conteúdo que está sendo aprendido. Esta é a razão pela qual o *Bons Negócios* pede regularmente aos alunos que reflitam sobre como a língua portuguesa é usada e de que forma esses usos se comparam à língua nativa dos alunos. Também convidamos os alunos a fazer conexões entre o que leem e sua própria vida. Com essas ideias em mente, damos as boas-vindas ao *Bons Negócios* e desejamos um bom aprendizado! (BONS NEGÓCIOS, 2016, p. 14, tradução nossa).

No LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*, o termo “apresentação” não aparece expressamente no início do paratexto, possivelmente pelo fato dessa seção estar escrita em inglês, apresentando o termo “Welcome”, mas certamente cumpre o propósito assinalado por Genette (2009). Rigolot (2000, p. 19) reconhece tal paratexto como parte indispensável para uma real experiência com a obra, sendo este uma porta de entrada instigante para o universo ali construído. Muzzi (2015), acerca dessa instância estratégica, completa que “inscrito no interior do livro, seu objetivo não é de físgar o leitor, mas de retê-lo, de motivá-lo por meio de um aparelho retórico de persuasão” (MUZZI, 2015, p. 60).

Dividida em três seções, *Themes and structure of Bons Negócios*, *How to use this book* e *A final message from the authors*, somente na última, como mencionado anteriormente, há um reforço da identidade autoral na apresentação do livro analisado, partindo do próprio título da seção que expressa a palavra “autores”. No texto da seção, após passar pelas notas biográficas das autoras, tanto na quarta capa quanto na folha de rosto, dá-se a primeira manifestação pessoal no LD. Em trechos como “**nós tentamos** focar em quatro questões que **acreditamos** que (...)”, “também **procuramos** propor um amplo leque de oportunidades (...); no entanto, **entendemos** que (...)”, “também **convidamos** os alunos a (...)” e “com essas ideias em mente, **damos** as boas-vindas ao Bons Negócios e **desejamos** um bom aprendizado!” (BONS NEGÓCIOS, 2016, p. 14, grifo nosso), instaura-se um sujeito ativo, que se dirige diretamente ao leitor, fortalecendo a *presença* das autoras por meio de uma estratégia retórica de criar intimidade.

3.1.2 Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros

Grafadas somente em branco e contrastando com a fotografia que ocupa todo o fundo da página, as informações da capa do LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* (cf. Figura 9) se assemelham às do LD *Bons Negócios*, mas possuem outra disposição. Com uma única imagem de fundo, que aparentemente indica o entardecer de uma praia brasileira, o título da produção didática é a informação que mais chama atenção devido à sua localização centralizada na página e ao tamanho da fonte, especialmente para a palavra “português”, junto ao recurso gráfico de sombreamento utilizado, promovendo um realce em comparação aos demais textos. O subtítulo, por sua vez, aparece justificado abaixo do título, esclarecendo que se trata de uma publicação para o público estrangeiro. Ainda na capa, se

indica verbalmente a edição e a inclusão de áudios, sendo essa última também sinalizada iconograficamente por meio de um *headphone*.

Figura 9: capa - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



Fonte: Lima e Iunes, 2017

No que concerne as marcas de autoria na capa, opta-se também pelo onimato quanto aos nomes das autoras Emma Eberlein O. F. Lima e Samira A. Iunes. Inscritos no topo da página, espaço onde, embora não haja padronização, encontra-se com mais frequência a “assinatura” dos nomes de registro civil nos LDs de PLE. Trata-se de um espaço estratégico visualmente em razão do sistema de leitura e escrita ocidental, o qual ocorre de cima para baixo e da esquerda para a direita, atraindo naturalmente o olhar do leitor. Além disso, na publicação, apesar de não estarem em caixa-alta e com um estilo de fonte sobressalente, os nomes das autoras contrastam com o sombreamento da imagem de fundo favorecendo um realçamento.

Já as marcas de autoria das instituições responsáveis pela publicação são expressas pelas logos da editora Grupo Editorial Nacional (GEN) e do selo editorial Editora Pedagógica e Universitária (E.P.U), localizadas no pé da página e separadas por uma barra vertical. Ainda

que não haja uma diretriz específica e obrigatória, não é comum na prática gráfica-editorial apresentar, quando há a ocorrência, ambas as logos na capa, optando, via de regra, somente pela logo do selo editorial, uma vez que esse tem como propósito individualizar as publicações de uma casa editorial, organizando e estabelecendo uma identidade comum em suas publicações. Portanto, pode-se interpretar a *presença* da logo da editora GEN como um cancelamento do LD, utilizando seu nome para um fortalecimento de autoridade na publicação, visto seu tradicionalismo na área.

Dando sequência à análise, na lombada do LD analisado (cf. Figura 10), apresenta-se os sobrenomes das autoras, o nome do livro, a edição e as logos da casa e do selo editorial, sendo os dois primeiros grafados na horizontal e os dois últimos na vertical. Diferentemente da capa, em que há o uso somente da cor branca em todo o texto, nesse paratexto os sobrenomes das autoras e da edição estão na cor preta, contrastando com o nome da publicação e as logos da GEN e da E.P.U.

Figura 10: lombada - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



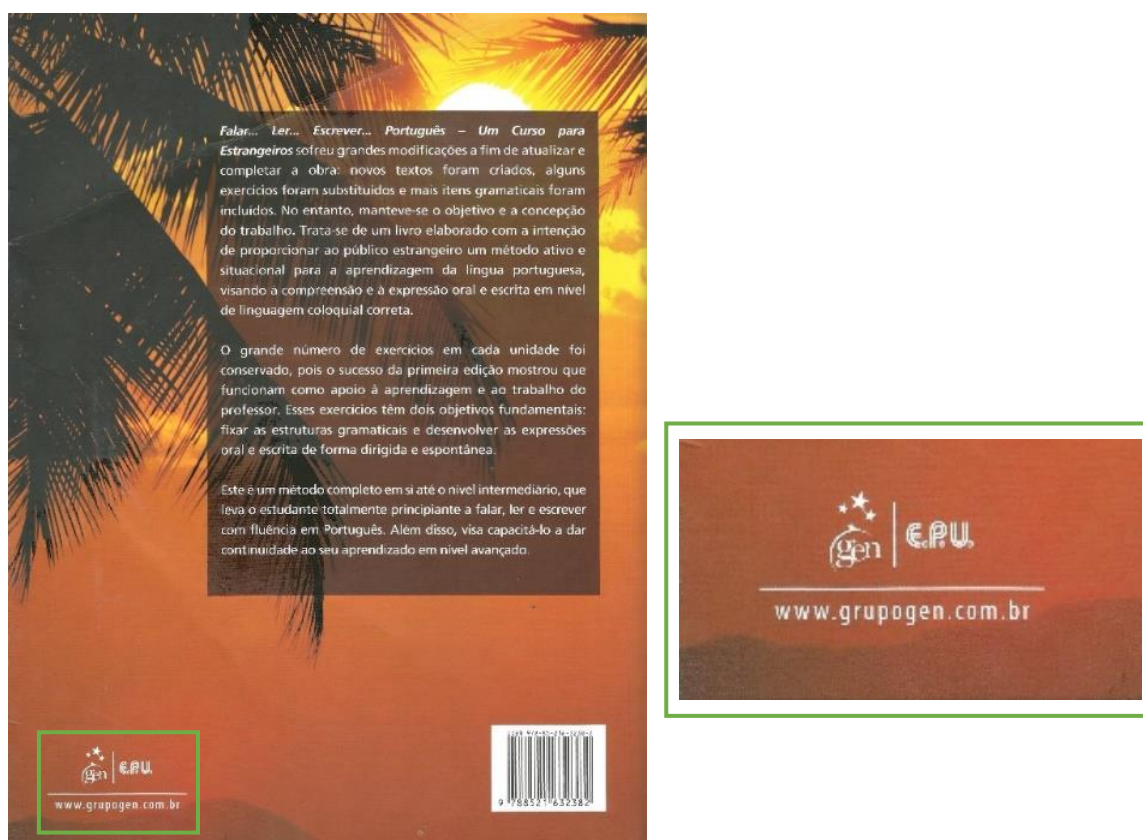
Fonte: Lima e Iunes, 2017

Quanto à escolha gráfica-editorial de grafar somente o sobrenomes das autoras na lombada, pode-se interpretar como um recurso necessário devido à falta de espaço no paratexto para a impressão dos nomes completos, como apresentados na capa, ou como fonte suficiente de reconhecimento autoral. O uso desse último recurso não é muito frequente em LDs de PLE visto a contemporaneidade da área e, por consequência, o baixo tradicionalismo de autores, diferentemente de outros campos de conhecimento em que o sobrenome do autor tem mais alcance que seu nome. Esse é o caso do reconhecido autor de LDs de português Cereja, que se chama Willian, ou como Cegalla, famoso gramático da língua portuguesa, chamado Domingos Paschoal. Apesar de Emma Eberlein O. F. Lima e Samira A. Iunes serem coautoras de diversas publicações de PLE pela E.P.U, compreende-se que ainda não há tradicionalismo suficiente para serem referidas e reconhecidas apenas por seus sobrenomes, tal qual são grafados na lombada.

Ainda analisando as partes que integram a capa do livro em sentido lato, pode-se verificar a *presença* da logo da editora e do selo editorial na quarta capa (cf. Figura 11), como é de praxe em publicações didáticas. Contudo, a marca de autoria que chama atenção nesse

paratexto é a inscrição do *site* da editora disposta logo abaixo dos logos, conferindo maior *presença* para a editora. Sendo, segundo Genette (2009, p. 28), a quarta capa um espaço estratégico para atração do leitor e de divulgação da editora e do autor, tal decisão gráfica-editorial alinhada à esquerda na parte inferior da página pode ser interpretada como uma ação de marketing que pretende construir uma identidade forte de quem publica o LD, valorizando a casa editorial e estreitando sua relação com o leitor.

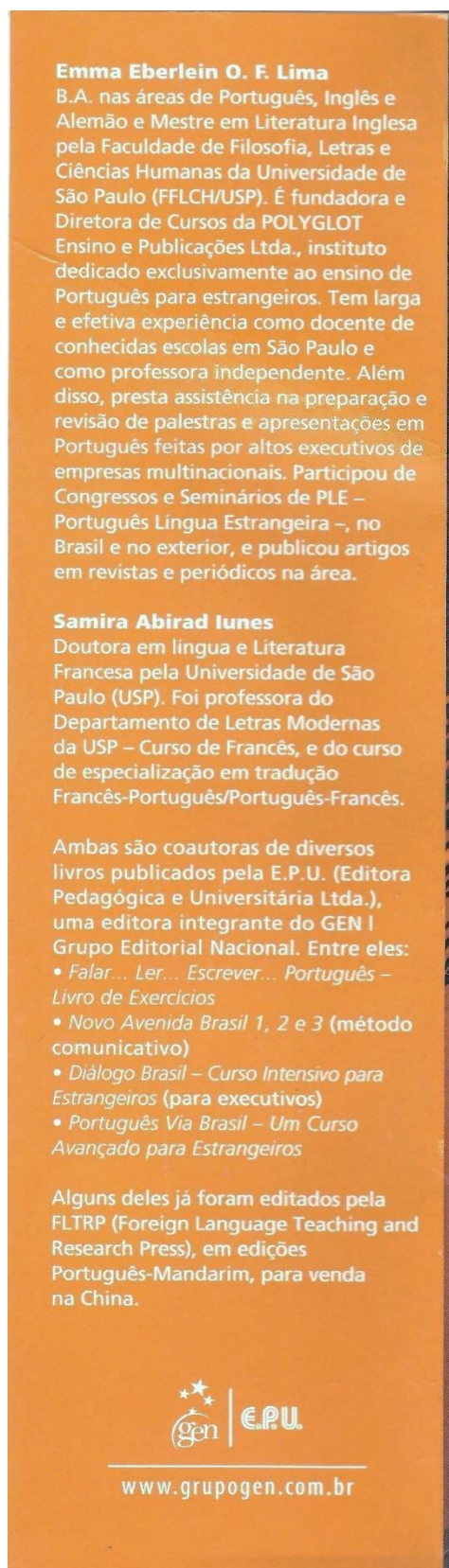
Figura 11: quarta capa - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



Fonte: Lima e Iunes, 2017

Quanto às orelhas do livro *Falar...Ler...Escrever... Português - Um Curso para Estrangeiros*, último paratexto que integra a capa, é na segunda orelha, também reconhecida como orelha da quarta capa (cf. Figura 12), que se vê pela primeira vez a *presença* autoral de forma mais estendida. Segundo Morissawa (2015), esse paratexto constrói “espaço importante de publicidade para a obra, podendo conter comentários ou resumos do conteúdo, notas biográficas do autor ou outras informações de interesse do editor” (MORISSAWA, 2015, p. 29), podendo cumprir, portanto, diversos propósitos editoriais. Certamente imprimir um livro com orelha é mais custoso, visto isso, esse espaço não costuma ser desperdiçado.

Figura 12: segunda orelha -
Falar...Ler...Escrever...Português
- Um Curso para estrangeiros



Enquanto na primeira orelha, ou orelha da capa, a marca de autoria é desempenhada apenas pela editora e pelo selo editorial por meio de suas logos e *site* inscritos tal qual se vê na figura 11, é na segunda orelha do LD que há a primeira ocorrência das notas biográficas das autoras, texto esse que aparecerá mais duas vezes na obra. Graficamente, o texto, alinhado à esquerda, o que facilita a leitura, ocupa toda a página e é grafado em branco sobre um fundo laranja promovendo suficiente contraste. Os nomes das autoras são os únicos textos em negrito nesse paratexto, realçando e delimitando visualmente o início de cada nota.

Escritas em terceira pessoa, em um tom burocrático-institucional, a longa nota de Emma Eberlein O. F. Lima, além de apontar sua formação acadêmica, B.A. nas áreas de Português, Inglês e Alemão e Mestre em Literatura Inglesa pela FFLCH/USP, também salienta sua atuação profissional na área de PLE. É fundadora e diretora de cursos de um instituto dedicado exclusivamente a este campo, tem “larga e efetiva” experiência como docente e também presta assistência na preparação e revisão de palestras e apresentações em português. Marca-se também que a autora participou de congressos e seminários de PLE e que já publicou artigos em revistas e periódicos da área, fortalecendo um argumento de autoridade. Samira A. Iunes, por sua vez, faleceu anteriormente à publicação desse LD, o que pode ser a causa de uma nota biográfica mais sucinta, a qual pontua tão somente seu grau de titulação mais alto, Doutora em Língua e Literatura Francesa pela USP, e sua atuação profissional

enquanto docente no Departamento de Letras Modernas da USP e do curso de especialização em tradução Francês-Português/Português-Francês.

Após situar o leitor sobre quem são as autoras, a editora, no LD analisado, também utiliza esse espaço para informar e, indiretamente, divulgar outras obras didáticas na área de PLE publicadas pela E.P.U que tiveram Lima e Iunes como coautoras. Entre elas, encontra-se o Novo Avenida Brasil, publicação que integra o *corpus* dessa pesquisa. Portanto, sendo a orelha um dos primeiros elementos peritextuais que se estabelece contato quando se pega um livro em uma livraria, a editora a utiliza sabiamente ao estreitar os laços entre autoras e leitores e ao validar a sua autoridade e presença na área.

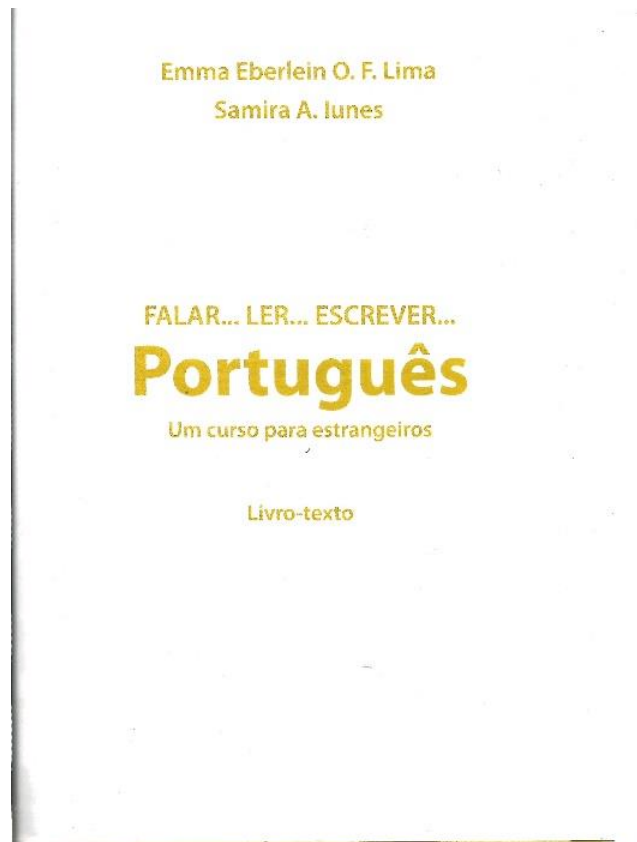
Holding fundada em 2007, o GEN¹⁵ é líder no segmento de publicações e conteúdos científicos, técnicos e profissionais no Brasil. Reunindo um catálogo de aproximadamente 4.500 obras, conta com um portfólio composto por algumas das editoras mais tradicionais e respeitadas do país nos setores de Ciências Exatas, Jurídicas, Humanas, Negócios e Gestão e Saúde. Na área de ensino de idioma possui 23 publicações¹⁶, somando as versões impressas e digitais, todas na área de PLE. O LD mais antigo que integra o catálogo foi publicado pela E.P.U, atualmente selo editorial do GEN, em 1989. Trata-se do manual do professor da primeira edição do livro *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*, que se chamava *Falando... Lendo... Escrevendo...Português - Um Curso para Estrangeiros*, de 1981 e de mesma autoria da edição aqui analisada.

Dando sequência à análise, ao adentrar o LD, localizados no mesmo lugar que na capa, em uma fonte menor, encontram-se os nomes das autoras na falsa folha de rosto (cf. Figura 13), primeira página do livro que aparece algum texto impresso (MARTINS FILHO, 2016, p. 39). Rompendo o tradicionalismo gráfico-editorial, a publicação traz essa *presença* para um paratexto que geralmente apresenta *ausência* de marcas de autoria. Na falsa folha de rosto, segundo Martins Filho (2016, p. 39), “deve conter apenas o título principal da obra, sem subtítulo, nome do autor ou do editor”, o que, como observado, não é cumprido nesse LD, visto que além do título, expressa o subtítulo e os nomes das autoras. Novamente é possível interpretar que a editora vai conferindo maior presença para a imagem dessas autoras por meio de suas decisões gráfica-editoriais.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.linkedin.com/company/grupo-gen/about/>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.grupogen.com.br/humanas/ensino-de-idiommas>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

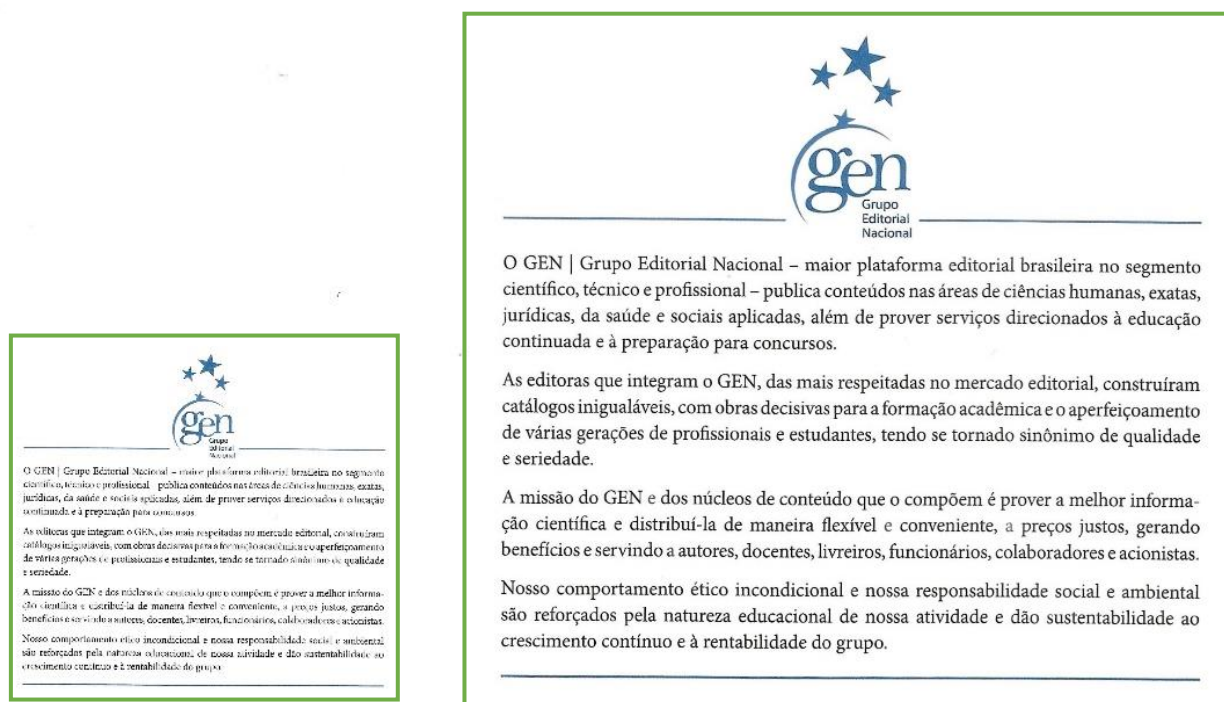
Figura 13: falsa folha de rosto - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



Fonte: Lima e Iunes, 2017

Já no verso da falsa folha de rosto do *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* (cf. Figura 14), alinhada à esquerda na parte inferior da página, se vê a *presença* da editora. Esse paratexto, de acordo com Martins Filho (2016, p. 40), pode ficar em branco ou conter diversas indicações editoriais como relação de livros do autor, o nome de quem dirige a coleção ou a edição, uma foto do autor etc., no caso do LD analisado, há o texto institucional do GEN, o qual inicia informando aos leitores as áreas de publicação e os serviços que oferecem, na sequência, salienta seu prestígio social e sua missão enquanto grupo editorial e, por fim, discorre brevemente sobre o comportamento do grupo e a forma como isso o torna sustentável e rentável.

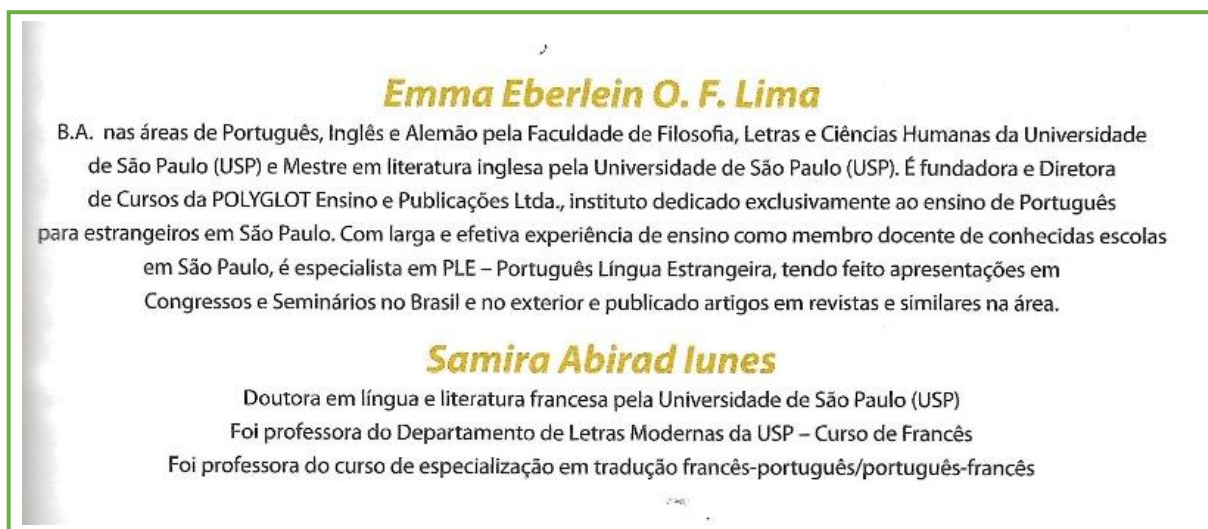
Figura 14: verso da falsa folha de rosto - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



Fonte: Lima e Iunes, 2017

À direita do verso da falsa folha de rosto, na próxima página, encontra-se a folha de rosto do LD (cf. Figura 15) com duas marcas de autoria explícitas: as autoras e a casa editorial responsável. Tal qual o LD *Bons Negócios*, o LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* também apresenta as notas biográficas das autoras na folha de rosto, paratexto este que, como argumentado anteriormente, não costuma cumprir tal função. Trata-se da segunda nota biográfica presente no LD, sendo a primeira ocorrência, como verificado acima, na orelha da quarta capa.

Figura 15: folha de rosto - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



Fonte: Lima e Iunes, 2017

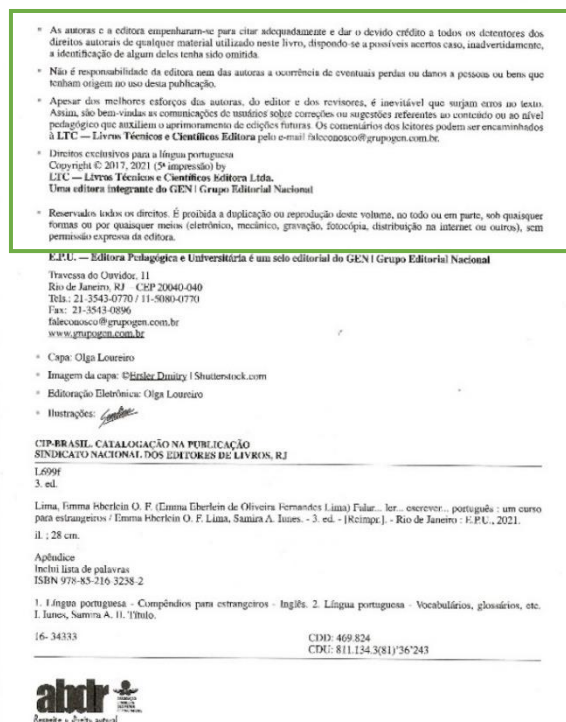
Enquanto o texto biográfico da Samia Abirad Iunes apresenta as mesmas informações que na orelha, a nota biográfica na folha de rosto da Emma Eberlein O. F. Lima chama atenção pela ausência da atividade de “assistência na preparação e revisão de palestras e apresentações em português feitas por altos executivos de empresas multinacionais” prestada pela autora. O que se pode perceber é que a nota na folha de rosto dela focaliza

especialmente sua experiência profissional acadêmica, suprimindo outras atuações profissionais. Pode-se interpretar como uma estratégia editorial para abarcar diferentes públicos, acadêmico, por meio da folha de rosto, e também empresarial, por meio da orelha.

Graficamente, as notas biográficas das autoras estão dispostas abaixo dos seus nomes, os quais estão em negrito e itálico, diferenciando-os dos outros textos da página. Localizadas abaixo do título da publicação, da edição e da especificação acerca do tipo de livro, as notas ocupam um espaço considerável da página, atraindo o olhar do leitor. A cor utilizada para grafar os nomes de Emma Eberlein O. F. Lima e Samia Abirad Iunes se assemelha a todas as informações dispostas anteriormente, contudo chamam atenção pelo contraste com as notas biográficas grafadas em preto que se situam abaixo de cada nome. Por fim, no pé da página, há a impressão em preto das logos do grupo e do selo editorial, separadas por um traço vertical. Quanto à logo da GEN, trata-se de sua sétima *presença*, sendo, até o momento, a informação mais recorrente nos paratextos. Reconhece-se um desejo da editora de fortalecer sua identidade na publicação.

Em seguida, no verso da folha de rosto, pode-se verificar a página de créditos (cf. Figura 16) do LD. Com uma grande quantidade de informações, o paratexto em seus cinco tópicos iniciais, indicados por marcadores, reforça a *presença* de diferentes sujeitos envolvidos na publicação. A palavra “autoras” é mencionada três vezes, a palavra “editora” ou “editor” quatro vezes e “revisores” aparece uma vez. Tratam-se de textos burocráticos-institucionais, escritos em terceira pessoa, que geralmente são de responsabilidade de uma prática editorial. O primeiro tópico trata-se do empenho das autoras e da editora para mencionar adequadamente os detentores dos direitos autorais dos materiais utilizados no livro; o segundo é sobre a responsabilidade que cabe à editora e às autoras quanto ao uso da publicação; o terceiro tópico é sobre eventuais erros que podem surgir no texto apesar dos melhores esforços das autoras, do editor e dos revisores; o quarto, por sua vez, trata-se da propriedade dos direitos autorais, o copyright; por fim, o quinto tópico afirma a proibição de duplicação ou reprodução do LD sem a permissão da editora.

Figura 16: página de créditos - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



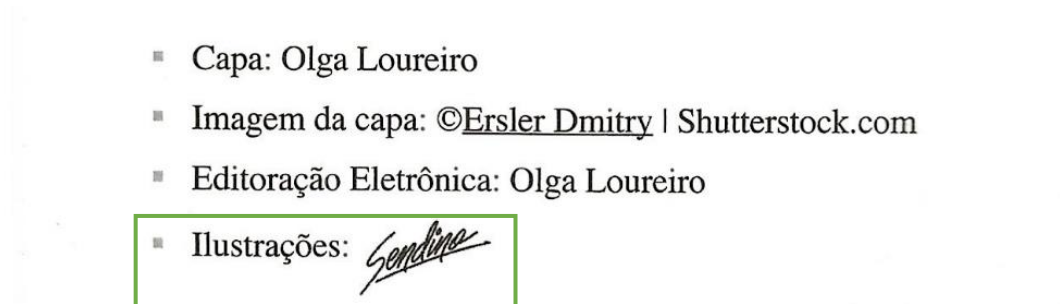
- As autoras e a editora empenharam-se para citar adequadamente e dar o devido crédito a todos os detentores dos direitos autorais de qualquer material utilizado neste livro, dispondo-se a possíveis acertos caso, inadvertidamente, a identificação de algum deles tenha sido omitida.
- Não é responsabilidade da editora nem das autoras a ocorrência de eventuais perdas ou danos a pessoas ou bens que tenham origem no uso desta publicação.
- Apesar dos melhores esforços das autoras, do editor e dos revisores, é inevitável que surjam erros no texto. Assim, são bem-vindas as comunicações de usuários sobre correções ou sugestões referentes ao conteúdo ou ao nível pedagógico que auxiliem o aprimoramento de edições futuras. Os comentários dos leitores podem ser encaminhados à LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora pelo e-mail faleconosco@grupogen.com.br.
- Direitos exclusivos para a língua portuguesa
Copyright © 2017, 2021 (5ª impressão) by
LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda.
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
- Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na internet ou outros), sem permissão expressa da editora.

Fonte: Lima e Iunes, 2017

Após o endereço e meios de contato do selo editorial E.P.U, como telefone e *site*, há a *presença* nominal de autoria dos profissionais responsáveis pela capa e editoração eletrônica, Olga Loureiro, pela imagem da capa, Ersler Dmitry e pela ilustração, Sendino. O que chama atenção nessas *presenças* é a forma como é grafado o nome do autor das ilustrações, fac-símile de sua assinatura (cf. Figura 17). Tal decisão gráfica-editorial é única no *corpus* dessa pesquisa e reconhece-se pouco recorrente em livros que contém ilustração.

Ao diferenciá-lo dos outros indivíduos que cumprem uma função de autoria no LD, marca-se, por meio de sua assinatura, uma identidade própria, ressaltando a propriedade humana do profissional.

Figura 17: autor das ilustrações - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*



Fonte: Lima e Iunes, 2017

Por fim, na parte inferior da página de créditos, visualiza-se a ficha catalográfica da publicação. Diferentemente do LD *Bons Negócios*, a ficha do livro *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* foi processada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Conforme é apresentado na ficha modelo de catalogação da SNEL (cf. Figura 18), pode-se verificar *presenças* de autoria na ficha catalográfica do livro em análise, como o nome das autoras e da editora.

Figura 18: modelo de padronização da catalogação da SNEL

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

X757x

Sobrenome, Nome
 Título da Obra / Nome Sobrenome autor. – 1. ed. – Rio de Janeiro [RJ] : Editora,
 2022

Inclui bibliografia.
 ISBN 999-99-9999-999-1

1. Tipo de Obra. I. Título
 99-99999 CDD: 999
 CDU: 999

Nome Completo da Bibliotecária(o) – Bibliotecária(o) – CRB-9/999
 https://rb.gy/x6ypsq
 99/99/9999 99/99/9999



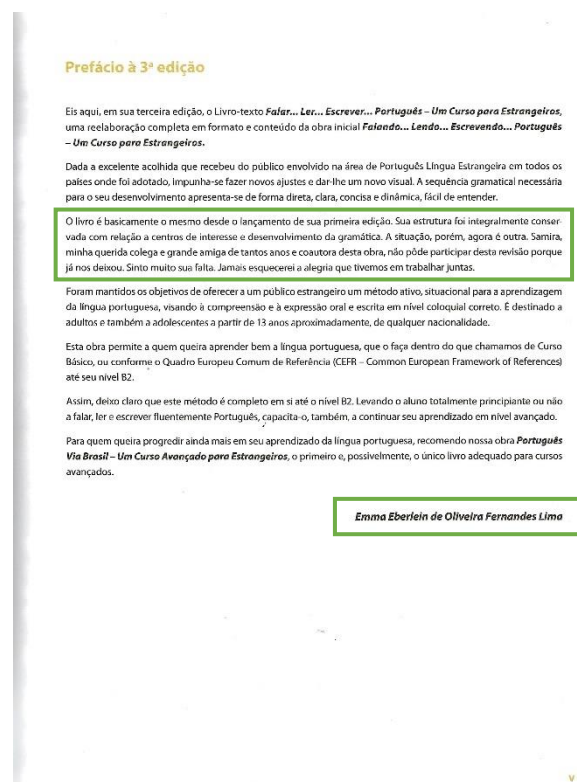
Fonte: Sindicato Nacional dos Editores de Livros¹⁷

¹⁷ Disponível em: <<https://snel.org.br/a-ficha-catalografica-do-snel-agora-esta-mais-segura/>>. Acesso em: 26 abr. 2023.

À direita da página de créditos, localiza-se o próximo paratexto que possui marcas de autoria no LD. Intitulado “prefácio à terceira edição” (cf. Figura 19), trata-se, diferentemente dos demais elementos analisados, do único texto escrito em primeira pessoa nessa publicação. Assinado por Emma Eberlein O. F. Lima, a autora se estabelece nesse paratexto tanto em sua dimensão particular, enquanto Emma, quanto em sua dimensão autoral, enquanto Lima, uma vez que, além de cumprir o propósito informacional e de antecipação do conteúdo comum a um prefácio, também se coloca afetivamente no texto.

No terceiro parágrafo do prefácio, a autora relata que a estrutura do LD não sofreu nenhuma mudança desde sua primeira edição, conservando os centros de interesse e o desenvolvimento da gramática, contudo, houve alterações de outra ordem: “Samira, minha querida colega e grande amiga de tantos anos e coautora desta obra, não pode participar dessa revisão porque já nos deixou. Sinto muito sua falta. Jamais esquecerei a alegria que tivemos em trabalhar juntas” (FALAR... LER... ESCREVER... PORTUGUÊS, 2017). Ao mostrar sua face mais humana, a autora fortalece sua presença autoral na publicação, estabelecendo uma relação de proximidade e confiança com o leitor. Passa-se de uma *presença* burocrática-institucional, verificada até então, para uma presença afetiva.

Figura 19: prefácio - *Falar... Ler... Escrever... Português - Um Curso para Estrangeiros*



O livro é basicamente o mesmo desde o lançamento de sua primeira edição. Sua estrutura foi integralmente conservada com relação a centros de interesse e desenvolvimento da gramática. A situação, porém, agora é outra. Samira, minha querida colega e grande amiga de tantos anos e coautora desta obra, não pôde participar desta revisão porque já nos deixou. Sinto muito sua falta. Jamais esquecerei a alegria que tivemos em trabalhar juntas.

Emma Eberlein de Oliveira Fernandes Lima

Fonte: Lima e Iunes, 2017

Graficamente, somente algumas informações são grafadas em negrito: o nome do livro na primeira e na terceira edição, uma outra obra recomendada pela autora e sua assinatura. Tais informações acabam contrastando com os demais textos e, naturalmente, atraindo o olhar do leitor. Interpreta-se também que a *presença* de Emma Eberlein O. F. Lima é importante, uma vez que no verso do prefácio há o mesmo texto escrito em inglês, alcançando, portanto, também os estudantes estrangeiros que ainda não possuem habilidade de leitura em português.

Por fim, o último elemento paratextual que se pode encontrar marcas explícitas de autoria no LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* é na seção “Sobre as autoras” (cf. Figura 20). Localizada na página 9, após o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, verifica-se exatamente o mesmo texto sobre as autoras que compõem a folha de rosto e as mesmas informações, dispostas na segunda orelha, acerca de suas coautorias em outros livros publicados pela E.P.U.

Figura 20: sobre as autoras - *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*

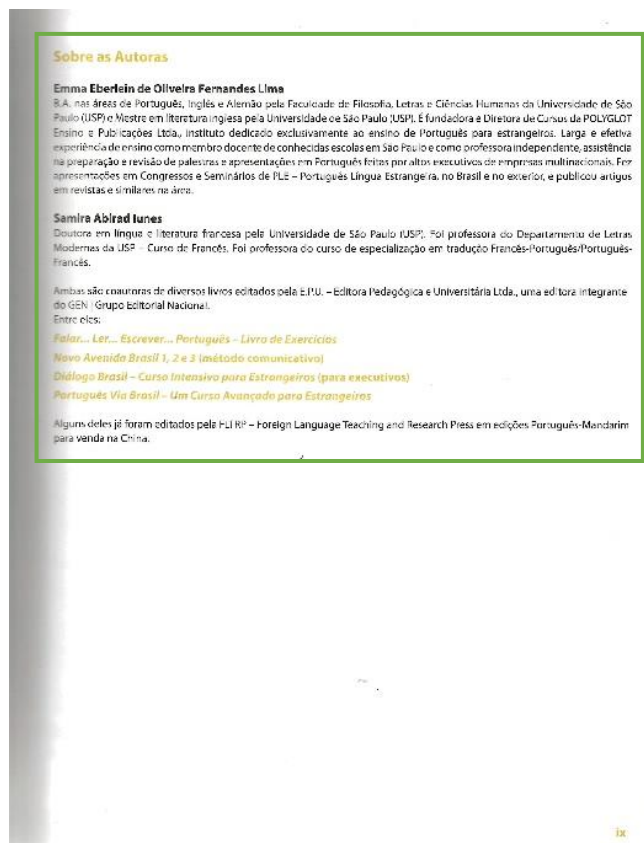
Sobre as Autoras

Emma Eberlein de Oliveira Fernandes Lima

B.A. nas áreas de Português, Inglês e Alemão pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo (USP). É fundadora e Diretora de Cursos da POLYGLOT Ensino e Publicações Ltda., instituto dedicado exclusivamente ao ensino de Português para estrangeiros. Larga e efetiva experiência de ensino como membro docente de conhecidas escolas em São Paulo e como professora independente, assistência na preparação e revisão de palestras e apresentações em Português feitas por altos executivos de empresas multinacionais. Fez apresentações em Congressos e Seminários de PLE – Português Língua Estrangeira, no Brasil e no exterior, e publicou artigos em revistas e similares na área.

Samira Abirad Iunes

Doutora em língua e literatura francesa pela Universidade de São Paulo (USP). Foi professora do Departamento de Letras Modernas da USP – Curso de Francês. Foi professora do curso de especialização em tradução Francês-Português/Português-Francês.



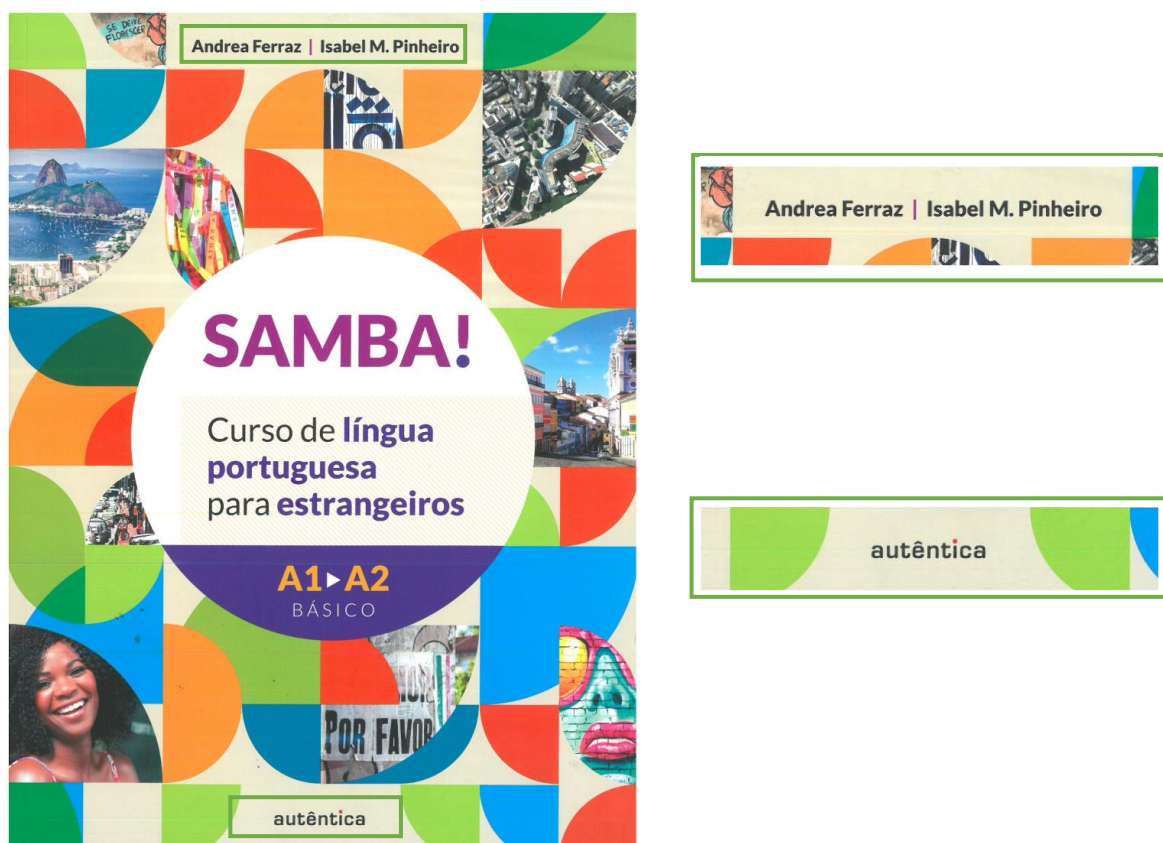
Fonte: Lima e Iunes, 2017

Pela terceira vez, se vê nesse LD a *presença* autoral por meio da nota biográfica. Tal decisão gráfica-editorial somente salienta a interpretação de que se deseja construir uma identidade forte na publicação.

3.1.3 Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros

Assim como nas publicações analisadas anteriormente, verifica-se a *presença* de duas instâncias legitimadoras na capa do *LD Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros* (cf. Figura 21): os nomes das autoras – Andrea Ferraz e Isabel M. Pinheiro – e o nome da editora – Autêntica, reconhecendo-se, portanto, a manifestação da função autor nesse paratexto.

Figura 21: capa - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

Localizados no topo da página, tal qual o LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*, os nomes das autoras, centralizados sob uma espécie de retângulo, chamam pouca atenção na composição gráfica-editorial da capa. Grafados em preto e separados por uma barra vertical roxa, mesmo tom usado no nome do livro, os nomes possuem o menor tamanho de fonte se comparados com as demais informações inscritas nesse paratexto, acabando “apagados” diante de tantos elementos composicionais. Sob uma página com figuras geométricas coloridas e fotografias que representam o Brasil, visualmente, os dados textuais que mais chamam atenção e atraem de imediato o olhar do leitor são o título, *Samba!*, o subtítulo, *Curso de língua portuguesa para estrangeiros*, e a referência de nível do LD, A1 e A2 – básico, inscritos em um círculo que ocupa o centro da página.

Acerca da editora, empresa que organizou os meios necessários para a veiculação da obra e a tornou acessível ao leitor-consumidor, Moraes (2010) aponta que sua assinatura na capa pode dar-se de duas formas possíveis e não excludentes: “pela aplicação de um selo, marca ou logotipo e por uma determinada organização visual, única, dos elementos constitutivos da capa” (MORAES, 2010, p. 51) tornando tal marcação autoral um fator de

identificação e reconhecimento pelo público. Localizado no pé da página, também centralizado em uma espécie de retângulo, há o selo da editora responsável pela publicação do LD.

Criada em 1997 em Belo Horizonte, Minas Gerais, a Autêntica Editora se consolidou no mercado editorial brasileiro como referência na área acadêmica. Em 2011, a casa tornou-se um grupo, o Grupo Editorial Autêntica¹⁸, que possui seis editoras: Autêntica Editora, Editora Gutenberg, Editora Nemo, Editora Vestígio, Yellowfante e Autêntica Business. As publicações didáticas e paradidáticas inserem-se na Autêntica Editora que também contempla obras de antropologia, historiografia, comunicação, cinema e teatro, linguística, educação, entre outros. Com mais de 700 publicações em seu catálogo, somente quinze são didáticas e paradidáticas¹⁹, sendo sete direcionadas à área de física, cinco à educação infantil, duas à área de filosofia, e apenas uma à área de português como língua estrangeira, a obra *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*.

Nota-se, portanto, que a editora não possui forte tradição na publicação de didáticos, tampouco na área de PLE, o que poderia indicar baixa autoridade no quesito experiência e, conseqüentemente, provocar uma redução na influência de compra, porém deve-se considerar a importância da assinatura do Grupo Editorial Autêntica no mercado editorial atual. A empresa possui vinte e cinco anos de história com mais de mil obras publicadas de áreas completamente diversas e para públicos extremamente distintos, tornando-a abrangente e reconhecida. Assim, possuir o selo dessa editora na capa pode gerar uma conexão com o público consumidor, em geral professores e instituições de ensino que em um segundo momento poderão indicar aos seus alunos estrangeiros, persuadindo-os a adquirir o LD.

Dando sequência aos elementos constitutivos da capa, a lombada do LD (cf. Figura 22) apresenta as mesmas informações que a capa, possuindo, portanto, duas marcas de autoria, o nome das autoras e o selo da editora. Sob um fundo roxo e com todos os dados escritos na vertical, tanto os nomes das autoras, novamente separados por uma barra vertical, quanto o selo da editora estão inscritos em branco e em um tamanho de fonte menor comparados às outras informações dispostas no paratexto. A cor da barra vertical acompanha a cor do título, amarelo, que também marca os níveis de conhecimento contemplados pelo LD. O subtítulo e o termo “básico” também estão grafados em branco.

¹⁸ Disponível em: < <https://grupoautentica.com.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

¹⁹ Disponível em: < <https://grupoautentica.com.br/autentica/categoria/didaticos-paradidaticos/7>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

Figura 22: lombada - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

Por fim, na quarta capa (cf. Figura 23) do *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*, último paratexto que constitui a capa dessa publicação, também se verifica o recurso utilizado no LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*: a inscrição do *site* da editora disposta logo abaixo de seu selo. Alinhado à esquerda do pé da página, ao lado do código de barras, tal estratégia reafirma a crença de que o projeto gráfico-editorial do LD visou conferir maior *presença* para a editora.

Figura 23: quarta capa - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020. Grifo nosso.

Ainda na quarta capa, outra *presença* se verifica de forma indireta por meio do texto que a integra. Impresso sobre um círculo branco que está centralizado no paratexto, o primeiro parágrafo se caracteriza impessoal, visto que, adotando a terceira pessoa do singular, reconhece a abordagem de língua adotada no LD e como ela se desenvolve, ao passo que no

segundo e no terceiro parágrafos verificam-se dois verbos que marcam personalidade pois estão conjugados na primeira pessoa do plural, “nós”.

Enquanto no segundo parágrafo se inscreve “**idealizamos** estes conteúdos como pontos de partida de uma viagem linguística e cultural à descoberta do Brasil”, no terceiro parágrafo, escrito em tom e tamanho de fonte distintos ao restante do texto, se registra “**desejamos** a você um passeio agradável nas múltiplas cores, culturas e sonoridades brasileiras” (SAMBA, 2020, grifo nosso). Apesar de não haver nenhuma assinatura explícita abaixo do texto, interpreta-se que o fato dos dois verbos, “idealizamos” e “desejamos”, estarem escritos na primeira pessoa do plural, pretende caracterizar uma *presença* que engloba todos aqueles que estiveram envolvidos na publicação do LD, especialmente as autoras e a editora. Observa-se, portanto, que é possível verificar marcas de autoria sem uma assinatura nominal.

Adentrando a publicação, verificam-se diversas *presenças* no verso da falsa folha de rosto, página escolhida para conter a página de créditos (cf. Figura 24) do LD. Logo após o *copyright*, primeira informação disposta na página, apresenta-se discretamente a logo da Aliança Francesa Belo Horizonte, instituição idealizadora do projeto e promotora da metodologia aplicada no LD. Apesar de possuir um papel muito relevante na idealização e promoção do livro, trata-se da única menção à instituição nos paratextos, possuindo uma *presença* diminuta em comparação aos outros agentes que exerceram uma função de autoria na publicação. Interpreta-se que tal estratégia visa limitar a relação da Aliança Francesa com o LD, buscando alcançar todo e qualquer estudante e professor, independentemente de estudar ou lecionar na instituição. Ainda no topo da página expressa-se os direitos da Autêntica Editora sobre a obra.

Na sequência, é possível visualizar o reconhecimento de alguns responsáveis por determinadas decisões gráfica-editoriais. Em comparação às demais obras analisadas nesta pesquisa, o *LD Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*, assim como o *LD Muito Prazer – Fale o português do Brasil*, apresenta o maior número de menções nominais de profissionais envolvidos na publicação. Dispostas em duas colunas, na primeira nomeiam-se Rejane Dias, “editora responsável”, Rafaela Lamas, “editora assistente”, Mariana Faria, “assistente editorial”, Pierre Alfarroba, “coordenação pedagógica”, Ludymilla Duarte e Luísa Araújo, “pesquisa iconográfica”, Mirella Spinelli, “ilustrações” e Lúcia Assumpção e Mariana Faria, “revisão”. Enquanto na segunda coluna nomeiam-se Diogo Drosdchi, “capa”, e Larissa Carvalho Mazzoni, “diagramação”. A única assinatura coletiva, via empresa, é a da Overleap Studio, responsável também pela diagramação. Vê-se, portanto, uma *presença* autoral

expressa pelo nome da empresa e também uma *ausência*, ao não nomear individualmente os profissionais que cumpriram essa função.

Figura 24: página de crédito - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*

Copyright © 2020 Andrea Ferraz e Isabel M. Pinheiro
Copyright © 2020 Autêntica Editora

Este projeto foi idealizado pela Aliança Francesa Belo Horizonte, instituição promotora da metodologia aqui aplicada.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios eletrônicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização escrita da Editora.

EDITOR RESPONSÁVEL	CAPO
Rejane Dias	Diogo Droschi (capa e quarta capa sobre imagens de Pixabay/KlausAires, Pixabay/ShonEjai, Shutterstock/Filipe Frazao, Pixabay/Poswiecie, Pixabay/Gadini, Pixabay/soel84, Pixabay/Jessica001234, Flickr/Emanuele Spies, Pixabay, Pexels, Pxhere, Pixabay/LariKoze, Pixabay/aglaiaoliveira, Wikipedia/Plinio Daniel Lins Brandão Veas, Pixabay/tatosievers, Pixabay/Fifaliana-Joy, Pixabay/ID 2719743, Pixabay/gettep, Pixabay/JoaoBOliver)
EDITOR ASSISTENTE	RAFAELA LAMAS
ASSISTENTE EDITORIAL	Mariana Faria
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	Pierre Alfaro
PESQUISA ICONOGRÁFICA	Ludymilla Duarte
ILUSTRAÇÕES	Mirella Spinelli
REVISÃO	Lúcia Assumpção
	Mariana Faria

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferraz, Andrea
Samba! : curso de língua portuguesa para estrangeiros. / A1-A2. / Andrea Ferraz, Isabel M. Pinheiro. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
ISBN 978-85-513-0480-8
1. Português – Estudo e ensino. I. Ferraz, Andrea. II. Pinheiro, Isabel M. II. Título.
BR 27164 CDD 460.524

Índices para catálogo sistemático:
1. Português – Estudo e ensino. I. Ferraz, Andrea. II. Pinheiro, Isabel M. II. Título.

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
Rua Carlos Tenreiro, 420
Sala 101 - 31130-020
Belo Horizonte - MG
Tel.: (31) 3131-8888 / 3131-8889

São Paulo
Av. Paulista, 2.072, Conjunto Nacional, Torre 1
22º andar - Cj. 2270-2312
Caroporte Leste - 01311-000 São Paulo - SP
Tel.: (11) 3034-4808

www.autenticaeditora.com.br

af Aliança Francesa
Belo Horizonte

Este projeto foi idealizado pela Aliança Francesa Belo Horizonte, instituição promotora da metodologia aqui aplicada.

EDITOR RESPONSÁVEL	CAPO
Rejane Dias	Diogo Droschi (capa e quarta capa sobre imagens de Pixabay/KlausAires, Pixabay/ShonEjai, Shutterstock/Filipe Frazao, Pixabay/Poswiecie, Pixabay/Gadini, Pixabay/soel84, Pixabay/Jessica001234, Flickr/Emanuele Spies, Pixabay, Pexels, Pxhere, Pixabay/LariKoze, Pixabay/aglaiaoliveira, Wikipedia/Plinio Daniel Lins Brandão Veas, Pixabay/tatosievers, Pixabay/Fifaliana-Joy, Pixabay/ID 2719743, Pixabay/gettep, Pixabay/JoaoBOliver)
EDITOR ASSISTENTE	RAFAELA LAMAS
ASSISTENTE EDITORIAL	Mariana Faria
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA	Pierre Alfaro
PESQUISA ICONOGRÁFICA	Ludymilla Duarte
ILUSTRAÇÕES	Mirella Spinelli
REVISÃO	Lúcia Assumpção
	Mariana Faria

DIAGRAMAÇÃO
Overleap Studio
Larissa Carvalho Mazzoni

Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

Diferentemente das fichas catalográficas analisadas anteriormente, a dessa publicação traz uma *presença* até então não verificada. Processada pela CBL, a ficha cumpre com o modelo de catalogação, conforme apresentado na Figura 7, e além de nomear as autoras e a editora, como de praxe, reconhece nominalmente Maria Paula C. Riyuzo, bibliotecária responsável pela emissão da ficha (cf. Figura 25). Ainda que essa seja uma *presença* necessária segundo o modelo de catalogação, recorrentemente não se verifica essa informação, omitindo o autor desse paratexto.

Figura 25: ficha catalográfica - *Samba! : curso de língua portuguesa para estrangeiros*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferraz, Andrea
Samba! : curso de língua portuguesa para estrangeiros ; A1-A2 Básico / Andrea Ferraz, Isabel M. Pinheiro. – 1. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2020.

ISBN: 978-85-513-0480-8

1. Português - Estudo e ensino - Brasil 2. Português - Estudo e ensino - Estudantes estrangeiros I. Pinheiro, Isabel M. II. Título.

18-23164 CDD-469.824

Índices para catálogo sistemático:
1. Português para estrangeiros 469.824

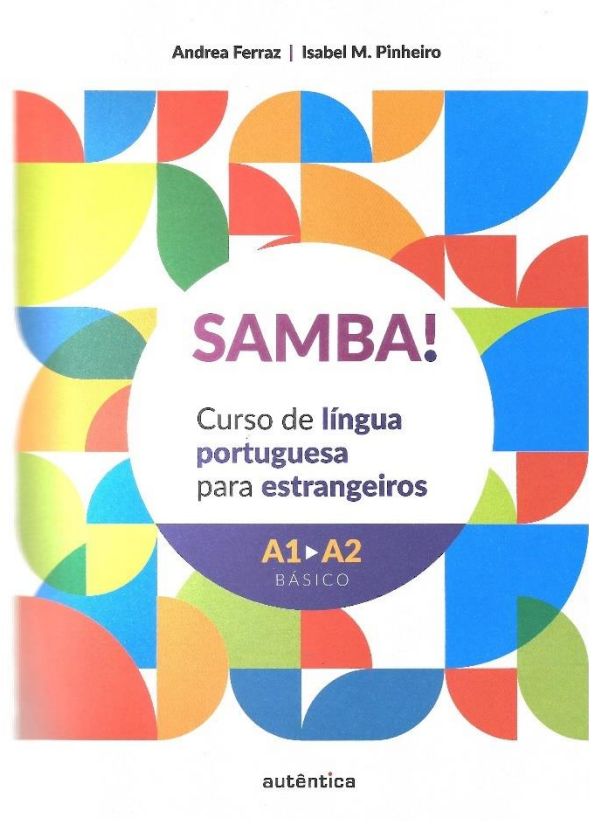
Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639

Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

Por fim, na parte inferior da página de créditos, há a *presença* do Grupo Autêntica por meio de sua logo, seus endereços e meios de contato em Belo Horizonte e São Paulo e seu site. Faz-se interessante observar que esse é o LD que consta o *site* da editora mais vezes dentro do *corpus* de análise desta pesquisa, duas no total. Interpreta-se que não à toa essa estratégia de *presença* é adotada, visto que a Editora Autêntica, entre as editoras presentes nesse estudo, é uma das mais reconhecidas devido ao seu tempo de existência e seu amplo catálogo que abrange diversas áreas.

O próximo paratexto em que se pode verificar marcas de autoria é na folha de rosto (cf. Figura 26), sendo essa graficamente muito similar à capa, constando as mesmas informações sob um projeto levemente distinto. Na página, o nome das autoras e o nome da editora se localizam no mesmo lugar que na capa, mas agora sem nenhum elemento geométrico ao lado, o que permite mais clareza e visibilidade aos dados. Contudo, o título e subtítulo do LD seguem sendo as informações que mais atraem o olhar, visto suas disposições centralizadas na página, suas dimensões evidentes e suas cores de fonte contrastivas.

Figura 26: página de rosto - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

Dando sequência à análise, a Apresentação (cf. Figura 27) exhibe interessantes marcas de autoria. A primeira delas refere-se ao uso da primeira pessoa do plural, nós, tal qual se viu na quarta capa do LD. A primeira ocorrência é logo no primeiro parágrafo, quando se justifica o propósito do livro: “o desejo de construir um material didático que permitisse a alunos e professores responderem a essa pergunta foi a motivação para **desenvolvermos** a proposta do livro Samba! (...)”. Já a partir do quinto parágrafo, o uso de verbos conjugados na primeira pessoa do plural faz-se mais recorrente: “**idealizamos** cada conteúdo (...)”, “**oferecemos** aos alunos e professores de português brasileiro (...)”, “**buscamos** desenhar este método (...)” e por fim, “**desejamos** a você um passeio agradável (...)” (SAMBA, 2020, grifo nosso). Como analisado anteriormente, compreende-se que a conjugação dos verbos a partir do pronome “nós” visa estabelecer uma proximidade entre os agentes produtores do livro e os leitores, nesse caso, estudantes e professores, além de marcar uma personalidade autoral na publicação.

Figura 27: apresentação - *Samba! curso de língua portuguesa para estrangeiros*



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

O segundo ponto interessante refere-se às assinaturas nesse paratexto. Enquanto na quarta capa não constava nenhuma assinatura, apesar de apresentar verbos conjugados na primeira pessoa do plural, na Apresentação, grafados em itálico e no pé da página, constam três: a das autoras Andrea Ferraz e Isabel M. Pinheiro e a do coordenador pedagógico Pierre Alfarroba. A *presença* do nome das autoras não é uma surpresa, visto a recorrência desse dado nesse paratexto, contudo, a do coordenador pedagógico chama a atenção, uma vez que ele não ocupa um lugar de destaque de autoria em nenhum outro paratexto.

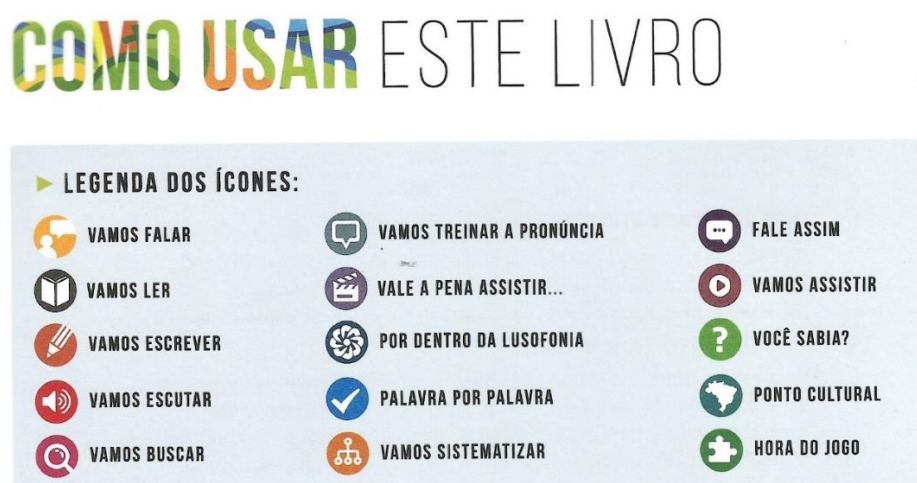
Profissional importante no ambiente escolar, o coordenador pedagógico representa um elo entre a instituição de ensino, os estudantes e seus familiares, atuando como articulador, formador e transformador no espaço escolar, segundo Placco e Almeida (2015):

o coordenador pedagógico exerce/pode exercer, nessa escola, a função articuladora dos processos educativos, além de ser chamado a realizar também uma função formadora dos professores, frequentemente despreparados para o trabalho coletivo e o próprio trabalho pedagógico com os alunos. É chamado ainda para uma função transformadora, articuladora de mediações pedagógicas e interacionais que possibilitem um melhor ensino, melhor aprendizagem dos alunos e, portanto, melhor qualidade da educação. (PLACCO, ALMEIDA, 2015, p. 10).

Diferentemente da escola, nos LDs, o reconhecimento da *presença* desse profissional na dimensão formativa do produto ainda não se faz tão recorrente, por isso a grafia do nome do coordenador pedagógico nessa página provoca indagações, inclusive quanto à sua atuação. Qual seria o papel de autoria desempenhado por esse profissional na publicação? O que provoca a *ausência* de seu nome em outros paratextos de maior contato com o público, como a capa? E o que o torna suficientemente relevante para aparecer na Apresentação? Quando Pierre Alfarroba é mencionado na página de créditos, aparenta ter a mesma relevância que os demais profissionais envolvidos na publicação do LD, visto que não há nenhum destaque gráfico quanto a sua função.

Por fim, o último paratexto do LD *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros* que se pode ver marcas de autoria é na seção “Como usar este livro”. Como já sugere o nome, busca-se nessa seção orientar o leitor quanto à utilização do livro e, para tanto, utiliza-se a primeira pessoa do plural em diversas instruções, buscando promover uma aproximação entre os produtores da publicação e seus consumidores. A primeira ocorrência já se verifica na legenda dos ícones que serão encontrados ao longo do livro (cf. Figura 28): “vamos falar”, “vamos ler”, “vamos escrever”, “vamos escutar”, “vamos buscar”, “vamos treinar a pronúncia”, “vamos sistematizar”, “vamos assistir”. Interpreta-se que esse reforço do pronome “nós” sugere que tais ações são coletivas, propondo, especialmente ao estudante, uma parceria na construção do conhecimento.

Figura 28: legenda dos ícones - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*

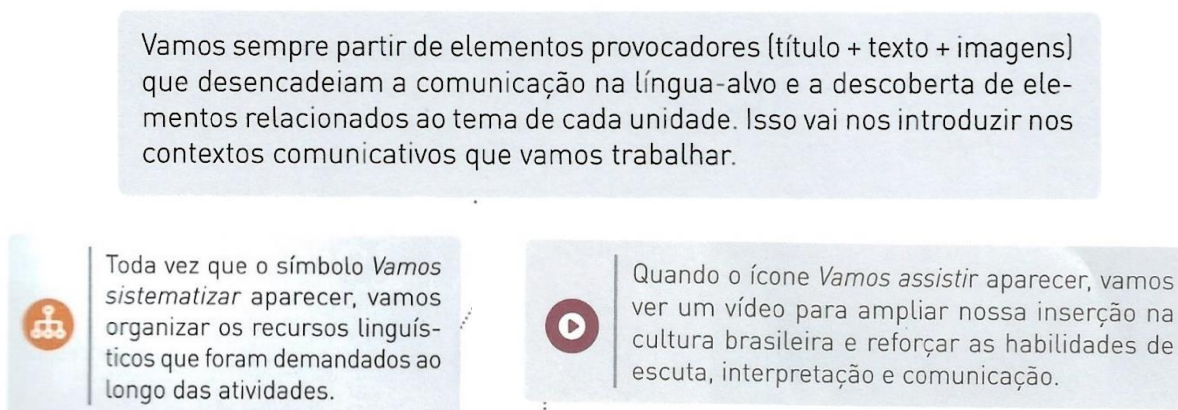


Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

Para além da legenda, também se observa o uso do pronome “nós” em trechos (cf. Figura 29) como: “**Vamos** sempre partir de elementos provocadores (...) isso vai **nos**

introduzir nos contextos comunicativos que **vamos** trabalhar”, “toda vez que o símbolo *Vamos sistematizar*, **vamos** organizar (...)”, “quando o ícone *Vamos assistir* aparecer, **vamos** ver um vídeo (...)” (SAMBA!, 2020, grifo nosso), reforçando a sensação de proximidade entre produtores e leitores.

Figura 29: trechos da seção “Como usar este livro” - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020. Grifo nosso.

Ainda na seção “Como usar este livro”, se vê a última marca explícita de autoria, tanto do paratexto como de toda a publicação, em um tom muito diferente do adotado em outras passagens, como verificado anteriormente.

Figura 30: trechos da seção “Como usar este livro” - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

O tópico “Conheça a plataforma digital do Samba!” (cf. Figura 30) apresenta o *site* da editora e orienta seus leitores quanto aos conteúdos que estão hospedados na página online do LD.

3.1.4 Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro

Publicado pela mesma editora do já analisado *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*, o LD *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* trata-se da publicação com o maior número de autores que integra o *corpus* desta pesquisa, totalizando 5. O primeiro contato que se trava com eles e com outras marcas de autoria é por meio da capa da publicação (cf. Figura 31).

Figura 31: capa - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



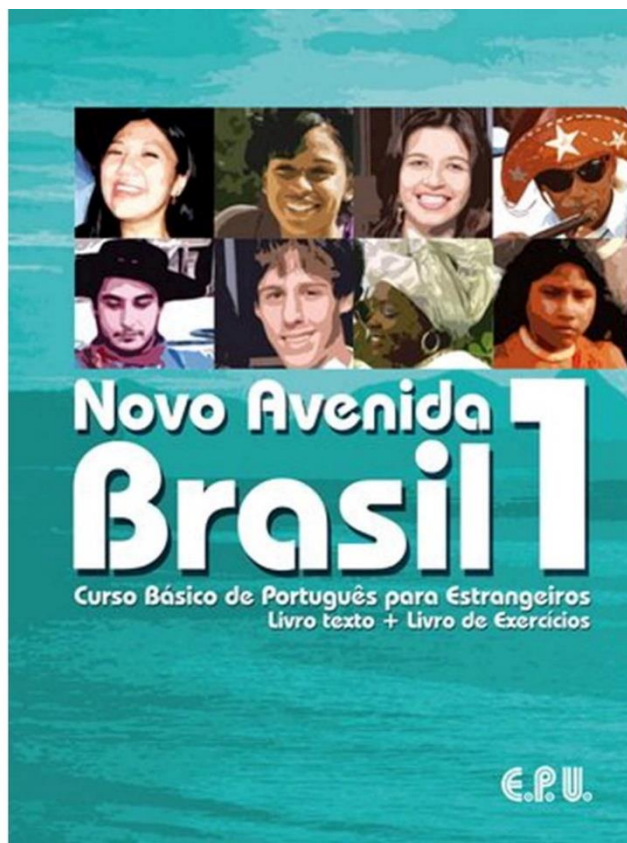
Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Sob uma imagem de fundo que mescla formas orgânicas a uma fotografia do Rio de Janeiro, vê-se, alinhados à esquerda no topo da página, os nomes dos 5 autores, grafados em branco, tal qual todas as informações presentes no paratexto: Emma Lima, Lutz Rohrmann, Takiko Ishihara, Samina Iunes e Cristián Bergweiler. Em comparação às outras capas analisadas nesta pesquisa, verifica-se uma menor evidenciação dos nomes daqueles que cumprem uma função autoral. Observa-se que não há qualquer enquadramento gráfico dos

nomes ou distinção da fonte em que são grafados para os demais textos da página, ou ainda um tamanho de fonte mais sobressalente que visasse atrair o olhar do leitor para esse dado.

Contudo, apesar desta pesquisa não propor uma comparação entre edições da mesma publicação, faz-se interessante observar uma explícita alteração gráfica-editorial acerca das marcas de autoria entre as edições, uma vez que na primeira edição do *Novo Avenida Brasil 1* (cf. Figura 32) não houve qualquer menção aos nomes dos autores na capa, sendo estes os mesmos da segunda edição. Tal informação aparece pela primeira vez somente na folha de rosto. Portanto, ainda que na capa dessa nova edição não haja uma evidenciação gráfica daqueles que cumprem uma função de autoria na publicação, há o reconhecimento nominal de todos.

Figura 32: capa 1ª edição - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



Fonte: Lima, Rohrmann. Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Voltando à capa da segunda edição, à diagonal dos nomes dos autores, dentro de um balão de conversa, estampam-se fotografias de homens e mulheres de diferentes raças, aparentemente em contextos mais formais devido as suas vestimentas, intencionando, possivelmente, representar a diversidade do povo brasileiro. Logo abaixo, verificam-se o

título e o subtítulo do LD, *Novo Avenida Brasil 1* e *Curso Básico de Português para Estrangeiros*. Ainda na capa, se indicam verbalmente a edição e a inclusão de áudios, sendo essa última também sinalizada iconograficamente por meio de um *headphone*.

Por fim, diametralmente opostas aos nomes dos autores, visualizam-se as logos das instituições responsáveis pela publicação. Grafadas em branco e separadas por uma barra vertical, elas ocupam o pé da página, alinhadas à direita. A nível de comparação, no LD *Falar...Ler... Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*, como visto anteriormente, as logos das editora GEN e do selo E.P.U ocupam lugar mais evidente na capa. A princípio, pode-se observar que uma menor relevância gráfica foi dispensada a esses elementos no *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*.

Referente à lombada do LD (cf. Figura 33), próximo paratexto que se vê marcas de autoria, há a impressão dos sobrenomes de todos os cinco autores, separados graficamente por um círculo preenchido, do nome do livro, da edição e das logos da casa e do selo editorial, sendo os dois primeiros grafados na horizontal e os dois últimos na vertical. Todos os dados se mantêm em branco, assim como na capa. Portanto, até então, o projeto gráfico-editorial segue não utilizando cores com o intuito de destacar qualquer informação nos paratextos.

Figura 33: lombada - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



Fonte: Lima, Rohrmann. Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Ainda acerca da lombada, diferentemente da dupla interpretação realizada no LD *Falar... Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*, entende-se que o recurso de grafar somente os sobrenomes dos autores no *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* se deve à falta de espaço no paratexto para a impressão dos nomes completos, como apresentados na capa, uma vez que se trata de cinco autores. Em um contato físico com essa publicação, disposta em uma estante de uma livraria ou biblioteca, tais sobrenomes seriam suficientes para despertar a atenção do leitor ou do professor?

Dando sequência à análise, verifica-se uma manutenção da decisão gráfica-editorial dos livros publicados pelo GEN analisados nesta pesquisa de inscrever o *site* do grupo editorial logo abaixo de sua logo e do selo editorial E.P.U na quarta capa (cf. Figura 34). Tal recurso alinhado à esquerda na parte inferior da página pode ser interpretado como uma ação de marketing que pretende construir uma identidade forte de quem publica o LD, valorizando a casa editorial e estreitando sua relação com o leitor.

Figura 34: quarta capa - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Adentrando a obra, verificam-se os últimos paratextos que integram a capa: as orelhas. Trata-se da segunda publicação integrante do *corpus* que se utiliza desse recurso editorial. Contudo, diferentemente da primeira orelha do livro *Falar...Ler...Escrever... Português - Um Curso para Estrangeiros* em que a marca de autoria é desempenhada apenas pela editora e pelo selo editorial por meio de suas logos e *site* inscritos no pé da página, a orelha de capa do *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* (cf. Figura 35) destina grande parte de seu espaço para o fortalecimento da autoridade do Grupo GEN na área de PLE.

Alinhado à esquerda e escrito em terceira pessoa, o primeiro parágrafo frisa que, nesse campo, os livros do catálogo da editora E.P.U e do grupo GEN são os mais “reconhecidos” e “consagrados” conteúdos destinados ao público estrangeiro. Seguindo as mesmas decisões gráfica-editoriais, o segundo parágrafo, por sua vez, salienta a abrangência de níveis dos LDs publicados, do básico ao avançado, e indica que todas as publicações seguem critérios e parâmetros estabelecidos por instituições e órgãos de referência. Na sequência, a fim de reforçar a *presença* na área e, naturalmente, de divulgar o catálogo, se indicam outras quatro

Figura 35: primeira orelha - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

obras didáticas de PLE publicadas pela editora. Graficamente, o nome de tais publicações *Novo Avenida Brasil*, *Falar... Ler...Escrever...Português*, *Diálogo Brasil* e *Português Via Brasil* são os únicos textos grafados em negrito na página, realçando-os em relação às demais informações.

Por fim, antes de marcar a presença da editora e do selo editorial por meio de suas logos e *site* inscritos no pé da página, tal qual se verificou na primeira orelha do LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros*, grafa-se, de forma centralizada, o *site* do GEN novamente, contudo com o diretório²⁰ “/catalogo-portugues”, encaminhando diretamente para a página com o catálogo de LDs de PLE comercializados pelo Grupo Editorial.

Acerca das marcas de autoria verificadas nesses paratexto, compreende-se que, apesar do texto possuir um tom burocrático-institucional, a importância e envolvimento do GEN se fortalece de forma pessoal na publicação, visto a quantidade de elementos que indicam sua *presença*. O *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* é o LD que integra o *corpus* dessa pesquisa com mais marcas gráfica-editoriais que indicam e reforçam a *presença* de seus produtores.

Dando sequência à análise, é na segunda orelha (cf. Figura 36) que se vê a primeira ocorrência das notas biográficas dos autores na publicação. Alinhadas à esquerda, apresentam em terceira pessoa com os nomes grafados em caixa-alta e negrito, destacando o início e fim de cada biografia. Como observado, todas as informações dos paratextos que

²⁰ O diretório do *site* é o conteúdo que carrega quando o visitante acessa o nome de domínio em um navegador web.

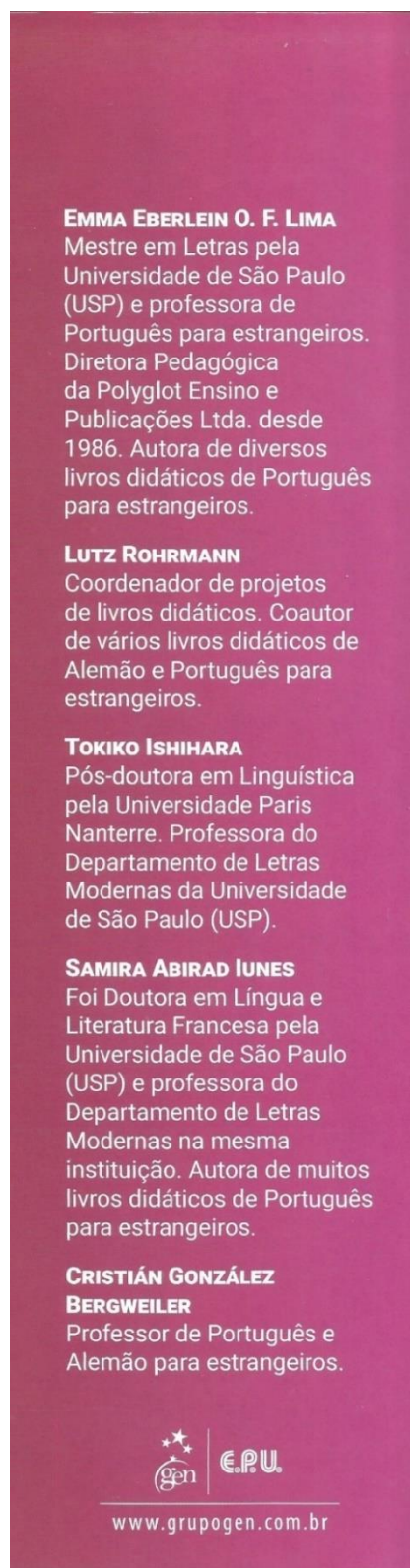
compõem a capa estão grafadas em branco, não se utilizando das cores para qualquer distinção gráfica.

Não cumprindo uma ordem alfabética, inicia-se com a nota de Emma Eberlein O. F. Lima, também autora do LD *Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros*, pontuando seu mais alto título acadêmico e sua atuação profissional como professora de PLE. Marca-se também que é autora de “diversos” LDs da área. Na sequência, a nota de Lutz Rohrmann sinaliza seu trabalho como coordenador de projetos de livros didáticos e sua atuação em LDs de alemão e PLE como coautor.

A terceira nota é de Tokiko Ishihara, única coautora dessa publicação que não possui em sua biografia uma relação direta com a área de LDs e PLE. Pontua-se seu título de pós-doutora em Linguística e sua atuação como professora do departamento de Letras Modernas da USP. Compreende-se que, devido ao fato dessa publicação possuir cinco autores, tal ausência informacional acerca do envolvimento da autora com o campo passa despercebida. Questiona-se, portanto, se em uma autoria solo, tais informações seriam suficientemente atrativas para um leitor que busca um autor que apresenta experiência e autoridade na área.

Na sequência, apresenta-se a nota de Samira Abirad Iunes, que, junto de Emma Eberlein O. F. Lima, também realiza a autoria do LD *Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros*. A nota informa qual foi seu mais alto título acadêmico e sua atuação profissional, também se frisa que foi autora de muitas publicações didáticas de PLE. Por último, em uma pequena nota, pontua-se que o último autor, Cristián González Bergweiler, é professor de português e de alemão para estrangeiros.

Figura 36: segunda orelha - Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro



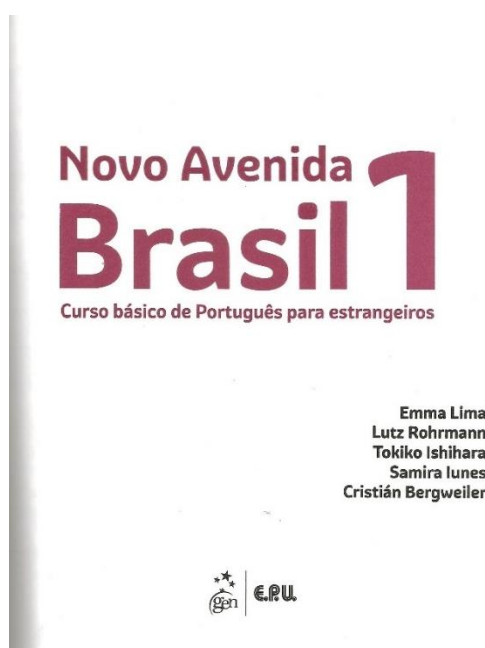
Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Interpreta-se que, assim como em todos os paratextos que compõem um livro, houve uma decisão gráfica-editorial quanto à organização das informações dispostas na segunda orelha. Questiona-se, portanto: haveria alguma relação entre a ordem das notas com a importância e atuação dos autores na publicação, visto que não se cumpre uma ordem alfabética?

Partindo para os paratextos que compõem o miolo da publicação, a primeira *presença* de autoria se verifica no verso da falsa folha de rosto: o texto institucional do GEN. Publicado pela mesma editora, o já analisado LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* possui o mesmo texto disposto no mesmo paratexto, *ipsis litteris*, conforme pode ser visto na Figura 13. Portanto, não há razão para se repetir a análise, mas frisa-se a reiterada *presença* da editora nessa publicação, seja por meio de sua logo, seu *site* ou, como verificado na falsa folha de rosto, seu texto institucional.

Ao lado desse paratexto, encontra-se a folha de rosto (cf. Figura 37), primeiro elemento paratextual com marcas de autoria que não se vê uma cartela monocromática, adotando, portanto, o recurso das cores para diferenciar graficamente algumas informações. Centralizado na página, verificam-se o título e o subtítulo do LD em um tom rosa escuro, mesma cor utilizada na imagem de fundo da capa. Interpreta-se que, devido ao tamanho e à disposição do texto, principalmente do número “1” que indica o volume da publicação, trata-se da informação que mais atrai o olhar do leitor.

Figura 37: folha de rosto - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



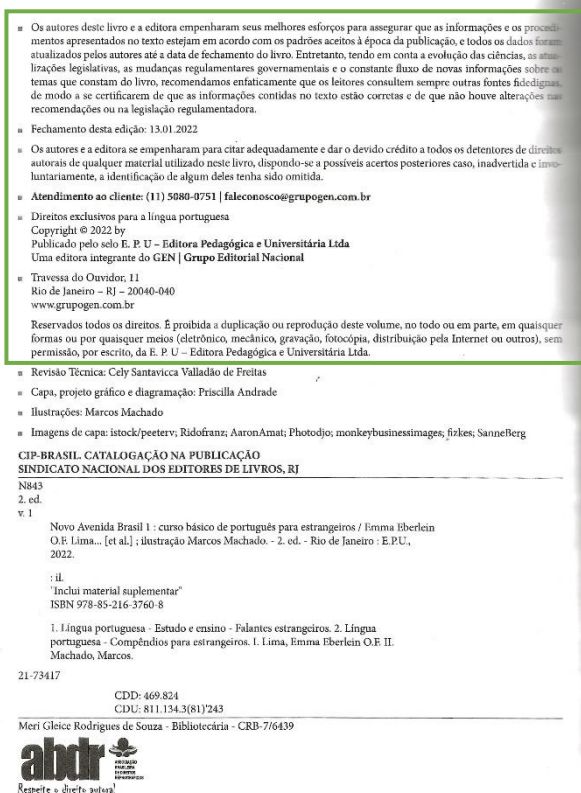
Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Alinhados à direita e com o mesmo tamanho de fonte utilizado na capa, os nomes dos autores são grafados em preto na folha de rosto branca, promovendo um maior contraste com o fundo e com o título. Por meio do recurso visual das cores se verifica uma maior evidenciação desses agentes. Segundo Boerboom e Proetel (2020, p.7), “no nosso dia a dia, nos orientamos pelas cores, recebendo informações por meio delas”, sendo elas, portanto, instrumento gráfico para criar representações e chamar atenção. Em relação ao profissional que decide pelas cores utilizadas em um projeto, os teóricos apontam: “os designers – esses profissionais que tornam o mundo material mais prazeroso – usam as cores de forma a guiar nossa percepção e criar uma sensação de ordem em seus esboços e nos objetos que projetam”. (BOERBOOM, PROETEL, 2020, p.7).

Sem a impressão das notas biográficas nesse paratexto, diferenciando-o do que foi encontrado nos livros *Bons Negócios: portugueses do Brasil para o mundo do trabalho e Falar...Ler... Escrever...Português – Um curso para estrangeiros*, sendo o último publicado pela mesma editora, a última marca de autoria vista na folha de rosto são as logos do GEN e da E.P.U, separadas por uma barra vertical, no pé da página. Também grafadas em preto, a *presença* do grupo e da editora aparecem centralizadas, em uma disposição de mais destaque, diferentemente da capa, em que as logos estão alinhadas à esquerda. Vê-se, portanto, que a folha de rosto nessa publicação não se comporta como um espelho da capa, dispondo graficamente os dados de forma bastante distinta.

Dando sequência à análise, no verso da folha de rosto, pode-se verificar a página de créditos (cf. Figura 38) do LD. Com uma grande quantidade de informações, reforça-se, em seus primeiros sete parágrafos, a *presença* dos autores e da editora na publicação. Escritos em terceira pessoa, em tom burocrático-institucional, o primeiro parágrafo fala do empenho das autoras e da editora para assegurar que as informações e os procedimentos apresentados no texto estejam em acordo com os padrões aceitos à época da publicação; o segundo é sobre a data de fechamento da edição; o terceiro parágrafo é sobre o esforço dos autores e da editora em mencionar adequadamente os detentores dos direitos autorais dos materiais utilizados no livro; o quarto, em negrito, apresenta os meios de contato para atendimento ao cliente; o quinto, por sua vez, trata-se da propriedade dos direitos autorais, o copyright; o sexto exibe o endereço físico e *site* do GEN e, por fim, o sétimo parágrafo afirma a proibição de duplicação ou reprodução do LD sem a permissão da editora E.P.U.

Figura 38: página de crédito - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



- Os autores deste livro e a editora empenharam seus melhores esforços para assegurar que as informações e os procedimentos apresentados no texto estejam em acordo com os padrões aceitos à época da publicação, e todos os dados foram atualizados pelos autores até a data de fechamento do livro. Entretanto, tendo em conta a evolução das ciências, as atualizações legislativas, as mudanças regulamentares governamentais e o constante fluxo de novas informações sobre os temas que constam do livro, recomendamos enfaticamente que os leitores consultem sempre outras fontes fidedignas, de modo a se certificarem de que as informações contidas no texto estão corretas e de que não houve alterações nas recomendações ou na legislação regulamentadora.
 - Fechamento desta edição: 13.01.2022
 - Os autores e a editora se empenharam para citar adequadamente e dar o devido crédito a todos os detentores de direitos autorais de qualquer material utilizado neste livro, dispondo-se a possíveis acertos posteriores caso, inadvertida e involuntariamente, a identificação de algum deles tenha sido omitida.
 - **Atendimento ao cliente: (11) 5080-0751 | faleconosco@grupogen.com.br**
 - Direitos exclusivos para a língua portuguesa
Copyright © 2022 by
Publicado pelo selo E. P. U – Editora Pedagógica e Universitária Ltda
Uma editora integrante do GEN | Grupo Editorial Nacional
 - Travessa do Ouvidor, 11
Rio de Janeiro – RJ – 20040-040
www.grupogen.com.br
- Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, em quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição pela Internet ou outros), sem permissão, por escrito, da E. P. U – Editora Pedagógica e Universitária Ltda.

Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Em relação às decisões gráficas desses parágrafos, chama a atenção o uso do negrito exclusivamente em informações que destacam uma marca autoral na publicação. Primeiramente se negrita os dados de atendimento ao cliente em que constam o telefone e o e-

mail de contato do grupo GEN e no parágrafo seguinte, inserido junto a outras informações, se negrita apenas “E.P.U – Editora Pedagógica e Universitária Ltda” e “GEN | Grupo Editorial Nacional”. Interpreta-se que tal deliberação visa fortalecer a *presença* dos responsáveis pela publicação, destacando-os em comparação aos demais agentes envolvidos.

Logo abaixo, há a *presença* nominal de autoria dos profissionais responsáveis pela revisão técnica, Cely Santavicca Valladão de Freitas, pela capa, projeto gráfico e diagramação, Priscilla Andrade, e pelas ilustrações, Marcos Machado (cf. Figura 39). Apesar dos livros *Falar... Ler...Escrever...Português – Um curso para estrangeiros* e *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* terem sido publicados pela mesma editora, verifica-se que o nome do ilustrador, embora não seja o mesmo profissional, é grafado *fac-símile* a sua assinatura somente no primeiro, como pôde ser observado na figura 16. Graficamente, o *Novo Avenida Brasil 1* dá a esse profissional o mesmo realce visual que os demais. Por fim, referenciam-se também os autores das imagens que compõem a capa.

Figura 39: autores - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*

- Revisão Técnica: Cely Santavicca Valladão de Freitas
- Capa, projeto gráfico e diagramação: Priscilla Andrade
- Ilustrações: Marcos Machado
- Imagens de capa: istock/peeterv; Ridofranz; AaronAmat; Photodjo; monkeybusinessimages; fizkes; SanneBerg

Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Por fim, na parte inferior da página de créditos, visualiza-se a ficha catalográfica da publicação (cf. Figura 40). Processada pelo SNEL, a ficha apresenta alguns dados interessantes. Em primeiro lugar, possivelmente devido ao número de autores, nomeia-se somente a autora Emma Eberlein O. F. Lima, ficando os demais autores comprimidos no “[et al.]”. Vê-se também a *presença* do ilustrador na referência, assumindo um espaço de evidência e importância na autoria do LD e, por fim, cumprindo com o modelo de catalogação conforme apresentado na Figura 6, a ficha reconhece nominalmente Meri Gleice Rodrigues de Souza, bibliotecária responsável pela sua emissão.

A nível de comparação, pode-se observar que, apesar dos livros *Novo Avenida Brasil 1 – Curso Básico de Português para Estrangeiros* e *Falar... Ler...Escrever...Português – Um curso para estrangeiros* terem sido publicados pela mesma editora, não há uma padronização gráfica-editorial adotada pela instituição quanto à oferta, disposição e hierarquização das informações na página de créditos e na ficha catalográfica.

Figura 40: ficha catalográfica - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N843

2. ed.

v. 1

Novo Avenida Brasil 1 : curso básico de português para estrangeiros / Emma Eberlein O.F. Lima... [et al.] ; ilustração Marcos Machado. - 2. ed. - Rio de Janeiro : E.P.U., 2022.

: il.

"Inclui material suplementar"

ISBN 978-85-216-3760-8

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Falantes estrangeiros. 2. Língua portuguesa - Compêndios para estrangeiros. I. Lima, Emma Eberlein O.F. II. Machado, Marcos.

21-73417

CDD: 469.824

CDU: 811.134.3(81)'243

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

A próxima marca de autoria na publicação se reconhece na seção “Sobre os autores” (cf. Figura 41). Disposta na página à direita da página de créditos, os nomes dos autores são apresentados na mesma ordem que na capa, na lombada, na segunda orelha e na folha de rosto, ou seja, em todos os paratextos que há a *presença* desses agentes.

Figura 41: sobre os autores - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*

Sobre os autores

Emma Eberlein O. F. Lima, Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo e professora de Português para estrangeiros. Diretora Pedagógica da Polyglot Ensino e Publicações Ltda desde 1986. Autora de muitos livros didáticos de Português para estrangeiros.
Lutz Rohrmann, Coordenador de projetos de livros didáticos. Coautor de vários livros didáticos de Alemão e Português para estrangeiros.
Tokiko Ishihara, Pós-doutorado em linguística na Universidade Paris Nanterre. Professora do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP).
Samira Abirad Iunes, Foi Doutora em língua e literatura francesa pela Universidade de São Paulo e professora do Departamento de Letras Modernas na mesma universidade. Autora de muitos livros didáticos de Português para estrangeiros.
Cristián González Bergweiler, Professor de Português e Alemão para estrangeiros.

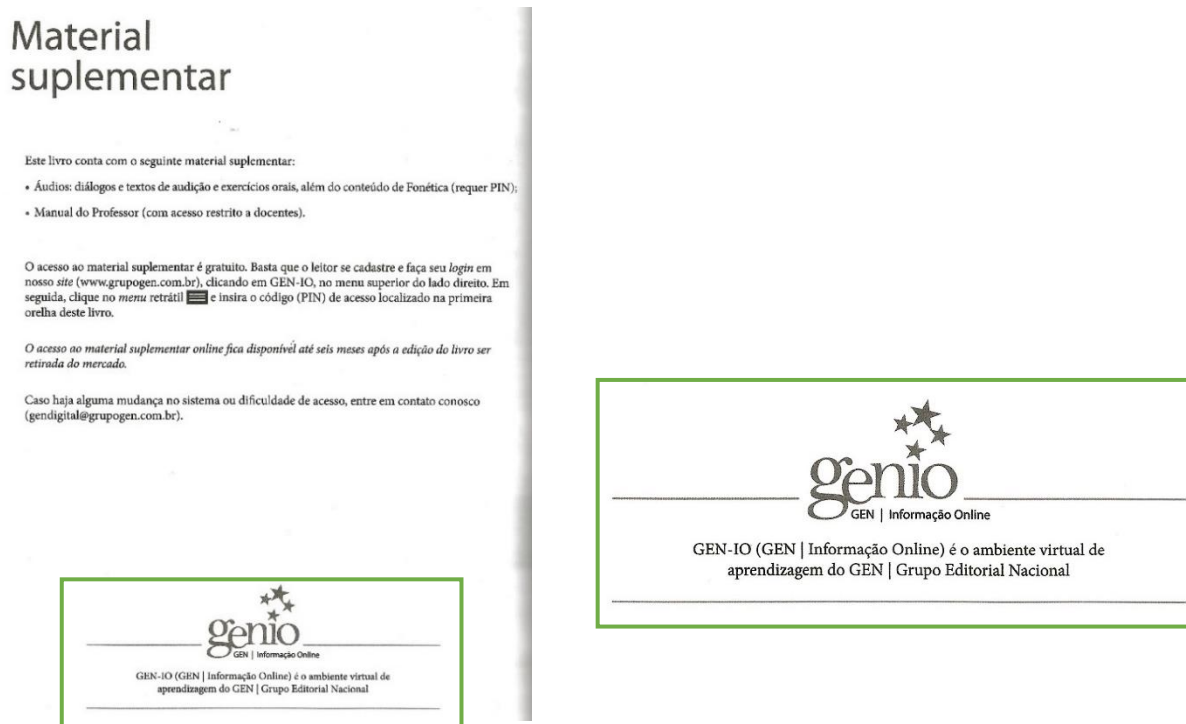
Emma Eberlein O. F. Lima, Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo e professora de Português para estrangeiros. Diretora Pedagógica da Polyglot Ensino e Publicações Ltda desde 1986. Autora de muitos livros didáticos de Português para estrangeiros.
Lutz Rohrmann, Coordenador de projetos de livros didáticos. Coautor de vários livros didáticos de Alemão e Português para estrangeiros.
Tokiko Ishihara, Pós-doutorado em linguística na Universidade Paris Nanterre. Professora do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP).
Samira Abirad Iunes, Foi Doutora em língua e literatura francesa pela Universidade de São Paulo e professora do Departamento de Letras Modernas na mesma universidade. Autora de muitos livros didáticos de Português para estrangeiros.
Cristián González Bergweiler, Professor de Português e Alemão para estrangeiros.

Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Verifica-se que a segunda ocorrência das notas biográficas no LD não apresenta nenhuma distinção textual da primeira, apresentada na orelha da quarta capa. Ao adotar tal decisão gráfica-editorial, perde-se uma chance de aprofundar a relação do leitor com os autores e de aumentar o discurso de autoridade desses profissionais, explorando mais suas atuações na área. Graficamente, interpreta-se que o espaço é mal utilizado, ficando o texto recuado na parte superior da página com um pequeno entrelinhamento e sem espaçamento entre os parágrafos, o que dificulta a leitura. O leve recuo à esquerda e o uso do negrito são os recursos utilizados para diferenciar os nomes dos autores do início de suas notas biográficas. Portanto, apesar de a nota biográfica ter dupla ocorrência no LD, entende-se que ela poderia ter sido melhor explorada na segunda vez, visto que dispunha de mais espaço e que as informações não haviam se esgotado.

A próxima *presença* fica reservada ao grupo GEN que imprime seu *site*, seu e-mail e a logo de seu ambiente virtual de aprendizagem, GEN-10, na seção “Material suplementar” (cf. Figura 42). Em um tom burocrático-institucional, o texto, escrito em terceira pessoa, apresenta os materiais suplementares do LD e indica como acessá-los. Interpreta-se que o fortalecimento da editora nesse paratexto fica principalmente a cargo da logo do GEN-10, centralizada no pé da página, atraindo o olhar do leitor pela sua disposição, tamanho e tipografia.

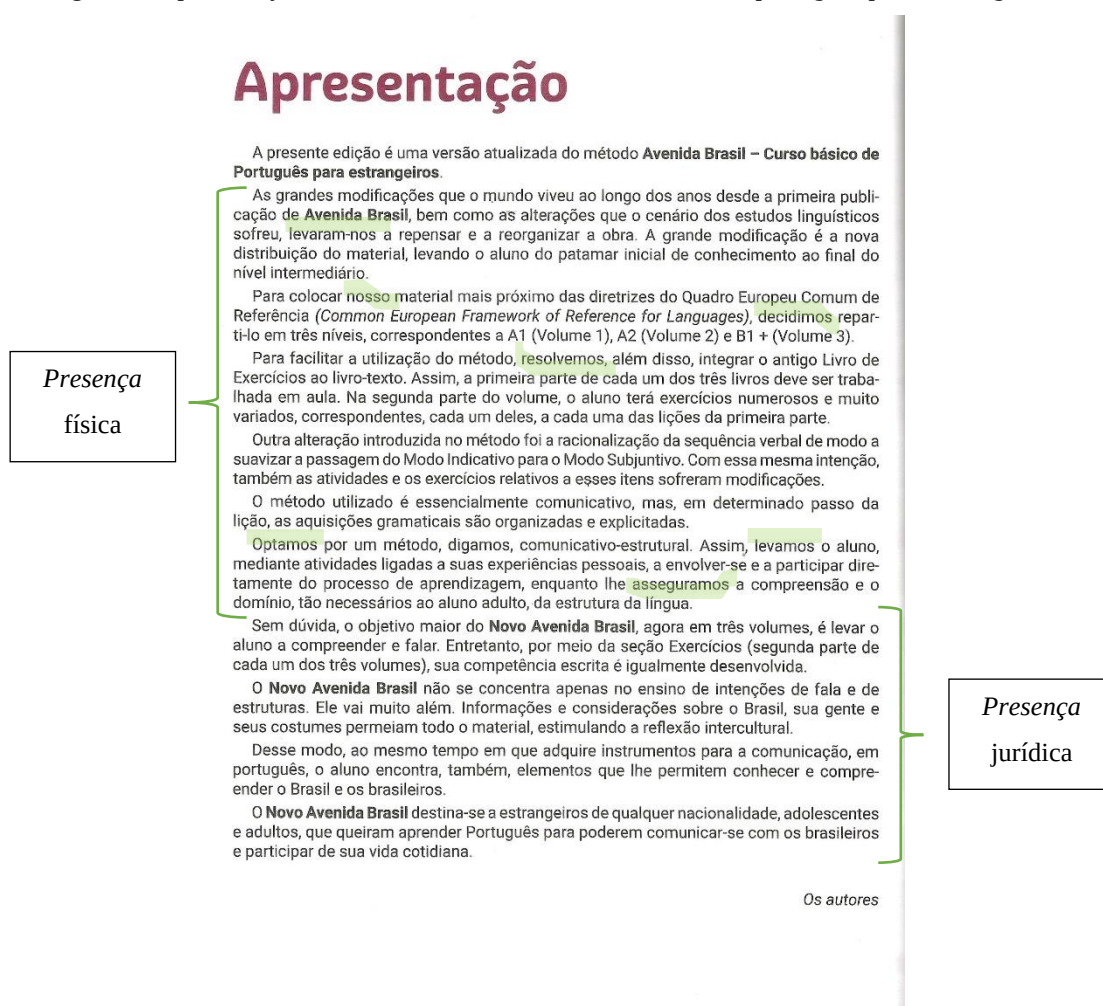
Figura 42: material suplementar - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*



Fonte: Lima, Rohrmann. Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Na sequência, visualizam-se marcas de autoria na “Apresentação” (cf. Figura 43) do LD. Além da assinatura coletiva ao final do texto “os autores”, mescla-se o uso da primeira pessoa do plural, “nós”, e da terceira pessoa do singular, “ele”. Nos sete primeiros parágrafos, vê-se que a *presença* dos autores é mais pessoal, mais física, possibilitando o entendimento de que de fato eles escreveram tal texto, enquanto nos parágrafos finais, em um tom burocrático-institucional, verifica-se uma escrita impessoal, uma *presença* mais jurídica, tratando o livro como um objeto a parte, um conteúdo outro.

Figura 43: apresentação - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros*



Fonte: Lima, Rohrmann. Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020. Grifo nosso.

Nos parágrafos iniciais, por meio de suas escolhas linguísticas, trechos como “as grandes modificações que o mundo viveu (...) **levaram-nos** a repensar e a reorganizar a obra”, “para colocar **nosso** material mais próximo (...)”, “para facilitar a utilização do método, **resolvemos**, além disso, integrar o antigo (...)”, “**optamos** por um método (...)”, “assim,

levamos o aluno (...)", "(...) enquanto lhe **asseguramos** a compreensão e o domínio (...)" (NOVO AVENIDA BRASIL, 2022, grifo nosso), fortalecem a *presença* desses agentes que cumprem uma função de autoria no LD. Já nos últimos quatro parágrafos, não se verificam novas ocorrências de marcas linguísticas que indiquem pessoalidade explícita no texto.

Pode se interpretar que para o leitor pode ficar a sensação que parágrafos produzidos por diferentes agentes, autores e editora, foram anexados um ao outro formando a “Apresentação” do LD. Apesar dessa impressão, sem reconhecimento nominal individual, todo o paratexto é assinado, em itálico, pelos “autores”, expressando graficamente os responsáveis pelo texto.

Por fim, a última marca de autoria dessa publicação se vê na última página da seção “Como usar o seu Novo Avenida Brasil” (cf. Figura 44). Alinhada à esquerda, no pé da página, trata-se de mais uma *presença* da E.P.U., porém, dessa vez, não através de sua logo. Por meio da impressão do *site* do catálogo de conteúdos de PLE ofertados pela editora e por um breve texto de apresentação que diz sobre a experiência da companhia na área, compreende-se que há a intenção de fortalecer sua autoridade e prestígio frente aos leitores.

Figura 44: última página da seção “Como usar o seu Novo Avenida Brasil” - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros*

C: amplia e retoma os elementos de comunicação, o vocabulário e as estruturas estudadas.

D: apresenta textos de leitura e de áudio, tendo em vista a expansão da compreensão escrita e oral do aluno.

E: concentra-se na ampliação e no trabalho do vocabulário.

Para conhecer outros conteúdos de **Português como Língua Estrangeira (PLE)**, acesse o site <https://www.grupogen.com.br/catalogo-portugues>.
Há mais de 60 anos, a Editora Pedagógica Universitária (E.P.U.) é pioneira na publicação de livros sobre PLE que, com metodologia consagrada, conquistaram o mercado mundial e são referência no mercado.

Para conhecer outros conteúdos de **Português como Língua Estrangeira (PLE)**, acesse o site <https://www.grupogen.com.br/catalogo-portugues>.
Há mais de 60 anos, a Editora Pedagógica Universitária (E.P.U.) é pioneira na publicação de livros sobre PLE que, com metodologia consagrada, conquistaram o mercado mundial e são referência no mercado.

Após análise das *presenças* que se veem no *Novo Avenida Brasil*, verifica-se que, dentro do *corpus* desta pesquisa, esse é o LD que mais reforça gráfico-editorialmente a *presença* de seus produtores. Contabilizando as vezes que as logos e os sites do grupo GEN e da editora E.P.U aparecem nos elementos paratextuais, somam-se 20 ocorrências. Excluem-se dessa conta as marcas de *presença* por meio dos e-mails e dos nomes e siglas escritas textualmente, como GEN – Grupo Editorial Nacional, o que naturalmente provocaria um aumento substancial nessa quantidade.

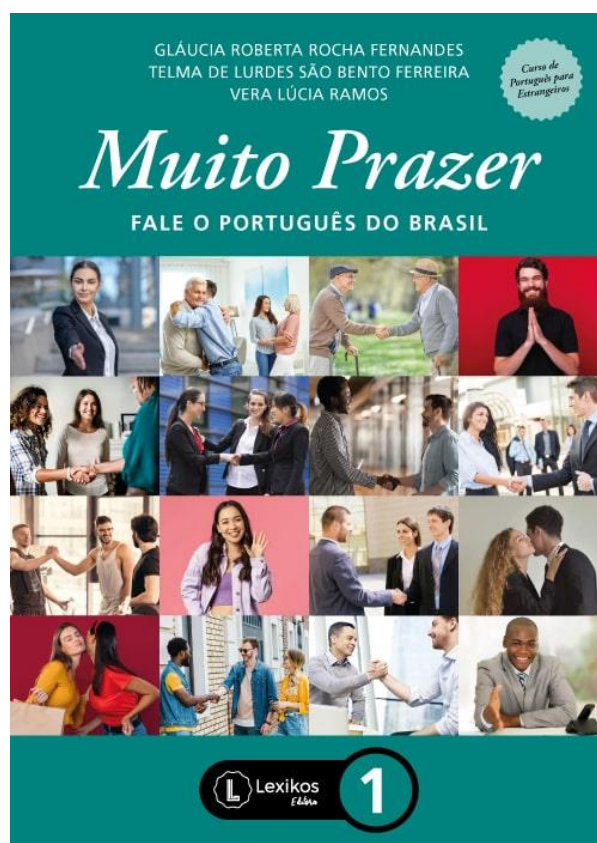
Segundo Williams (1995, p. 52) “a repetição de elementos visuais no design unifica e fortalece o material”, fazendo desse princípio uma forma de gerar consistência. Visto isso, interpreta-se que nesse LD, por meio da repetição de seus elementos gráficos identificadores, há uma intenção clara de reforçar a *presença* do GEN e da E.P.U tanto na própria publicação, como de autoridade na área de PLE.

3.1.5 Muito Prazer – Fale o português do Brasil

Última publicação que compõe o *corpus* de análise desta pesquisa, o LD *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* apresenta suas primeiras marcas de autoria na capa (cf. Figura 45). Localizados no topo da página de forma centralizada, os nomes completos das autoras são grafados em branco sobre o fundo verde: Gláucia Roberta Rocha Fernandes, Telma de Lurdes São Bento Ferreira e Vera Lúcia Ramos. Também em branco, logo abaixo, encontram-se o título e o subtítulo do livro. Centralizado, o título *Muito Prazer* aparece em itálico, com um tamanho de fonte maior se comparado às outras informações dispostas na página, enquanto o subtítulo *fale o português do Brasil* é grafado em caixa alta, tal qual os nomes das autoras, e também alinhado ao centro.

A maior parte da capa é ocupada pelas dezesseis fotografias de pessoas se cumprimentando de diferentes formas e em diferentes contextos de comunicação, possivelmente visando ilustrar o título da publicação. Por preencherem um grande espaço, trata-se do conteúdo que mais chama atenção nesse paratexto. Por fim, no pé da página, ao lado esquerdo do número 1, o qual indica o volume do LD, há a *presença* da logo da editora Lexikos, empresa que organizou os meios necessários para a veiculação da obra e a tornou acessível ao leitor. Graficamente disposta sobre um fundo preto, a logo escrita em branco provoca um alto contraste com os demais dados do paratexto, atraindo o olhar do leitor.

Figura 45: capa - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*



Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Oficialmente fundada em 2018 como casa editorial, a Lexikos²¹ nasceu primeiramente como escola de ensino de idiomas e, posteriormente, tornou-se uma empresa de tradução. Como editora, publica títulos voltados para o ensino de idiomas e de tradução, assim como para a área de psicologia. Possui também o selo Lexikos Bambini, que intenciona levar histórias para crianças e adolescentes, incentivando reflexões e escrita criativa. Em seu catálogo possui 51 publicações, entre livros físicos e e-books, sendo somente duas publicações na área de PLE: *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* volume 1 e volume 2.

Um fato interessante é que duas das autoras do LD aqui analisado são as fundadoras e as editoras da Lexikos: Telma de Lurdes São Bento Ferreira e Vera Lúcia Ramos. Segundo o site da editora, elas combinaram suas experiências com aulas, tradução, escrita de material didático e edição de textos para iniciar a sociedade. Tal informação é relevante e infrequente uma vez que essas autoras desempenham tripla autoria na publicação: autoras, editoras, conforme será visto na página de créditos, e empresa. Dada a situação, seria a *presença* de uma dessas instâncias mais valorizada e fortalecida gráfica-editorialmente que outra?

²¹ Disponível em: <<https://lexikos.com.br/?v=9a5a5f39f4c7>>. Acesso em: 10 maio 2023.

Seguindo a tradição gráfica-editorial, as próximas marcas de autoria do LD podem ser visualizadas na lombada (cf. Figura 46). Grafados na horizontal, os nomes das autoras ocupam o lado direito do paratexto e são dispostos um abaixo do outro, acarretando uma baixa legibilidade. Faz-se interessante observar que, diferentemente da última publicação analisada que também possuía uma grande quantidade de autores, o LD *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* opta graficamente por não escrever somente o sobrenome das autoras, apesar do espaço limitado, apresentando-os por extenso e de forma completa. Entende-se que, com essa decisão gráfica-editorial, fortalece-se a *presença* das autoras. Por fim, na vertical, a logo da editora ocupa o lado esquerdo do paratexto.

Figura 46: lombada - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*



Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Adentrando a obra, a folha de rosto (cf. Figura 47) atua praticamente como um espelho da capa, possuindo as mesmas informações vistas naquele paratexto. Gráficamente, o nome da editora segue com maior contraste, uma vez que é escrito em branco sobre um fundo preto. Os nomes das autoras e o título e subtítulo do LD são escritos em verde, mesma cor que compõe todo o fundo da capa, sobre uma página branca. Devido ao tamanho e disposição dos dados, o nome *Muito Prazer* permanece sendo o texto com maior evidência.

Figura 47: folha de rosto - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*



Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

No verso da folha de rosto, encontra-se a página de créditos (cf. Figura 48). Logo após a informação sobre a propriedade de direitos autorais que está no topo da página, indicam-se os profissionais que cumpriram uma função de autoria no LD. Centralizados na página, os nomes ocupam praticamente metade da folha, tendo suas funções realçadas via negrito e cor distinta ao restante do texto.

Vera Lúcia Ramos e Telma São Bento Ferreira, também autoras da publicação, são as primeiras agentes mencionadas na categoria “editoras”. Na sequência, veem-se Ana Lúcia Kfourir e Elvio Feliciano Fulvio Neto como os responsáveis pela revisão, a preparação ficou a cargo de Giovana Marchese, a capa e o projeto gráfico foram de autoria de Joaquim Roddil e as ilustrações foram feitas por Luciano de Paula Almeida. Após, pontuam-se os sites de onde as imagens foram retiradas e por fim nomeiam-se os responsáveis pelo áudio. Inicialmente assinado de forma coletiva, via empresa, o áudio foi de autoria de JM Produções, contudo marcam-se também nominalmente os responsáveis pelo áudio, Arthur Carlos Andrade “Carlão”, e pela direção e produção, José Mário Velasco.

Figura 48: página de créditos - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*



Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Acerca da ordem dos nomes das editoras, verifica-se que a ordem alfabética não é respeitada na categoria “editoras” disposta na folha de créditos, tal qual visto na capa do livro. Tal decisão gráfica-editorial suscita o seguinte questionamento: enquanto autoras teriam Telma São Bento Ferreira e Vera Lúcia Ramos a mesma relevância e *presença* na publicação, mas como editoras, devido à disposição dos nomes, teria Vera Lúcia Ramos mais autoridade do que Telma São Bento Gonçalves? Outro ponto de observação que se faz interessante nos estudos de autoria é o uso do apelido “Carlão” após o nome do Arthur Carlos Andrade, responsável pelo áudio. Ao grafarem o apelido do profissional entre aspas após o seu nome de batismo há o fortalecimento de sua *presença* também na instância pessoal, colocando-o de forma mais íntima tanto para novos contatos, quanto para aqueles leitores que provavelmente já o conhecem por essa alcunha.

Na sequência, a ficha catalográfica (cf. Figura 49) da publicação, diferentemente de todas as outras que integram o *corpus*, foi elaborada por uma bibliotecária autorizada, Janaina Ramos, sem a mediação das entidades CBL e SNEL. Tal referência é mencionada no topo da ficha, ao lado da sigla do Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB), órgão fiscalizador da profissão de bibliotecário, e do número de registro da profissional. O nome de todas as autoras e da editora também integram o paratexto. Reforça-se, portanto, a *presença* de três agentes que desempenham uma função de autoria no LD.

Figura 49: ficha catalográfica - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*

Catalogação na publicação
 Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

F363

Fernandes, Gláucia R. Rocha

Muito prazer: fale o português do Brasil / Gláucia R. Rocha Fernandes, Telma de Lurdes São Bento Ferreira, Vera Lúcia Ramos. – São Paulo: Lexikos, 2022.

(Muito prazer - fale o português do Brasil, V. 1)

200 p., il.; 21 X 28 cm

ISBN 978-65-81314-21-7

1. Linguagem e línguas - Estudo e ensino. 2. Português para estrangeiros. 3. Língua portuguesa. I. Fernandes, Gláucia R. Rocha. II. Ferreira, Telma de Lurdes São Bento. III. Ramos, Vera Lúcia. IV. Título.

CDD 413.028

Índice para catálogo sistemático
I. Linguagem e línguas - Estudo e ensino

Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Seguindo à análise, o livro *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* é a primeira obra desta pesquisa que se vê uma dedicatória (cf. Figura 50). Direcionada a pessoas ou

instituições que são estimadas e respeitadas pelo autor (Martins Filho, 2016), esse texto, geralmente curto, não é muito recorrente em publicações didáticas, por isso se faz interessante observá-lo nessa publicação. Segundo Genette (2009):

a dedicatória de obra vincula-se sempre à demonstração, à ostentação, à exibição: mostra uma relação intelectual ou privada, real ou simbólica, e essa mostra está sempre a serviço da obra, como argumento de valorização ou tema de comentário. (GENETTE, 2009, p. 124).

Figura 50: dedicatória - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*



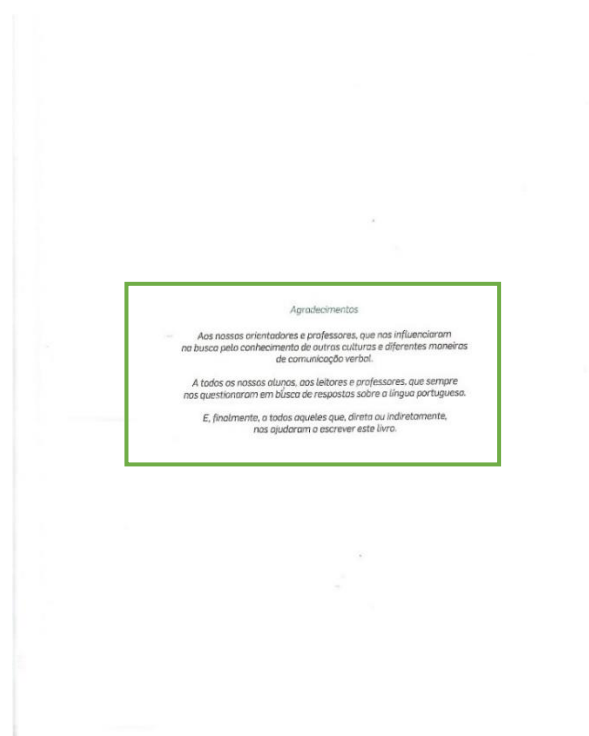
Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Em uma página reservada a esse paratexto, as dedicatórias são grafadas em itálico, no meio da página, alinhadas ao centro. Abaixo de cada dedicatória correspondente, há a assinatura de somente o primeiro nome das autoras, também em itálico, estabelecendo uma relação íntima e informal com seu leitor. Assim, verifica-se nessa decisão uma *presença* afetiva, indicando proximidade entre os sujeitos e fortalecendo a dimensão humana das autoras. Nota-se também que a sequência dos nomes segue a ordem alfabética disposta na capa da publicação.

A cerca de seus conteúdos, os três textos mostram que o LD é ofertado a relações privadas, como familiares e amigos. Para Genette (2009, p. 129) é nesse espaço que o leitor e o autor ganham vida. Além disso, compreende-se que a existência desse paratexto na publicação fortalece não só a *presença* das autoras, mas também de outras relações, visto que duas das autoras também cumprem um papel de autoria como editoras e como empresa. Telma e Vera dedicam esse livro, portanto, incumbidas de três instâncias autorais.

Sem assinatura explícita, o que poderia confundi-lo como uma *ausência* de autoria, o próximo paratexto mostra sua marca autoral por meio de seu conteúdo e das escolhas linguísticas. Intitulado “Agradecimentos” (cf. Figura 51), é nessa página que “o autor ou editor expressa sua gratidão às pessoas, instituições e profissionais que colaboraram na elaboração do texto ou da edição.” (MARTINS FILHO, 2016, p. 55).

Figura 51: agradecimento - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*



Agradecimentos

Aos nossos orientadores e professores, que nos influenciaram na busca pelo conhecimento de outras culturas e diferentes maneiras de comunicação verbal.

A todos os nossos alunos, aos leitores e professores, que sempre nos questionaram em busca de respostas sobre a língua portuguesa.

E, finalmente, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, nos ajudaram a escrever este livro.

Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Alinhado ao centro, tal qual a dedicatória, o breve texto, grafado em itálico, reforça a *presença* das autoras mesmo sem suas assinaturas. Ao agradecerem os orientadores, professores, alunos, leitores, professores e todos aqueles que contribuíram na escrita do livro, faz-se evidente que as gratulações partiram de Gláucia Roberta Rocha Fernandes, Telma de Lurdes São Bento Ferreira e Vera Lúcia Ramos. A pessoalidade marcada pelo possessivo “nosso” também reforça a propriedade humana do discurso.

Por fim, a última *presença* autoral pode ser reconhecida na “Apresentação” da publicação (cf. Figura 52). Disposta em quatro páginas, o paratexto funde um tom institucional, sobretudo nos parágrafos iniciais, a um tom mais pessoal, verificado principalmente por meio dos verbos conjugados na primeira pessoa de plural, pela despedida e pela assinatura. Verifica-se também a *presença* da editora por meio do seu site no último parágrafo.

Figura 52: trechos da “Apresentação” - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*

Apresentação

O objetivo do *Muito Prazer – Fale o Português do Brasil* é capacitar o aluno, de qualquer nacionalidade, que deseje aprender o português do Brasil, a comunicar-se com precisão e fluência. Para isso, o *Muito Prazer* oferece uma abordagem para o ensino e aprendizado do português brasileiro, que combina as melhores características das abordagens mais recentes de ensino de língua estrangeira, sem deixar de lado o estudo das estruturas que formam a língua portuguesa falada no Brasil. Para tanto, **apresentamos** o léxico e a gramática essenciais para uma boa comunicação em português, por meio de atividades estimulantes e contextualizadas, que apresentam a linguagem em uso na comunicação dos brasileiros.

Os três livros da coleção *Muito Prazer* foram elaborados para ser usados em sequência e é importante mencionarmos que os livros, de modo algum, esgotam as possibilidades de aprendizagem de cada aluno. Por isso, julgamos essencial que o professor adapte o material, caso seja necessário, para satisfazer as necessidades educacionais, interesses e estilos de aprendizagem de seus alunos.

Antes de encerrarmos esta breve apresentação, devemos acrescentar três observações pontuais presentes no material. A primeira refere-se ao uso do masculino genérico nas instruções dos exercícios para indicar o "neutro", ou seja, optamos por *o professor* e não *o/a professor/a*, *fale com o colega* e não *fale com o/a colega* etc., por questões didáticas. Escrevemos neutro entre aspas porque sabemos que a ideia de representar o neutro não existe em português e que o uso genérico do masculino tem origem no latim, língua usada pela sociedade Romana, majoritariamente dominada por homens. Mesmo assim, esta foi nossa opção e queremos enfatizar que tal uso é exclusivamente por motivos didáticos, como mencionado anteriormente.

A segunda observação diz respeito ao uso do artigo definido antes dos nomes próprios, uso observado principalmente na cidade de São Paulo. Assim, como representantes dessa cidade, não teríamos como não usar essa marca sem sermos artificiais.

A terceira está ligada à língua gravada nos áudios, que não explora as diferenças fonéticas na fala dos brasileiros dentro do território nacional, ou seja, os áudios foram gravados por profissionais da cidade de São Paulo e, dessa forma, retrata o modo de pronunciar os sons da língua como o fazem as pessoas da cidade de São Paulo. Como é sabido, não existe unicidade em nenhuma língua, uma vez que toda língua varia, e para apresentar as variedades do português brasileiro, procuramos fazê-lo por meio de dicas em material avulso disponível nos sites www.lexikos.com.br e www.muitoprazerlivro.com.br para download.

Nós agradecemos seus comentários e experiências ao usar esta coleção! Bons estudos!

Um abraço,

As autoras

Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022. Grifo nosso.

Ao observar as diversas marcas de autoria grifadas acima, uma chama mais a atenção. O trecho “A segunda observação diz respeito ao uso do artigo definido antes dos nomes próprios, uso observado principalmente na cidade de São Paulo. Assim, como representantes dessa cidade, não teríamos como usar essa marca sem sermos artificiais”

(MUITO PRAZER, 2022, grifo nosso), além de fortalecer o aspecto subjetivo por meio da conjugação verbal, também informa que elas são de São Paulo e, como tal, o uso do artigo definido antes dos nomes próprios foi adotado ao longo do livro. Tal dado pode ser mal interpretado apenas como uma justificativa para uma escolha baseada na origem delas, contudo, ele reforça a pessoalidade das autoras a cada ocorrência dessa decisão linguística no LD, havendo, portanto, um preenchimento dessa identidade autoral na publicação. Pontua-se também a despedida “um abraço”, interpretada como forma de romper a presença burocrático-institucional vista no início do paratexto. A presença afetiva prevalece e a humanização das autoras é cumprida.

Finalmente, faz-se importante pontuar que, dentre as publicações aqui analisadas, *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* trata-se da obra que possui menos menções à editora, fortalecendo muito mais a *presença* das autoras, sendo duas delas, como mencionado anteriormente, também as fundadoras da editora Lexikos e as editoras responsáveis pelo LD. Essa decisão gráfica-editorial pode ser devido ao baixo tradicionalismo e, portanto, a pouca legitimidade que a nova editora possui.

3.2 Uma ausência que se nota: autoria e função autor ocultadas

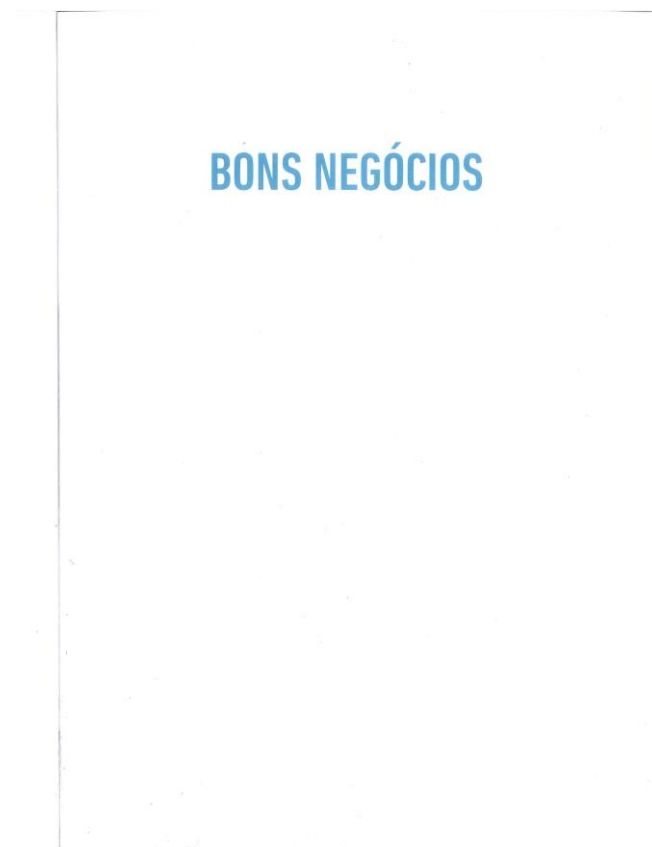
Há, por conseguinte, alguém que, mesmo continuando anônimo e sem rosto, proferiu o enunciado, alguém sem o qual a tese, que nega a importância de quem fala, não teria podido ser formulada. O mesmo gesto que nega qualquer relevância à identidade do autor afirma, no entanto, a sua irredutível necessidade.

Giorgio Agamben, 2007

3.2.1 Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho

Seguindo o tradicionalismo gráfico-editorial, a falsa folha de rosto do LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho* (cf. Figura 53) apresenta completa *ausência* de marcas de autoria. Acerca desse paratexto surgido na última metade do século XVI, Araújo (2008) aponta que “o título comparece sozinho, dele excluindo-se o subtítulo ou quaisquer outros esclarecimentos” (ARAÚJO, 2008, p. 400), tal qual se vê na falsa folha de rosto do livro analisado.

Figura 53: falsa folha de rosto – *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*



Fonte: Santos e Silva, 2013

Dando sequência à investigação, na página de créditos (cf. Figura 54), embora o dado seja necessário segundo o modelo de catalogação da CBL (cf. Figura 7), entidade de normalização adotada nesse paratexto, verifica-se a *ausência* do reconhecimento nominal do bibliotecário responsável pela emissão da ficha catalográfica. Nota-se, portanto, que a não adesão à padronização provoca a ocultação de um profissional que cumpriu uma função de autoria em um conteúdo que integra a publicação. Para além, como discutido anteriormente, há o apagamento dos profissionais envolvidos na editoração eletrônica e na supervisão editorial, visto que a assinatura é coletiva, via empresa: Crayon Editorial e Faccioli Editorial.

Figura 54: trechos da página de créditos - *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*

Editoração eletrônica: Crayon Editorial
Supervisão editorial: Faccioli Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)	
Santos, Denise Bons negócios : português do Brasil para o mundo do trabalho / Denise Santos, Gláucia V. Silva. -- 1. ed. -- Barueri, SP : DISAL, 2013.	
ISBN 978-85-7844-151-7	
1. Português comercial - Estudo e ensino 2. Negócios I. Silva, Gláucia V. II. Título.	
13-09785	CDD-469
Índices para catálogo sistemático: 1. Português comercial : Linguística aplicada 469	

Fonte: Santos e Silva, 2013

Por fim, a última *ausência* verificada na publicação é na página da apresentação (cf. Figura 55). Escrita em inglês, as duas primeiras seções, *Themes and structure of Bons Negócios*²² e *How to use this book*²³, utilizam-se somente da terceira pessoa, fortalecendo uma comunicação institucional e mercadológica, e, conforme pode ser observado, não possuem qualquer marca de autoria do autor dessas comunicações ao longo do texto ou após seu fim, ocultando-o.

Figura 55: trechos da apresentação - *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*



Bons Negócios is a book designed for those who want to learn Brazilian Portuguese for business either individually, in private lessons, or group lessons. The book is written for those with little or no prior knowledge of Portuguese and its main aim is to develop learners' linguistic skills in speaking, listening, reading, and writing while simultaneously extending vocabulary and grammar knowledge. The book also aims to help learners understand some cultural aspects characterizing life and work in Brazil.

24

²² Temas e estrutura do *Bons Negócios* (SANTOS, SILVA, 2013, p. 12, tradução nossa).

²³ Como usar o livro (SANTOS, SILVA, 2013, p. 14, tradução nossa).

²⁴ Bem-vindo! *Bons Negócios* é um livro pensado para quem quer aprender o português brasileiro para negócios seja individualmente, em aulas particulares ou em grupo. O livro foi escrito para aqueles com pouco ou nenhum conhecimento prévio de português e seu principal objetivo é desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos em falar, ouvir, ler e escrever, ampliando simultaneamente o conhecimento de vocabulário e gramática. O livro também visa ajudar os alunos a compreender alguns aspectos culturais que caracterizam a vida e o trabalho no Brasil. (BONS NEGÓCIOS, 2016, p. 12, tradução nossa).

THEMES AND STRUCTURE OF *BONS NEGÓCIOS*

In *Bons Negócios*, Brazilian Portuguese is presented and practiced around key themes in the workplace, such as team work, negotiations, interviews, presentations, and leadership. Those themes therefore form the central core of the twenty units comprising this book, and each unit is organized as follows:

- **Começando o Trabalho (Starting the Work):** In this section learners are presented with a situation involving the theme of the unit. They are then asked to reflect and make some conclusions about how the Portuguese language is used in that situation.

25

HOW TO USE THIS BOOK

The overall structure of this book has been designed following a sequence starting from less complex towards more complex ideas. In that regard, it makes sense to follow the sequence of the units and work from the beginning to the end. That does not mean that some units (or parts of units) cannot be skipped, or worked in a different order, if the learners have different needs.

26

Fonte: Santos e Silva, 2013

Logo no parágrafo inicial de boas-vindas, indica-se que “**o livro foi escrito para aqueles** com pouco ou nenhum conhecimento prévio de português (...)”, (BONS NEGÓCIOS, 2013, grifo nosso), marcando linguisticamente o receptor da publicação. Contudo, faz-se evidente salientar que todo livro produzido “para” alguém, foi escrito “por” alguém, sendo esse agente ocultado ao longo do paratexto do LD em análise. O mesmo apagamento da autoria e fortalecimento da impessoalidade ocorre em diversos trechos, como “**o livro também** visa ajudar os alunos a compreender alguns aspectos culturais (...)” e “**no Bons Negócios**, o português do Brasil é apresentado e praticado em torno de temas-chave no ambiente de trabalho”. (BONS NEGÓCIOS, 2013, grifo nosso).

²⁵ Temas e Estrutura do Bons Negócios. No Bons Negócios, o português do Brasil é apresentado e praticado em torno de temas-chave no ambiente de trabalho, como trabalho em equipe, negociações, entrevistas, apresentações e liderança. Esses temas formam, portanto, o núcleo central das vinte unidades que compõem este livro, e cada unidade está organizada da seguinte forma: - Começando o Trabalho: Nesta seção, os alunos são apresentados a uma situação envolvendo o tema da unidade. Em seguida, são convidados a refletir e tirar algumas conclusões sobre como a língua portuguesa é usada naquela situação. (BONS NEGÓCIOS, 2016, p. 12, tradução nossa).

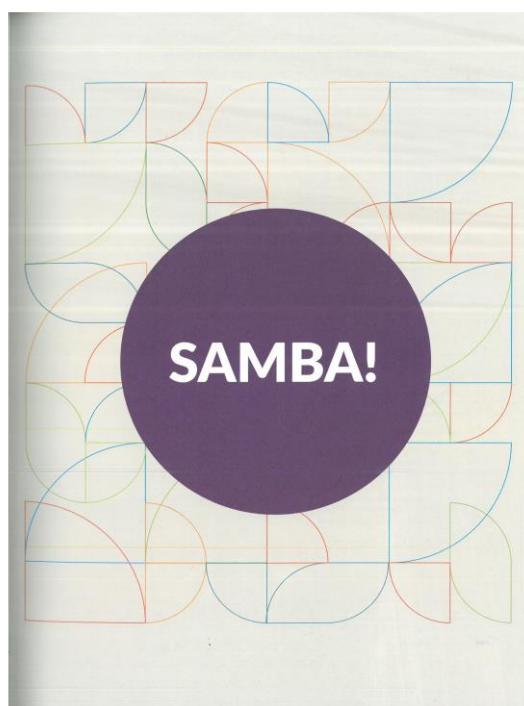
²⁶ Como Usar Este Livro. A estrutura geral deste livro foi projetada seguindo uma sequência que começa das ideias menos complexas para as mais complexas. Nesse sentido, faz sentido seguir a sequência das unidades e trabalhar do início ao fim. Isso não significa que algumas unidades (ou partes de unidades) não possam ser puladas ou trabalhadas em uma ordem diferente, se os alunos tiverem necessidades diferentes. (BONS NEGÓCIOS, 2016, p. 14, tradução nossa).

Desse modo, pode-se interpretar que, devido ao conteúdo do paratexto e à seção subsequente que apresenta uma mensagem dos autores, *A final message from the authors*²⁷, conforme visto na Figura 8, a produção de tais seções iniciais foram de responsabilidade editorial, embora, como recém apontado, não haja *presença* explícita de nenhum agente.

3.2.2 *Samba!:* curso de língua portuguesa para estrangeiros

Tal qual o LD *Bons Negócios: português do Brasil para o mundo do trabalho*, a primeira *ausência* de autoria se nota na falsa folha de rosto (cf. Figura 56), em que somente o nome da publicação é grafado. Contudo, a maior *ausência* nessa publicação é a da nota biográfica. Enquanto os outros livros analisados possuem até mais de uma ocorrência desse paratexto, o *Samba!:* curso de língua portuguesa para estrangeiros trata-se da única publicação do *corpus* que não possui qualquer informações sobre as autoras. Portanto, faz-se interessante reconhecer as trajetórias acadêmicas e profissionais das autoras, visto que, em geral, são essas atuações que geram prestígio e reconhecimento no âmbito didático.

Figura 56: falsa folha de rosto – *Samba!:* curso de língua portuguesa para estrangeiros



Fonte: Ferraz e Pinheiro, 2020

Andrea Ferraz²⁸ possui formação na área de Letras e especialização em PLE, conta com larga experiência no ensino de português para estrangeiros e contribuiu na autoria do livro *Vamos juntos (as)!:* curso de português como língua de acolhimento – trabalhando e estudando (2020). Isabel M. Pinheiro²⁹, por sua vez, também é graduada em Letras e especializada em Gramática. Atua como professora de PLE para crianças, jovens e adultos desde 2012 e, como Andrea Ferraz, contribuiu na autoria do livro *Vamos juntos (as)!:* curso

²⁷ Uma mensagem final dos autores (SANTOS, SILVA, 2013, p. 14, tradução nossa).

²⁸ Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/andrea-ferraz/1762>>. Acesso em: 15 maio 2023.

²⁹ Disponível em: <<https://grupoautentica.com.br/autentica/autor/isabel-m.-pinheiro/1763>>. Acesso em: 15 maio 2023.

de português como língua de acolhimento – trabalhando e estudando (2020). O livro *Samba!* trata-se da primeira publicação didática das autoras. Atualmente, ambas trabalham como professora de PLE da Aliança Francesa e da SKEMA Business School, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Conforme aponta Moraes (2010, p.51), “a simples inscrição do título ou do autor pode portar prestígio e transmiti-lo ao possuidor do livro em questão, tanto para deleite próprio como para comunicar aos outros”. Ao observar o currículo das autoras, nota-se que, apesar de possuírem anos de experiência no ensino de português para estrangeiros, majoritariamente em instituições privadas, são novatas na área de publicação de livros didáticos, o que pode reduzir o discurso persuasivo da assinatura e, naturalmente, influenciar na decisão gráfica-editorial do LD de não dispor uma nota biográfica acerca das autoras.

Por fim, ainda na mesma publicação, é possível verificar a *ausência* de marcas de autoria na seção “Como usar este livro” (cf. Figura 57). Embora tenham sido verificadas várias *presenças* nesse paratexto, devido, especialmente, ao uso da primeira pessoa do plural em diversas instruções, conforme pode ser visto na Figura 29, há na mesma página, em textos que também cumprem a função de orientar quanto ao uso do livro, um apagamento da autoria.

Figura 57: trechos da seção “Como usar este livro” - *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*





O ícone *Vamos escrever* convida o aluno a reinvestir os conteúdos aprendidos em uma produção escrita. Esta pode ser a simples redação de respostas claras e completas ou a execução de uma tarefa.



O ícone *Você sabia?* apresenta curiosidades, informações complementares sobre o Brasil ou a língua portuguesa.



Toda vez que o símbolo *Vamos sistematizar* aparecer, vamos organizar os recursos linguísticos que foram demandados ao longo das atividades.



Quando o ícone *Vamos assistir* aparecer, vamos ver um vídeo para ampliar nossa inserção na cultura brasileira e reforçar as habilidades de escuta, interpretação e comunicação.



O ícone *Vamos falar* indica a oportunidade de exercitar a prática oral, geralmente associada a outras habilidades como leitura e compreensão de textos.



O símbolo *Vamos buscar* sinaliza uma atividade na qual o estudante utiliza ferramentas digitais de busca na internet para adquirir informações relativas a algum conteúdo.

A partir das imagens acima, é possível perceber um afastamento e uma aproximação das marcas de autoria conforme as escolhas linguísticas adotadas em cada quadro, não havendo uma padronização textual. No trecho “Toda vez que o símbolo *Vamos sistematizar* aparecer, **vamos** organizar os recursos linguísticos que foram demandados ao longo das atividades” (SAMBA!, 2020, grifo nosso) promove-se um acercamento entre os produtores do LD e seus leitores, dando linguisticamente a entender que tal ação será coletiva e, portanto, o consumidor não estará desamparado na realização da orientação. Já no trecho “O símbolo *Vamos buscar* sinaliza uma atividade na qual **o estudante utiliza** ferramentas digitais de busca na internet para adquirir informações relativas a algum conteúdo” (SAMBA!, 2020, grifo nosso) a coletividade da ação é removida, tratando o estudante como um outro, uma terceira pessoa, sem qualquer aproximação dos agentes autores do texto.

3.2.3 Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro

Apesar do *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* ser o LD do *corpus* que mais reforça gráfico-editorialmente a *presença* de seus produtores, não há na sua falsa de folha de rosto (cf. Figura 58) qualquer marca de autoria, tal qual os livros analisados anteriormente. Portanto, mantém-se o tradicionalismo gráfico-editorial de *ausência* autoral nesse paratexto.

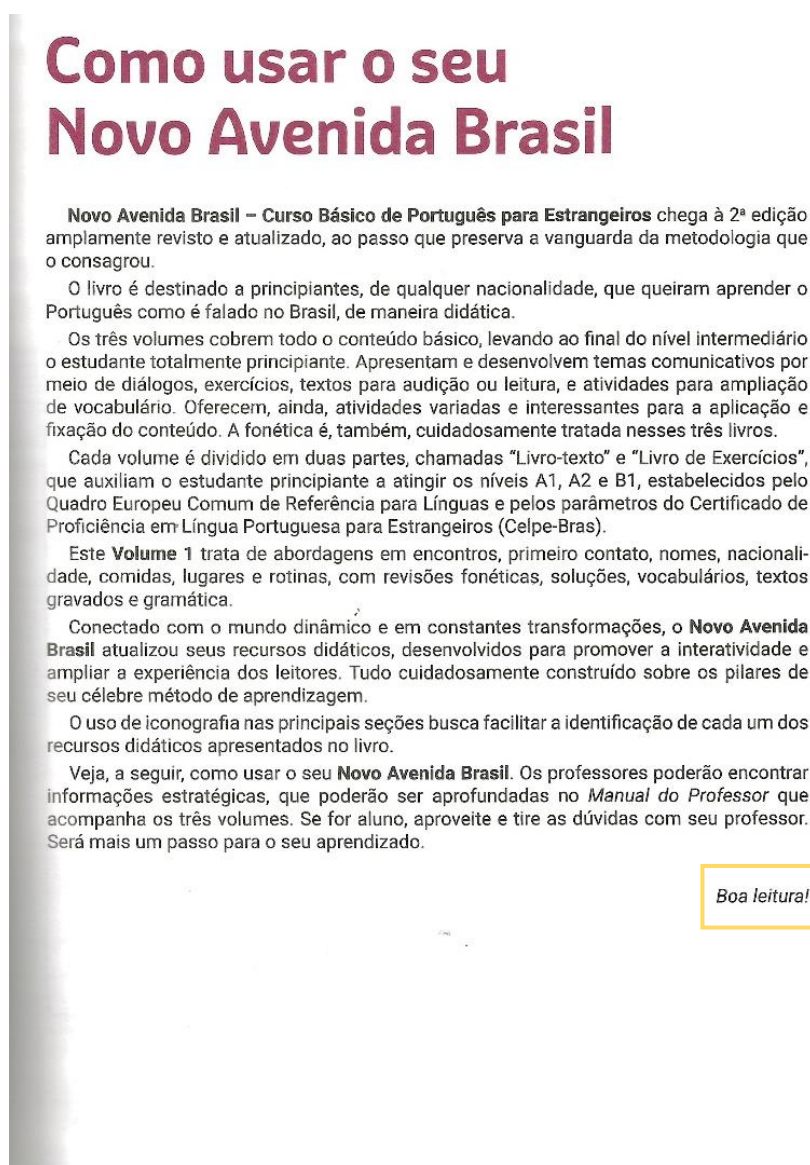
Figura 58: falsa folha de rosto - *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*

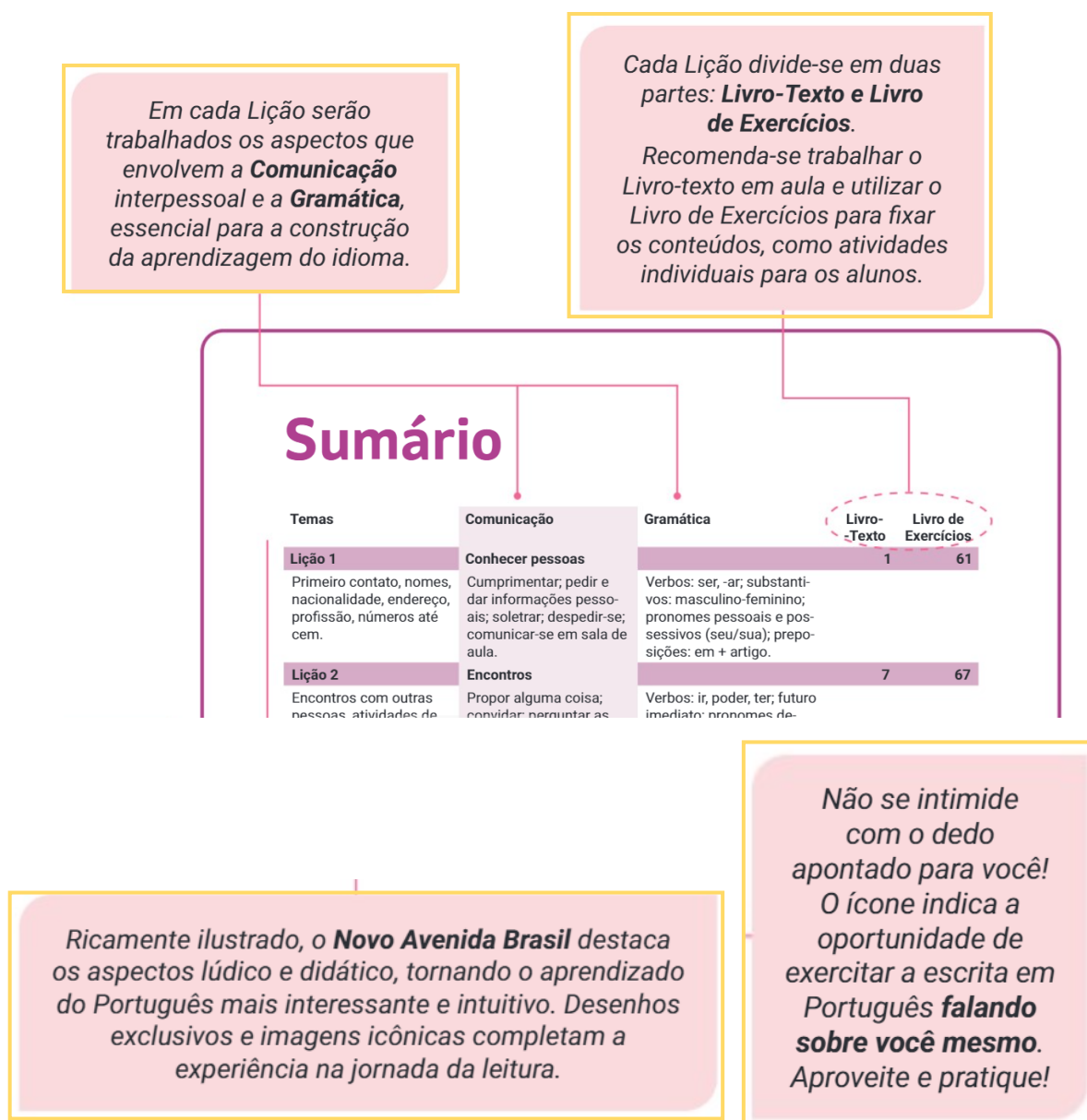


Fonte: Lima, Rohrmann. Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Na sequência, o texto de introdução e as orientações da seção intitulada “Como usar o seu novo Avenida Brasil” (cf. Figura 59) são apresentadas sem marcas explícitas de autoria. Partindo do texto introdutório, o nome do LD “Novo Avenida Brasil”, além dos termos “livro” e “volume” adotados para autorreferência, cumprem o papel de sujeitos no paratexto, realizando, portanto, as ações descritas, como pode ser observado em “**o Novo Avenida Brasil atualizou seus recursos didáticos**, desenvolvidos para promover a interatividade e ampliar a experiência dos leitores” (NOVO AVENIDA BRASIL 1, 2020, grifo nosso). Tal decisão linguística promove uma humanização do objeto livro e um apagamento dos agentes que atualizaram os recursos didáticos da publicação.

Figura 59: trechos da seção “Como usar o seu Novo Avenida Brasil” – *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*





Fonte: Lima, Rohrmann, Ishihara, Iunes e Bergweiler, 2020

Outro ponto de observação é que ao final do texto de introdução expressa-se o desejo de “boa leitura”, o qual, devido à ausência de assinatura do responsável pelo paratexto, é interpretado como uma assinatura coletiva, de todos aqueles que cumpriram uma função autoral na publicação. Dessa forma, nota-se que, em determinadas ocorrências, ainda que não haja um reconhecimento autoral explícito, é possível presumir a *presença* dos autores.

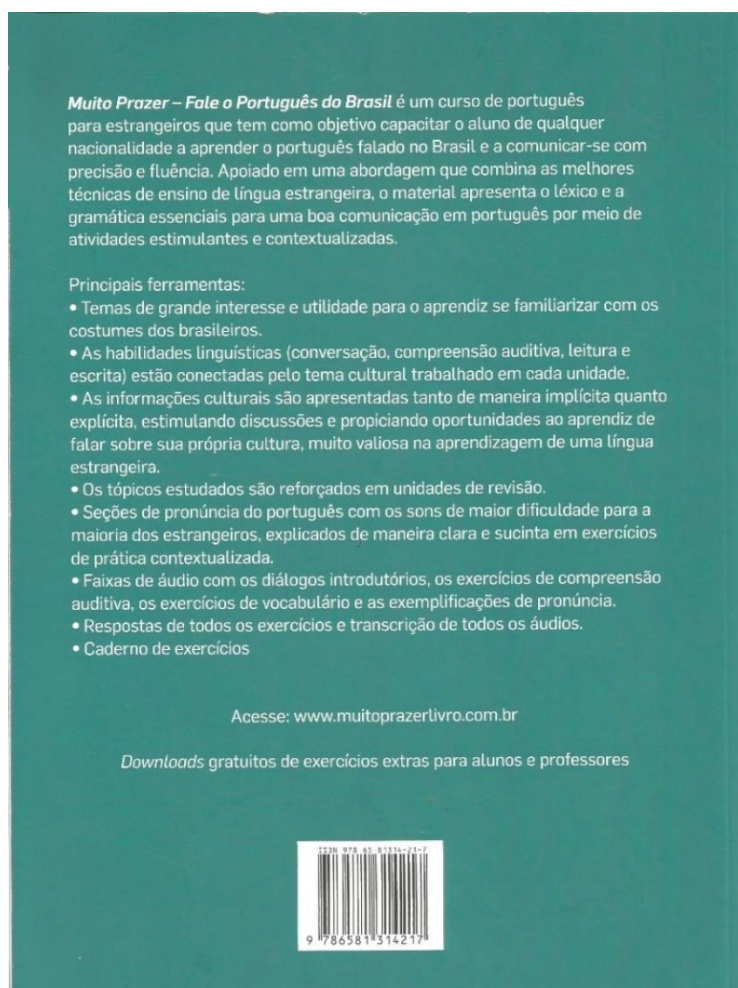
Já em relação às orientações de como utilizar o livro, observa-se em todos os blocos de texto o mesmo ocultamento de autoria que no texto introdutório. Diferentemente do que foi observado em uma seção similar no livro *Samba!* (cf. Figuras 28 e 29), em que o reforço do pronome “nós” sugere uma parceria na construção do conhecimento, nessa publicação

compreende-se que o aluno e o professor são os únicos agentes responsáveis pelo aprendizado. A tratativa ocorre em terceira pessoa sem nenhuma marca de pessoalidade, provocando um efeito de distanciamento entre os que cumprem uma função de autoria no livro, como autores e editora, e o leitor.

3.2.4 Muito Prazer: fale o português do Brasil

Iniciando a última análise desta pesquisa, a publicação *Muito Prazer: fale o português do Brasil* é a única do *corpus* em que se pode notar *ausência* de autoria na quarta capa (cf. Figura 60). Distintivamente dos outros livros, além de não haver nenhuma pessoalidade no texto que integra o paratexto, não há também qualquer menção à editora, seja via logo ou site. Tal escolha gráfica-editorial é muito incomum em LDs.

Figura 60: quarta capa - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*

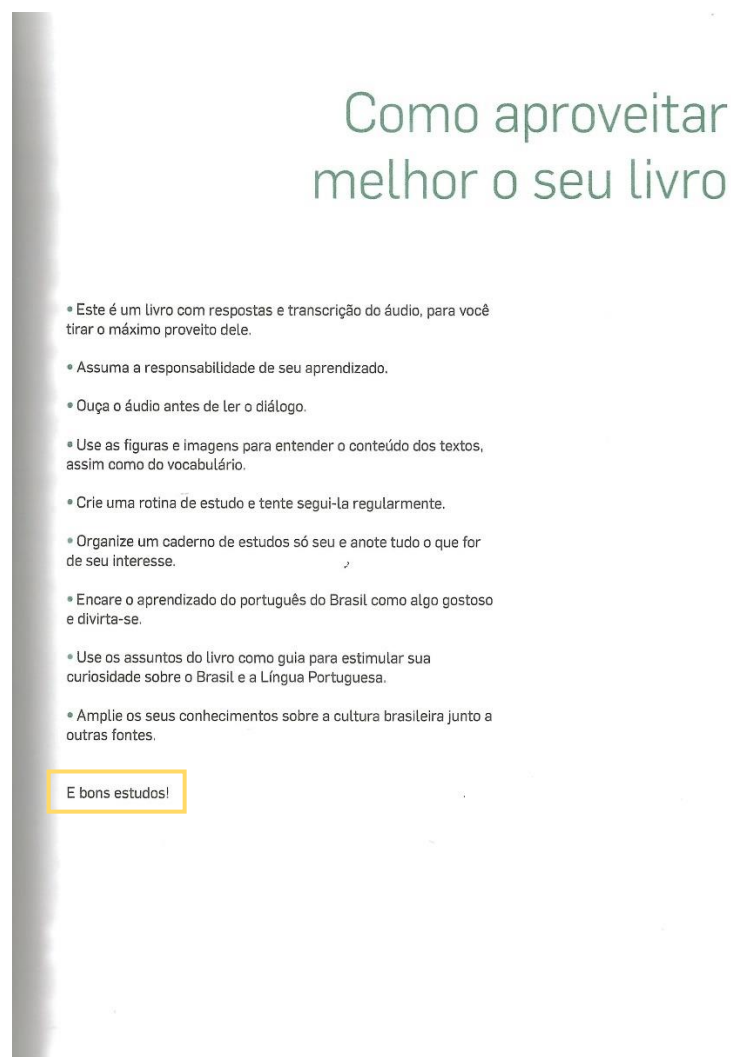


Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Interpreta-se que essa *ausência* pode se dar devido ao baixo reconhecimento e tradicionalismo da editora Lexikos, responsável pela publicação. Como visto anteriormente, trata-se de uma empresa fundada em 2018 que conta com poucas publicações em seu catálogo, sendo somente duas na área de PLE: *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* volume 1 e volume 2.

Por fim, a última *ausência* de autoria notada na publicação é no paratexto “Como aproveitar melhor o seu livro”. Utilizando-se da terceira pessoa do modo imperativo, o texto age como uma receita, recomendando por meio de uma lista de ações tanto em relação ao uso do livro, como em “**ouça** o áudio antes de ler o diálogo” e “**use** as figuras e imagens para entender o conteúdo dos textos, assim como dos vocabulários”, quanto acerca dos estudos, como em “**assuma** a responsabilidade de seu aprendizado” e “**crie** uma rotina de estudo e **tente** segui-la regularmente” (MUITO PRAZER, 2022, grifo nosso).

Figura 61: como aproveitar melhor o seu livro - *Muito Prazer – Fale o português do Brasil*



Fonte: Fernandes, Ferreira e Ramos, 2022

Entende-se que, embora não haja evidência linguística e gráfica-editorial de marcas de *presença* autoral na seção, o uso do imperativo acaba dando outro tom ao texto, de mais proximidade, visto que essa forma verbal é uma maneira de fazer o receptor prestar mais atenção, focar naquilo que se está dizendo, detonando, portanto, mais autoridade e força no discurso.

Por fim, assim como no *Novo Avenida Brasil 1*, encerra-se a seção também com votos, nesse caso o anelo é de “bons estudos”. Do mesmo modo que a análise anterior, é notável que há uma *ausência* explícita de marcas de autoria visto às escolhas linguísticas e à falta de assinatura ao final do texto, contudo também pode-se presumir uma *presença* de todos os agentes responsáveis pela publicação. Nesse caso, interpreta-se também que a *ausência* de uma assinatura pode ser também sua *presença*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ir ao encontro de e refletir acerca da autoria e da função autor no LD de PLE a partir de uma análise gráfica-editorial não é um exercício elementar. A partir do momento em que se investigam as decisões gráfica-editoriais e seus possíveis sentidos que, normalmente, não são notados à primeira vista, torna-se impossível ignorar a *presença* e a *ausência* das marcas de autoria em um livro.

Isso posto, este trabalho se propôs a investigar a manifestação da autoria e da função autor nos projetos gráfico-editoriais dos LDs de PLE *Bons Negócios – Português do Brasil para o mundo do trabalho*, *Falar...Ler...Escrever...Português: um curso para estrangeiros*, *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*, *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro* e *Muito Prazer: fale o português do Brasil – Livro 1*.

Com essa finalidade, foi realizada uma pesquisa documental que partiu da apresentação e discussão dos conceitos-chave que nortearam este estudo – autoria e função autor – à luz de Michel Foucault (1969/2001) e Roger Chartier (2000/2021). Faz-se importante reafirmar que, apesar de ambos os teóricos não tratarem especificamente desses conceitos no LD, suas contribuições foram fundamentais e orientadoras para as discussões presentes neste estudo.

A partir da discussão proposta no primeiro capítulo, pôde-se verificar que Foucault (2001) e Chartier (2021) se valeram em seus estudos de documentos que incentivaram e estabeleceram o direito autoral, o qual resultou nas maneiras de identificação, responsabilização e punição, pela Igreja e pelo Estado, de todos aqueles que escreviam, editavam e distribuíam textos. Embora Chartier (2021) conteste a cronologia proposta por Foucault (2001), o historiador se aproxima de três princípios estipulados pelo filósofo: 1) a função autor não é nem universal, nem atemporal; 2) a análise de indícios materiais presentes nos textos, sejam eles canônicos ou ordinários, é fundamental para compreender as variações das condições de exercício da autoria ao longo do tempo e de uma cultura para outra; e 3) a forma como as publicações circulam, sendo diferentemente hierarquizadas e valorizadas, mostram a necessidade ou não da presença do nome do autor.

A partir dos princípios dispostos anteriormente, propôs-se que uma das formas de verificá-los no *corpus* deste estudo era por meio das decisões gráfico-editoriais adotadas em cada publicação, buscando compreender melhor, assim, qual o papel das assinaturas que indicam autoria na engrenagem da produção do LD de PLE. Portanto, para tal, no segundo

capítulo desta pesquisa, discutiu-se a linguagem e a intencionalidade que cabe em um projeto gráfico-editorial. A partir da discussão proposta, fortaleceu-se a compressão de que a configuração visual e textual de um livro é fruto do planejamento, das definições editoriais, da intencionalidade e dos formatos gráficos empregados, sendo todas essas ações de responsabilidade de diferentes agentes que cumprem funções de autoria diversas na publicação.

Segundo sinaliza Genette (2009, p. 42), “o nome do autor cumpre uma função contratual de importância muito variável conforme os gêneros” e, quando se trata da área de didáticos, com base na análise realizada no terceiro capítulo desta pesquisa, o nome do autor muitas vezes ultrapassa a função contratual, enquanto pessoa jurídica, cumprindo também uma função de pessoa física, marcando uma personalidade na publicação. Para além, como pontuado anteriormente, outras assinaturas e marcas de autoria, como as logos das editoras e a impressão de seus *sites*, também puderam ser verificadas nesta pesquisa, sugerindo possibilidades de leituras acerca da autoria e da manifestação da função autor.

Partindo da primeira publicação analisada, *Bons Negócios – portugueses do Brasil para o mundo dos negócios*, a marca de autoria que mais chamou atenção foi a *presença* das notas biográficas de Denise Santos e Gláucia V. Silva na quarta capa, sendo o único LD analisado em que as autoras têm suas trajetórias acadêmicas e profissionais detalhadas no espaço externo do livro. Tal decisão gráfica-editorial subverteu o tradicionalismo de apresentar esse paratexto somente no interior do LD, marcando explicitamente a autoria e fortalecendo a presença das autoras na publicação. Quanto às *ausências*, houve o apagamento da autoria no texto introdutório da apresentação e em seus dois tópicos subsequentes, que também integram o paratexto. Visto o tom burocrático-institucional, interpretou-se que tais seções foram de responsabilidade editorial, embora não houvesse nenhuma marca explícita de autoria.

Na sequência, o LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para Estrangeiros* foi a publicação do *corpus* que mais reforçou institucionalmente a *presença* das autoras Emma Eberlein O. F. Lima e Samira A. Iunes, contando com três notas biográficas no interior do livro. A única *presença* física ficou a cargo do prefácio, escrito em primeira pessoa, com assinatura ao final. Há nesse paratexto uma *presença* absolutamente afetiva, estabelecendo uma relação de proximidade e confiança com o leitor. Outra *presença* muito interessante que se viu foi a assinatura *fac-símile* do autor das ilustrações do LD, Sendino. Ao tomarem tal decisão gráfica-editorial, reforçou-se uma identidade própria do profissional. Por fim, acerca das *ausências*, o LD *Falar...Ler...Escrever...Português - Um Curso para*

Estrangeiros foi o único em que não se notou nenhum apagamento de autoria com base nos agentes e paratextos analisados.

A terceira publicação analisada foi o livro *Samba!: curso de língua portuguesa para estrangeiros*. Nele, a *presença* da assinatura do coordenador pedagógico Pierre Alfarroba na “Apresentação” atrai a atenção, uma vez que não há nenhum outro paratexto no LD em que ele tenha uma posição de destaque como autor. Como indagado na análise, questiona-se qual o papel de autoria desempenhado por esse profissional em publicações didáticas, sendo um caminho frutífero para pesquisas futuras, visto que não foram encontrados estudos que abordem a *presença*, cada vez mais frequente, desse profissional nos LDs. Ainda no livro *Samba!* também foi possível verificar em diferentes paratextos a maior quantidade de verbos conjugados na primeira pessoa do plural, “nós”, sugerindo ações coletivas e causando um estreitamento entre leitor e agentes responsáveis pela publicação. Quanto às *ausências*, a maior de todas é a da nota biográfica. Diferentemente dos outros livros que integram o *corpus*, essa é a única publicação que não possui esse paratexto, resultando em um apagamento das trajetórias acadêmicas, profissionais e pessoais das autoras Andrea Ferraz e Isabel M. Pinheiro.

A seguir, tem-se a publicação que mais reforçou a *presença* institucional dos responsáveis pela sua publicação e circulação, o LD *Novo Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiro*. Ao longo dos paratextos analisados, foram 20 aparições das logos e dos sites do grupo GEN e da editora E.P.U. Entre os livros que integram o *corpus*, não há dúvidas que se encontra nessa publicação a maior repetição de elementos visuais que reforçam a *presença* institucional desses agentes, destacando-os em comparação aos demais agentes envolvidos. Em relação às *ausências*, na seção “Como usar o seu novo Avenida Brasil” verificou-se que, além de não possuir marcas explícitas de autoria, como assinatura e verbos conjugados em primeira pessoa, há uma humanização do objeto livro. Linguisticamente, se atribuiu algumas atualizações realizadas na publicação ao LD, apagando os profissionais que realmente atuaram nessas ações.

Por fim, o livro *Muito Prazer – Fale o português do Brasil* é a publicação mais curiosa quanto à *presença* autoral do *corpus*. Como verificado, duas das três autoras do LD são também as fundadoras e as responsáveis pela edição da editora Lexikos: Telma de Lurdes São Bento Ferreira e Vera Lúcia Ramos, desempenhando, portanto, tripla autoria na publicação. Possivelmente por esse fato, esse é o livro que mais fortalece gráfico-editorialmente a *presença* das autoras, possuindo mais paratextos que humanizam e reforçam suas pessoas físicas, uma vez que as outras instâncias de autoria, editoras e empresa, também

são representadas pelas autoras. Assim, principalmente por meio dos paratextos de “agradecimento”, “dedicatória” e “apresentação”, há uma evidenciação dessas agentes e um ocultamento da Lexikos, sendo a editora, em âmbito institucional, com maior *ausência* no *corpus* analisado nesta pesquisa.

Embora não se propusesse comparativa, esta pesquisa identificou projetos gráfico-editoriais muito distintos um do outro no que concerne às marcas de autoria e à função autor. Percebeu-se que o fortalecimento de algumas instâncias autorais se deu de formas particulares, seja gráfica ou textualmente. Privilegiou-se, em determinados casos, a assinatura do autor, em outros, a assinatura da editora por meio de sua logo, seu nome ou seu *site*, mas certamente pode-se concluir que, para além dessas duas instâncias de autoridade, há diferentes tipos de autorias desempenhadas em um LD de PLE, visto seu caráter colaborativo de produção.

Editores, diagramadores, designers, coordenadores pedagógicos, ilustradores, produtores da ficha catalográfica, revisores, assistentes e tantos outros profissionais que são responsáveis por transformar um conceito em um produto cumprem uma função de autoria. Cada um a seu modo, com suas especificidades, deixa sua assinatura na publicação, sendo essa marca de autoria às vezes manifestada, às vezes ocultada, conforme múltiplas intenções e decisões gráfica-editoriais.

Portanto, respondendo aos objetivos propostos, este estudo permitiu compreender que a função autor não diz respeito e nem é desempenhada somente por aquele que tem seu nome impresso em uma publicação. Tanto a *presença* quanto a *ausência* assumem um lugar estratégico em cada LD analisado. Muitas vezes, a *ausência* de uma marca de autoria evidencia a sua *presença*, visto que a falta de uma assinatura pode indicar uma autoria coletiva.

A partir desta pesquisa, abrem-se caminhos frutíferos de estudos, especialmente, no campo da autoria e da função autor, visto sua curta bibliografia e seu baixo entrecruzamento com outras áreas. Entre os percursos possíveis, encontram-se a análise das marcas de autoria nos textos de publicações didáticas, o detalhamento dos tipos de função autor presentes em uma obra e o entendimento da autoridade do autor na engrenagem editorial.

BIBLIOGRAFIA

ADG. Associação dos *Designers* Gráficos – Brasil. *ABC da ADG*: glossário de temas e verbetes utilizados em *Design* Gráfico. São Paulo: Blucher, 2012. Disponível em: <<http://naolab.nexodesign.com.br/wp-content/uploads/2018/07/A-B-C-da-A-D-G.compressed.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *O ensino de português como língua não-nativa*. In: Biblioteca Virtual do Museu da Língua Portuguesa. São Paulo, 2006. Disponível em: <www.estacaodaluz.org.br>. Acesso em: 10 out. 2022.

ALVES, M. A. S. A Autoria Em Questão A Partir De Foucault: Autor, Discurso, Sujeito E Poder. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.l.], v. 22, n. 37, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19932>>. Acesso em: 20 out. 2022.

AGAMBEN, G. O autor como gesto. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANDRADE, E. R. DE. A Autoria e a função-autor no livro didático. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, v. 5, n. 2, 11.

ARAÚJO, E. *A construção do livro*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

BARRETO, B. C.; MONTEIRO, M. C. G. *Professor, livro didático e contemporaneidade*. 2008. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11983/11983.PDF>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

BARTHES, R. A Morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BATISTA, A. A. G. O conceito de “livros didáticos”. In: GALVÃO; A. M. O.; BATISTA, A. A. G. *Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 41-74.

BITTENCOURT, C. M. F. *Autores e editors de compêndios e livros de litura (1810 – 1910)*. Educ. Pesquisa [online]. 2004, vol. 30, n.3.

BITTENCOURT, C. M. F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*, 1993. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1993.

BRAGANÇA, A. Sobre o editor: notas para sua história. *Em Questão*, 11 (2), 219-237, 2005.

BUNZEN, C.; ROJO, R. Livro didático de Língua Portuguesa como gênero do discurso: autoria e estilo. In: COSTA VAL, M. G.; MARCUSCHI, B. (Orgs.). *Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 73-118.

CASSIANO, C. C. DE. F. *Circulação do livro didático - entre práticas e prescrições: políticas públicas, editoras, escolas e o professor na seleção do livro escolar*. 2003. 169 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

CAMARGO, L. *Ilustração do Livro Infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CARVALHO, R. A. P. *Projeto gráfico do livro didático para comunidades específicas*. Pesquisas em Discurso Pedagógico (on-line), 2008. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11981/11981.PDF>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CAVALHEIRO, J. do S. A Concepção de Autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v.11, n.2, p. 67-81, 2008.

CECCANTINI, J. L. C. T.; AGUIAR, V. T. de. Literatura juvenil sob coerções. In.: PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade (Org.). *Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção*. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reinaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, R. *O que é um Autor?* Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CURCINO, L. Reflexões sobre a ‘autoria’ à luz da história cultural: contribuições de Roger Chartier. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 15, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1283>. Acesso em: 25 maio. 2023.

DORIGATTI, B. “Ascensão e declínio do autor”. In: *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004, p. 1.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. O conceito “*Língua de Herança*” na perspectiva da *Linguística e da Didática de Línguas*: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. *Domínios de Linguagem*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 16–45, 2014. DOI: 10.14393/DLesp-v8n3a2014-3. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/24736>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

FLORISSI, S. *O ensino de Português a Estrangeiros: o Poder Econômico da nossa Língua*. Museu da Língua Portuguesa, 2017. Disponível em: <<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/o-ensino-de-portugues-estrangeiros-o-poder-economico-da-nossa-lingua/>> Acesso em: 5 ago. 2022.

FOUCAULT, M. O que é o autor? In: *Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

GENETTE, G. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALUCH, A. *Guia prático de design editorial: criando livros completos*. 2AB: Rio de Janeiro, 2013.

HENDEL, R. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. Disponível em: <<https://www.livrebooks.com.br/livros/o-design-do-livro-richard-hendel-sg2nbs2i3akc/baixar-ebook>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

LACERDA, M. G.; FARBIARZ, J. L. Livro: um projeto de *Design* na Leitura. In.: PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade (Org.). *Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção*. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

LEIRIA, I. Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. Idiomático. *Revista Digital de Didáctica de PLNM*. Lisboa. 2004. p. 1

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: Vilson J. LEFFA; Valesca B. IRALA. (Orgs.). *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48.

LOPES, J. H. Materiais didáticos de português para falantes de outras línguas: do levantamento de produções brasileiras a uma nova proposta. In. FURTOSO, Viviane. B. *Formação de professores de português para falantes de outras línguas: reflexões e contribuições*. Londrina: EDUEL, 2009.

LOPEZ, A. P. de A.; DINIZ, L. R. A. Iniciativas Jurídicas e Acadêmicas para o Acolhimento no Brasil de Deslocados Forçados. *Revista da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira*, Brasília, Edição especial. n. 9, 2018.

LÔPO RAMOS, A. A. (2021). Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 13(01), 233–267. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/rbla.v13i01.37207>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

LOURENÇO, D. A. *Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers*. Dissertação. (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26092>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

MARCHAND, M. (1957). *Português para estrangeiros*. Porto Alegre: Edições Sulinas.

MEYER, R. M. B. A nova presença internacional da língua portuguesa. In: MEYER, Rosa M. de B.; ALBUQUERQUE, Adriana. *Português: uma língua internacional*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2015. Disponível em: < <http://www.editora.puc-rio.br/media/portugues%20uma%20lingua%20internacional%20novo.pdf> >. Acesso em: 5 ago. 2022.

MIRANDA, M. P. G.; ROCHA, D. L. Projeto gráfico editorial: ensaio sobre as características do livro didático digital e interativo.. In: *13 Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 2019, Joinville. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Editora Blucher, 2018.

MORAES, D. D. C. D. *Design de capas do livro didático: a Editora Ática nos anos 1970 e 1980*. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Com-Arte Editora Laboratório, 2017. v. 1. 296p.

MORAES, O. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de. (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008, p. 49.

MUNAKATA, K. *O livro didático como mercadoria*. Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 23, p. 51-66, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/9zhGQRDGbZ8FmWXpdNVNxp/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

MUZZI, E. Paratexto: espaço do livro, margem do texto. In: QUEIROZ, S. (Org.). *Editoração: arte e técnica*. Viva voz; Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2015. v. 3, p. 57-61.

NASCIMENTO, L. A. do. *O design do livro didático de alfabetização: tipografia e legibilidade*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, p. 166, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-8MSNA5>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

NAVARRETE, E. (2012). Construção e Funcionamento do Autor: Barthes, Foucault e Chartier. *Revista Urutágua*, (27), 95-111. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/revurut.v0i27.16170>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PACHECO, D. G. L. C. *Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo*. 2006. 335f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

PAIVA, A. P. M. Edição de livros infantis: interfaces e tecnologias da escrita do encantamento. In.: PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade (Org.). *Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção*. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

PINHEIRO, M. P. O diálogo entre texto escrito, ilustração e projeto gráfico em livros de literatura infantil premiados. In OLIVEIRA, Luiz Henrique de; MOREIRA, Wagner. (Orgs). *Edição e Crítica*. Belo Horizonte, CEFET-MG, 2018.

PINHEIRO, M. P., & TOLENTINO, J. M. A. (2019). O papel do projeto gráfico na construção narrativa de livros de literatura infantil contemporâneos. *Manuscrita: Revista De Crítica Genética*, (37), 39-53. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177960>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

PLACCO, V. M. N.S (org.); ALMEIDA, L. R (org.). *O coordenador pedagógico no espaço escolar: articulador, formador e transformador*. São Paulo, Loyola, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Documents/MESTRADO/LEITURAS/Degust_coordenador_pedag%C3%B3gico_articulador.pdf>. Acesso em: 6 maio 2023.

PUZZO, M. B. A questão da autoria no livro didático. *Revista Eutomia*, Recife, 11 (1): 327-343, Jan./Jun. 2013. Disponível em: <www.repositorios.ufpe.br> Acesso em: 20 out. 2022.

SOUSA, E. C. de. *Grande sertão: veredas em diferentes versões: um estudo sobre*

os paratextos em seis décadas de edição (1958–2015). Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/aleess/Downloads/DISSERTACAO_TEXTO_INTEGRA_definitiva_30ago2017.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2023.

RALEJO, A. S. *Autoria de livros didáticos: desafios e possibilidades na produção do conhecimento histórico escolar*. Rio de Janeiro, 2014. 166f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://ppge.educacao.ufrj.br/Disserta%C3%A7%C3%B5es2014/dadrianaralejo.pdf>>. Acesso em: 1º nov. 2023.

RALEJO, A.; MONTEIRO, A. M. (2020). Livros didáticos: autoria em questão. *Escritas Do Tempo*, 2(5), 117-134. Disponível em: <<https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v2.i5.2020.117134>>. Acesso em: 10 out. 2022.

RETO, L. (Coord) e Outros – O Essencial sobre A Língua Portuguesa como Ativo Global. INCM, Lisboa, 2020. C

SCHLATTER, M.; BULLA, G.; COSTA, E. V. da. Português como Língua Adicional: uma entrevista com Margarete Schlatter. *ReVEL*. vol. 18, n. 35, 2020. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.revel.inf.br/files/3979a6ecf118d99835787c92b01de296.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2023.

SILVA, F. C., & JÚNIOR COSTA, E. (2020). O ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAC) na linha do tempo dos estudos sobre o Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil. *Revista Horizontes De Linguística Aplicada*, 19(1), 125–143. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/rhla.v19i1.24117>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

SILVA, G. O fim é apenas o começo: o ensino de português língua de herança para adultos e adolescentes. In: JENNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M.C. (Org). *Português como língua de herança: A filosofia do começo, meio e fim*. New York: Brasil em Mente, 2015. p. 2-5.

SOARES, S. M. C. *Português Língua de Herança: Da Teoria à Prática*. Faculdade de Letras Universidade do Porto. 2012.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do brasil. *Revista Contingentia*. v. 1, n. 1. p.1-10, novembro, 2006.

VILAÇA, M. L. C. *A Elaboração de Materiais Didáticos de Línguas Estrangeiras: Autoria, Princípios e Abordagens*. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. XVI, p. 51-60, 2012.

VILLAS-BOAS, A. *O que é [e o que nunca foi] design gráfico - Versão ampliada - 6a. edição*. 6. ed. Teresópolis: 2AB Editora, 2007. Disponível em: <http://naolab.nexodesign.com.br/wp-content/uploads/2013/04/o-que-e-o-que-nunca-foi-design-grafico_cap1-3.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2023.

WILLIAMS, R. *Design para quem não é designer*: noções básicas de planejamento visual. 8 ed. Trad. Laura Karin Gillon. São Paulo: Callis, 1995.